



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Talita Fernandes Araujo**

**O RAP EM CENA COMO ACONTECIMENTO: PRODUZINDO UM DEVIR NOUTRO  
TEMPO HISTÓRICO**

Florianópolis/SC  
2024

Talita Fernandes Araujo

**O RAP EM CENA COMO ACONTECIMENTO: PRODUZINDO UM DEVIR NOUTRO  
TEMPO HISTÓRICO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra em História Global na linha de pesquisa Histórias Entrecruzadas de Gênero, Poder e Subjetividades.

Orientadora: Prof. (a) Dr. (a) Cristina Scheibe Wolff

Florianópolis/SC  
2024

Araujo, Talita Fernandes

O Rap em Cena Como Acontecimento: Produzindo Um Devir  
Noutro Tempo Histórico / Talita Fernandes Araujo ;  
orientadora, Cristina Scheibe Wolff, 2024.

96 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Estudos do tempo. 3. Teoria da  
história. 4. Teoria crítica de raça. 5. Gênero. I. Wolff,  
Cristina Scheibe . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III.  
Título.

Talita Fernandes Araujo

**O Rap em Cena Como Acontecimento: Produzindo Um Devir Noutro Tempo Histórico**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 23 de fevereiro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo -  
Instituição - UFSC

Prof.(a) Dr.(a) Mariurka Maturell Ruiz  
Instituição - UDESC

Prof.(a) Dr.(a) Janine Gomes da Silva (Suplente)  
Instituição - UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em História Global.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.(a) Dr.(a) Cristina Scheibe Wolff  
Orientadora

Florianópolis, 2024.

Dedico; à minha vó Dona Quinha que me ensinou o gosto pela liberdade que  
carrega só seu nome em sua identidade e é dona da sua história.

## AGRADECIMENTOS

É difícil começar, como se começam agradecimentos, como dizer sobre algo que meio impalpável, que está dentro da gente que é como a gente sente, não é difícil agradecer, mas é difícil definir escrever e descrever esse sentimento. Primeiro queria agradecer todos aqueles meus antepassados e ancestrais que me sonharam, a pós-graduação não foi sonho gestado de dentro para fora, mas de fora para dentro. Eu desconhecia essa possibilidade para ao menos ousar sonhá-la, usei e sonhei, um sonho da impossibilidade, como tempo histórico que falo na dissertação. Dedico a todos os intelectuais negros e negras que estão construindo caminhos possíveis para eu possa ter onde caminhar.

Agradeço a confiança, apoio e incentivo de minha orientadora Profa Dra Cristina Scheibe Wolff, pela correção afetiva respeitosa do meu texto foram de suma importância para construção de uma confiança naquilo que estava escrevendo. A grato a minha banca de qualificação compostas por; Profa. Dra Mariuka Maturell Ruiz (UDESC) e Prof Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo (UFSC), pela disponibilidade devida as circunstâncias, pelos comentários e incentivos para produção da pesquisa. As conversas com a Dra Profa Soraia Carolina, ao secretário da Pós-graduação Victor.

Ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), a qual faço parte, as amizades construídas na disciplina de gênero, obrigada pelas conversas profundas sobre a vida, sobre questões que estudamos e sobre que permeia nossa existência que atravessa tudo aquilo que estudamos. Agradeço imensamente a minha amiga Jaine que desde de sempre acredita em mim, obrigada pelas discussões sobre Lélia Gonzales caminhamos juntas. As meninas que formaram um bonde da disciplina de gênero e outras que fomos agregando pelo caminho nos acolhendo, desde do primeiro dia em que não sabia como comer no restaurante universitário, obrigada: Thati, Helena, Jaine, Juliana, Didi.

Agradecimento a minha amiguita do coração kt. trajano. pelo bonde da piorzinhas, somos meio diferentes, meio igual, construímos eventos juntas, discutimos sobre tudo que nos atravessa, discordamos, escrevemos, fomos ao baile funk, no samba, obrigada por me lembrar sempre que gente é tudo isso, porque a gente discute crítica radical negra na roda do samba, samba em cima da crítica radical, radicalizando assim a nossa própria existência.

Nesse momento me volto a uma grande amiga Carla Ramos que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma, em momentos difíceis ela sempre me dá notícia que nem tudo está perdido, que a vida é mais simples que minha neurose. Obrigada pelas trocas, pelo cuidado por me incluir em sua família. Obrigada família Ramos.

Obrigada minha amiga de infância e adolescência Franciellen, que é meu abrigo certo a parceria de anos, que incentiva, acredita e torce pela minha história.

Aos meus amigos e professores da UNESPAR de Paranaguá-PR, ao Professor Dra José Ronaldo Fassheber (in memoriam), conhecido como professor Zeh que orientou na minha primeira iniciação científica, a minha orientadora de TCC na

graduação que acompanhou as minhas angústias acadêmicas, Profa Dra Leticia Gutteres. Ao Professor Dr Marco Antônio pela minha inserção nos debates raciais. Ao professor Dr Marcelo Carreiro da Silva Aos meus amigos: Carla, Icaro, Diogo, Lawrence

Essa dissertação também tem um pouquinho do meu irmão, Jonas Araujo que também é historiador e compartilha comigo debates teóricos mesmo não gostando de teoria, que me ajuda para além de discussões, mas materialmente. Nossa conexão foi construída com muito afeto e carinho dizer que te amo é mesmo dizer “subi para cima” é obvio, a gente se ama com a presença integral na existência um do outro.

O meu amigo do coração Dario Neto, que passou de meu professor a meu amigo, pelas discussões teóricas sobre rap, que compreende minhas provocações teóricas, é o uspiano mais pós-moderno que eu conheço. Que sempre me incentivou o caminho da pesquisa, obrigada pelas conversas teóricas, pelas ajudas materiais por sempre se fazer presente.

As minhas companheiras de república Isa e Ka, por sempre ter uns abraços a disposição, por segurar a minhas crises enquanto eu escrevo. Essa dissertação foi escrita com literalmente elas do meu lado obrigado por serem minha companhia e minha família.

Enfim queria agradecer aos meus pais que moram no interior de Minas Gerais Sr. Pedro Caetano Araujo e Sra. Neuza Maria Fernandes Araujo, pela vida, por terem construído possibilidades para que eu possa ser quem sou. A minha família extensa Tia Cida, prima Juliana, primo Zedy, Tia Lurdinha, primo Junior, Tio Maurilio, Tia Rosa, Tio Dico e todos que moram no meu coração.

A todos que compõe e trilham o caminho comigo mesmo que seu nome não esteja nesse agradecimento, “eu sou porque nós somos”, sem coletividade nós não existiríamos.

Á CAPES, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

Por esse motivo, eu não estou tentando convencer ninguém do meu valor como pensadora, apenas para deixar claro que estou envolvida em um projeto diferente, que implica uma crítica da civilização ocidental para que possamos viver e o planeta não seja destruído. Intelectuais radicais estão lidando com questões essenciais para pensarmos sobre nossas vidas. Não estamos implorando para entrar na biblioteca do clube de fazendeiros europeus. Não há trilha que tenha sido traçada pelos filósofos e teóricos europeus mais brilhantes e respeitados que respondam às questões da morte social e da vida negra. E isso é apenas um fato.

Saidyia Hartaman

## RESUMO

Essa dissertação é um esforço teórico para construção de uma nova política do tempo, a partir dos versos de rappers brasileiros diversos. Assumindo então uma posição política contra hegemônica dentro dos “estudos do tempo” a fim de construir uma discussão que dê conta das corporeidades racializadas pela modernidade. Os/As poetas narram então em seus versos como são atravessados pela experiência da racialização cotidianamente. Portanto no procedimento poético da escrita dos versos os *rappers* acionam o enunciado da escravidão para denunciar a violência racial antinegra na contemporaneidade. Sendo assim se a escravidão é em tese pelo tempo disciplinar uma temporalidade muito distante do tempo presente, por que esse enunciado faz sentido no mundo contemporâneo? Como os/as rappers estão experimentando o tempo histórico na escrita dos seus versos? É importante demarcar que a então pesquisa tem um posicionalidade definida, a mulher negra que escreve, vai aparecendo no texto em momentos diversos, o percurso da escrita caminhou para uma escrita indisciplinar da história. Considerando assim que o *rap* vem da cultura hip-hop, sendo uma forma de linguagem que nasce afro-diáspora a partir dos fluxos e contrafluxos, constituindo um lugar em que sujeitos alijados nos guetos constroem e experimentam narrativas das suas existências. A palavra produz um corpo, um corpo produz uma palavra, enunciando assim outras formas de existir no mundo. Então de que forma os sujeitos estão narrando sobre essa temporalidade ficcionada pelos versos? A partir dessa premissa será trabalhado durante todo percurso da pesquisa algum verso. Sendo assim para não cair na “ignorância branca” que reproduz modelos epistemológicos e cognitivos inventados pela modernidade. É necessário primordialmente questionar a bases conceituais de construções de conhecimento, para contar e narrar a história dos sujeitos raciais. Portanto o lugar epistemológico desta dissertação o do feminismo negro, do gênero, da crítica radical negra, estando a pesquisa em um esforço a epistêmico de construção de uma contra história a partir da indisciplinariedade. Consequente qual tempo histórico é montando no corpo produzido pelos versos? O que fazer com o indizível que compõe certa temporalidade dos versos, que não cabe em matriz temporal linear? Os/As poetas estão fabulando outras temporalidades ficcionando um tempo história contra hegemônico produzindo uma contra narrativa assim da sua existência e insistindo na vida.

**Palavras chaves:** Estudos do tempo; teoria da história; teoria crítica de raça; gênero.

## ABSTRAT

This dissertation is a theoretical effort to construct a new policy of time, based on the verses of different Brazilian rappers. Assuming a counter-hegemonic political position within “time studies” in order to build a discussion that takes into account the corporeities racialized by modernity. The poets then narrate in their verses how they are crossed by the experience of racialization on a daily basis. Therefore, in the poetic procedure of writing the verses, the rappers use the statement of slavery to denounce anti-black racial violence in contemporaneity. As a result, if slavery is in theory, due to the discipline of time, a temporality very distant from the present time, why does this statement make sense in the contemporary world? How are rappers experiencing historical time when writing their verses? It is important to demarcate that this research has a defined positionality, the black woman who writes it appears in the text at different times, the writing path moved towards an undisciplined writing of history. Considering that rap comes from hip-hop culture, being a form of language that is borne Afro-diasporic from flows and counter-flows, constituting a place in which subjects discarded in ghettos construct and experience the narratives of their existence. The word produces a body, a body produces a word, thus enunciating other ways of existing in the world. So, how are the subjects narrating about the temporality fictionalized by the verses? From this premise, some verse will be worked on throughout the research. Therefore, to avoid falling into “white ignorance” that reproduces epistemological and cognitive models invented by modernity, it is necessary primarily to question the conceptual bases of knowledge constructions, to tell and narrate the history of racial subjects. Therefore, the epistemological place of this dissertation is black feminist, of gender, of the black radical criticism, with the research in an epistemic effort to construct a counter-history based on indisciplinary. Therefore, what historical time is assembled in the body produced by the verses? What to do with the indescribable that makes up a certain temporality of the verses, an indescribable temporality that does not fit into a linear temporal matrix? The poets are fabulating other temporalities, fictionalising a counter-hegemonic historical time, thus producing a counter-narrative of their existence and insisting on life.

Keywords: Time studies; theory of history; critical race theory; gender.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> – foto: Monna Brutal.....	24
<b>Figura 2</b> – foto: FUNKERO, Victor Freitas.....	31
<b>Figura 3</b> – foto: SANT, Sant’Clair Araújo Alves de Souza.....	36
<b>Figura 4</b> – foto: EMICIDA, Leandro Roque de Oliveira.....	40
<b>Figura 5</b> – foto: CESAR MC, Cesar Resende Lemos.....	42
<b>Figura 6</b> – foto: BORGES, Luiz Felipe Borges.....	47
<b>Figura 7-</b> foto: MAJOR RD, Rodrigo Freitas Fernandes Moraes.....	48
<b>Figura 8</b> – foto: MV BILL, Alex Pereira Barbosa.....	48
<b>Figura 9-</b> foto: NIC DIAS, Nicole da Silva Dias.....	59
<b>Figura 10</b> - foto: SAGAZ.....	66
<b>Figura 11-</b> foto: Zudizilla, Júlio Cesar Correa Farias.....	77
<b>Figura 12</b> -foto: PSICOPRETAS.....	80
<b>Figura 13</b> – foto: FABIO BRAZZA.....	82
<b>Figura 14</b> – foto: RIMAS E MELODIAS.....	83
<b>Figura 15</b> – foto: Documento Identidade da minha Vó.....	84
<b>Figura 16</b> – foto: Dona Quinha pintando seu murro.....	87

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – O tempo no verso.....41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>(RAP(PE)R)S(SANDO) O CONCEITO/TEMPO/ENUNCIADO DA ESCRAVIDÃO PELOS VERSOS.....</b>	<b>30</b>
2.1	RAP E LINGUAGEM.....	37
2.2	NA QUEBRA DO TEMPO A PERFORMANCE NEGRA NO VERSO.....	42
2.3	A ESCRAVIDÃO ENUNCIADA PELOS POETAS.....	45
2.4	CONSIDERAÇÕES DA TEORIA DA HISTÓRIA SOBRE O TEMPO HISTÓRICO.....	51
<b>3</b>	<b>OS USOS DA INTERSECÇÃO E O GÊNERO NO CAMPO EM DISPUTA DA TEORIA DA HISTÓRIA.....</b>	<b>59</b>
3.1	A GRAMÁTICA MODERNA DE PENSAMENTO.....	64
<b>4</b>	<b>A MONTAGEM DE TEMPORALIDADES OUTRAS NA CENA DO ACONTECIMENTO RAP: POR UMA NOVA POLÍTICA DE TEMPO.....</b>	<b>75</b>
4.1	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>
	<b>ANEXO A .....</b>	<b>94</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“A escravidão acabou? Quem te enganou na resposta?  
Se acabou, por que eu sinto a dor do chicote nas costas?  
Dói, o suor bate e arde”  
Literatura e Poesia Marginal  
“WJ & Said”*

Essa dissertação pretende entender como sujeitos que vivenciam a experiência da racialização estão pensando o tempo, e para além de pensar o tempo histórico, como estão vivendo o tempo histórico em seus corpos. Eu, sujeita negra que vos escreve, meio em terceira pessoa, meio em primeira, ainda transitando indisciplinarmente na escrita histórica e imprópria<sup>1</sup> para história. Digo, também sinto a dor chicote nas costas como afirma o poeta na epígrafe, minha perseguição em pensar teoricamente o tempo histórico se dá porque, é sempre muito estranho pensar que a escravidão acabou. Uma vez que ao ler narrativas sobre o processo de escravização sempre ressoava em minha cabeça como isso parece tanto, mesmo que diferente, com minha experiência no mundo contemporâneo. Quando ouvia os raps, fui percebendo que os poetas que escrevem essas músicas, sempre acionam a categoria escravidão para escrever sobre si ao denunciar uma violência antinegra. Então fui entendendo que as várias pessoas, independente do gênero, estão se identificando com a categoria histórica escravidão para dizer algo.

O conhecimento da presente pesquisa é conhecimento situado, e possui uma posicionalidade, uma vez que, como afirma Donna Haraway (1995), conhecimento não situado, sem uma marcação, é um conhecimento irracional. Dialogando com Grada Kilomba (2019, p.53), o lugar de fazer pesquisa, a ciência, não é apolítico, mas um lugar que constrói relações hierarquizadas de poder, ditando o que pode ser

---

<sup>1</sup>Impróprio é um termo sinônimo de inapropriado, inadequado, descabido, despropositado, disparatado, incorreto, errado, incoerente, incongruente, inútil, tolo. Em sua dimensão historiográfica, trata-se de uma contraconduta, uma trajetória errante em desafio a certos cânones. Impróprio: inoportuno, inconveniente, indevido, desaconselhável, desnecessário, incômodo, impertinente, deselegante, indiscreto, intempestivo. Um caminho arriscado, tortuoso. *O único caminho para pesquisadores negros?* Impróprio remete também a imprecisão, inexactidão, indeterminação, inconsistência, incerteza, desacerto e desajuste. Uma torção do texto histórico para além de sua usual função. Daí porque, histórias impróprias sejam consideradas, muitas das vezes, indecentes, indecorosas, indignas, imorais, obscenas, despidoradas. Elas procuram ir além do reformismo, radicalizam suas propostas, recusam um tipo de escrita que seja, ao final, mais apenas um —romance de resistência. (Pereira, 2022, p.15)

considerado “verdade” e também ditando os parâmetros epistemológicos paradigmáticos para as pesquisas no geral. A posição do pesquisador é uma responsabilidade ética de quem pesquisa com sua escrita.

Portanto se a escravidão se parece com minha experiência no mundo presente, se ela é parecida com as experiências dos sujeitos racializados na contemporaneidade, em qual tempo histórico a escravidão se apresenta no percurso das temporalidades ao ser encarnada na minha experiência no mundo?

É evidente que século XXI não é século XIX, como afirma Mbembe(2018)<sup>2</sup>, não há aqui um culto ao passado, nem a um anacronismo desmedido, mas uma busca de entender porque a escravidão está na linguagem dos sujeitos contemporâneos. Seria porque ela não acabou? Ou por que a rede de significados que a constitui não foi desmantelada? Há algo nas redes de signos e significantes na linguagem contemporânea que faz com que a corporeidade negra acione o enunciado da escravidão sempre que pretende dizer algo no presente, como denunciar a violência antinegra. “Qualquer um que pense que as narrativas de escravizados do século XIX são relatos sobre o passado não está prestando atenção” (Wilderson III, p.119, 2021)<sup>3</sup>. Para o afropessimismo<sup>4</sup> a escravidão/morte social é constitutiva da modernidade e só haverá saída inventando um outro mundo. Como afirma Frank Wilderson III (2021)<sup>5</sup>, a consciência da racialidade não requer do sujeito negro um vocabulário racial crítico, uma vez que a negritude como paradigma se elabora por meio da escravidão.

O que seria então a escravidão? Para Orlando Patterson (2008, p.34)<sup>6</sup> “a escravidão é a dominação permanente e violenta de pessoas desenraizadas e

---

<sup>2</sup> MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra** / Achille Mbembe; traduzido por Sebastião Nascimento - São Paulo: n- 1 edições, 2018.

<sup>3</sup> WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismos: Frank B. Wilderson III**. Título original: Afropessimism. Tradução: Rogerio W Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia, 1º ed. 2021.

<sup>4</sup> “ O afropessimismo, assim, é menos uma teoria e mais *metateoria*: um projeto crítico que, ao utilizar a negritude como lente de interpretação, interroga a lógica tácita e presumida do marxismo, do pós-colonialismo, da psicanálise e do feminismo por meio de rigorosa consideração teórica de suas propriedades e lógicas presumíveis, como seus fundamentos, métodos, forma e utilidade; e o que faz, de novo, num nível mais alto de abstração do que aquele em que se dá a interrogação dos discursos métodos e teorias. Como já disse, o afropessimismo é, no geral, mais metateoria do que teoria. Ele é pessimista com relação às afirmações feitas pelas teorias de libertação quando essas teorias tentam explicar o sofrimento do negro e o sofrimento de outros seres oprimidos. O afropessimismo o faz por meio da exumação e da exposição de meta-aporias, espalhadas como minas terrestres naquilo que essas teorias proclamadas sendo de libertação universal consideram verdadeiro (Wilderson III, 2021, p.23-24).”

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**: Um estudo comparativo/ Orlando Patterson: Tradução: Fabio Duarte Joly. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

geralmente desonradas”. Antes de tudo é uma relação de poder, que determina as formas de socialização nas relações interpessoais e as formas de mobilização dentro de uma estrutura institucional. A escravidão não é uma instituição que nasce com a modernidade. Porém a diferença do escravo moderno para os escravos das sociedades pré-modernas, são os processos de morte social, na modernidade há um total despojamento ontológico dos sujeitos que foram escravizados (Patterson, 2008).

Há um uso comum, na escrita das poesias dos rappers, de referências a passados históricos. Os rappers usam marcos históricos para construção de sentido em suas rimas, sendo esses passados históricos variados. É comum o uso da Grécia Antiga, por exemplo<sup>7</sup>, a história como disciplina faz parte do capital cultural dos sujeitos no mundo. Por isso a história influencia a forma de se fazer rap, e estar no mundo dos sujeitos, mas interessa a esse trabalho o uso pelos raps da categoria histórica escravidão.

Desse modo quando se aciona a categoria histórica escravidão, á sempre uma atribuição de tempo para essa categoria, no percurso gerativo de sentido do verso. Como afirma o poeta na epígrafe do texto, se alguém disse que a escravidão acabou, “te enganaram na reposta”. Ao dizer da escravidão o primeiro sentido enunciado pelo poeta é o tempo da escravidão, ela não acabou, ele nos leva a entender. Mas alguém teria dito que ela acabou, a historiografia na forma disciplinar do tempo afirma que ela acabou, uma vez que não existe mais o regime jurídico da escravidão após a abolição legal em 1888. Logo em seguida ele explica por que ela não acabou, uma vez que, se acabou, porque ele sente a “a dor do chicote nas costas”? A centralidade então da definição “tempo da escravidão” não deveria estar no regime jurídico da categoria, mas na experiência cotidiana da corporeidade do poeta.

O uso da escravidão para construção da poesia, não é o uso político do passado, mas a enunciação de uma outra forma de nomear o tempo, e definir a escravidão. Um tempo que se monta de outras formas a partir de outras corporeidades. Portanto ao dizer e se perguntar se a escravidão acabou, eles não estão elaborando o passado, mas elaborando o presente a partir de uma categoria histórica, nos apresentando assim um outro tempo para escravidão. Essa escravidão

---

<sup>7</sup> Cf. Álbum “Icarus – Abebe Bikila, “*ICARUS* é o quarto álbum lançado pelo rapper BK, em uma perspectiva contemporânea e urbana, ele traça um paralelo da sociedade atual com o mito de Ícaro, que reflete sobre os desejos humanos e o perigo da ambição, associando o labirinto presente no mito a vários crimes e distúrbios sociais, como o racismo, a pobreza e a fome.” Disponível em: <https://genius.com/albums/Bk/Icarus> Acessado em 15 de novembro de 2023.

enunciada nos versos dos rappers, não é uma memória, nem uma lembrança de um acontecimento, mas é uma interpretação temporal da escravidão.

Existe para os rappers uma “associação livre” da violência que vive a população negra com a escravidão, uma associação que é construída baseada na experiência, na cena do acontecimento do racismo. O processo de pensar a escravidão como uma “continuidade”, uma “longa duração”, é dado pelos *rappers*. No percurso da frase, da *punchline*<sup>8</sup>, ao construir o verso, quando o *rapper* tem a intenção de denunciar uma violência antinegra ou quando vão narrar a própria violência vivenciada em seu corpo, a categoria histórica da escravidão é quase sempre acionada. Indisciplinarmente esses sujeitos desconsideram o tempo histórico fixo do termo, acionam o passado no presente em sentido de continuidade ou de presente e se insurgem contra a disciplina histórica ao utilizar a escravidão na produção de sentido de seu texto. Se para os *rappers* não existe a era pós-racial, então o que eles apresentam seria uma enunciação de que não existe superação para a escravidão? Que tempo é esse da escravidão enunciado pelos poetas em suas rimas? Portanto pensar o tempo a partir dos sujeitos negros nos leva a uma perspectiva indisciplinar da história. Em uma entrevista, Saidiya Hartman<sup>9</sup> nos propõe pensar os conceitos, a disciplina, e principalmente a forma como pensamos ontologicamente “a partir da posição do negro” (Silva e Sousa, 2023, p.11).

A disputa pelo tempo histórico da escravidão não é recente dentro da historiografia brasileira. Ela ganhou força nos debates sobre construção das políticas de cotas raciais, como política reparatória da escravidão, que aconteceu no início do século XXI. O historiador Arthur Lima de Ávila (2016)<sup>10</sup> explica essa disputa pelo tempo da escravidão, para o autor alguns historiadores divergiam e consideravam que não existia relação da escravidão com grupos historicamente excluídos, pelo percurso longo da escravidão moderna até a contemporaneidade. Do outro lado havia historiadoras e historiadores que consideravam que a escravidão é um passado que continua, por isso são necessárias políticas públicas reparatórias no presente. Segue:

---

<sup>8</sup> Punch = Soco, Line = Linha, peso de um soco em uma linha (verso).

<sup>9</sup> SILVA E SOUSA, F. (2023). "Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos": uma entrevista com Saidiya Hartman. *ODEERE*, 8(1), 1-23. <https://doi.org/10.22481/odeere.v8i1.12538>

<sup>10</sup> ÁVILA, Arthur Lima de. "Povoando O Presente de Fantasmas": Feridas Históricas, Passados Presentes e As Políticas do Tempo de Uma Disciplina. **EXPEDIÇÕES Teoria da História & Historiografia**. Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016.

José Roberto Góes (2006), professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, considerou, *exempli gratia*, que, estando mortos os escravos do passado, não haveria possibilidade de redimir (isto é, reparar) suas experiências no presente, já que não existiria nenhuma relação entre eles e “grupos historicamente excluídos” – “indefiníveis”, segundo ele. Em outro texto, Góes (2004) perguntou, de forma incisiva, “que responsabilidades têm os vivos pelas infâmias do passado?”. Para ele, fazer emergir as “dores e medos” do passado (feridas históricas!) Era algo deletério e equivalente a construção de uma visão revanchista do mundo. O que passou, portanto, passou e está para sempre apartado do presente. De outro, estavam intelectuais, como Hebe Mattos e Martha Abreu, que enfatizavam a continuidade entre aquele passado e o presente, igualmente apelando para argumentos empíricos para comprovarem suas posições e, da mesma forma, a necessidade da adoção de medidas reparatórias referentes à chaga do cativo (Abreu; Mattos; Dantas, 2010, p. 21-37, *apud*, Ávila, p.202, 2016)

Portanto para além da ideia de tempo de continuidade da escravidão no presente qual tempo é enunciado pelos *rappers* quando eles marcam o tempo da escravidão? Para além do tempo disciplinar da história, passado, presente e futuro, que tempo é enunciado indisciplinadamente pelo rap?

O rap é um procedimento de linguagem que nasceu na diáspora afro-atlântica a partir dos fluxos e dos movimentos dos sujeitos que viviam no Bronx nos Estados Unidos. Nesse sentido trabalharemos somente com rappers brasileiros, mas entendendo a produção do rap como discurso que está localizado na diáspora afro-atlântica. A música negra é uma produção da diáspora. A diáspora afro-atlântica rompe com os nacionalismos, isso faz um rompimento de hierarquias de gênero e raça, uma vez que a nação é uma cultura fechada que codifica um corpo (Gilroy, 2001, p.18 -19). Dessa forma, a diáspora é um espaço “conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversarem, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais” (Gilroy, 2001 p.20-21).

O conceito/espaço/termo “diáspora” é marcado pela experiência judaica de dispersão. O conceito “diáspora africana” em primeiro momento aparece no momento emergindo novas áreas de estudos na década de 1980, que pretendiam construir uma história não hegemônica sobre a população negra e africana (Zezeza, 2010).

Segundo o historiador Paul Tiyambe Zezeza(2010)<sup>11</sup>, o crescimento desse campo, dos estudos afro-diaspóricos, se dá a partir das novas dinâmicas de pesquisa dentro e fora da academia. A História Global é um campo em que os estudos afro

---

<sup>11</sup> ZEZEZA, Paul Tiyambe. “African Diasporas: Toward a Global History.” *African Studies Review*, vol. 53, no. 1, 2010, pp. 1–19. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/40863100>. Accessed 5 May 2023.

diaspóricos ganham força pelo rompimento das fronteiras locais, e pela abertura para possibilidades das metanarrativas<sup>12</sup>. Como afirma Conrad(2019)<sup>13</sup>, a História Global é uma grande tendência da área da pesquisa histórica , e tem crescido principalmente a partir de estudos de sociedades que sofreram um grande processo de imigração , em que narrativas nacionais por vezes podem ser redutoras, e acabam não dando conta de traduzir um acontecimento histórico que transpassa o nacional.(Conrad, 2019) Para o historiador Zeleza (2010), a diáspora negra não é o enquadramento de nossas perspectivas disciplinares e interdisciplinares, mas um mundo extremamente diverso, que possui complexas conexões, convergências e semelhanças (Zeleza, 2010).<sup>14</sup>

Portanto, vários povos e etnias foram sequestrados de África com suas variadas línguas, expressões culturais, mas com apagamento histórico, ontológico e epistêmico desses povos, o passado da Diáspora afro-atlântica se transforma em várias “Áfricas”. As populações africanas deixaram de ser africanas para serem negras, no processo de escravização da modernidade. “A travessia transatlântica foi sobretudo uma travessia ontológica, cuja fratura do Ser se faz presente num processo de quebras identitárias e de banzo contínuo” (Njeri, p.168, 2020)<sup>15</sup>.

Como afirma Michel Foucault (2010)<sup>16</sup> no curso “Em defesa da sociedade” o momento de constituição do Estado moderno inseriu o racismo nos mecanismos de Estado. O processo de escravização foi um dos pilares da modernidade. Logo, “é que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite, e em certas condições, não passe pelo racismo” (Foucault, 2010, p.214).

Conseqüentemente, a subjetividade negra produz um local que deve ser entendido a partir de espaço transnacional, espaço de um território chamado diáspora

---

<sup>12</sup> In global terms, then, there are at least three sets of African diasporas: the trans-Indian Ocean diasporas, trans-Mediterranean diasporas, and transAtlantic diasporas. Each of these diasporas has its own histories, and they share similarities, differences, and parallels that are exceedingly difficult to analyze. Many of our analytical paradigms and preoccupations, at least in the Afro-Atlantic world, tend to be derived from the experiences of the trans-Atlantic diasporas, the most recent, historically, of the African global diasporas. (ZELEZA, p.15, 2010)

<sup>13</sup> CONRAD, Sebastian. Abordagens concorrentes & História Global: uma abordagem distinta. In: \_\_\_\_\_. O que é a História Global? Lisboa: Edições 70, 2019, p. 53-110.

<sup>14</sup> Ibidem

<sup>15</sup> NJERI, AZA. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. **Ítaca** n.º 36 – Especial Filosofia Africana, p.164- 226, 2020.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

afro-atlântica. Sem dúvida reconhecer esse espaço é recuperar essa fratura provocada pela travessia e tentar apreender esses signos, que se dão na encruzilhada das existências desses sujeitos no Atlântico negro.

Como afirma o sociólogo Valter Roberto Silvério (2018)<sup>17</sup>, a diáspora negra como conceito ainda tem poucas ressonâncias nos estudos das humanidades no Brasil. Entretanto, “O conceito/metáfora de (a) diáspora ganha importância por, em processo, possibilitar a recriação do passado africano no Novo Mundo a partir de um ponto de vista dos descendentes de africanos” (Silvério, 2018, p.153).

O rap<sup>18</sup> “nasceu”, na América do norte negra, a partir do *soul* e *movimento hip-hop*, a partir de ritmos já desenvolvidos na Jamaica. Portanto, como afirma Paul Gilroy (2001, p.182)<sup>19</sup> o *hip-hop* é uma expressão de arte, transnacional, construído a partir de estruturas de circulação, ele é uma expressão predominantemente afro diaspórica, sendo sempre importante reservar a suas diferenças sub-regionais, pois a forma com que cada região monta seu rap, faz parte de seu procedimento de linguagem geral, a exemplo do rap brasileiro que sobre influência do funk e do samba.

Segundo as pesquisadoras de estudos em *hip-hop* Daniela Vieira e Jaqueline Lima Santos (2022)<sup>20</sup>, o *hip-hop* e o rap, têm como lugar de fundação Nova York, especialmente no Bronx, onde residiam imigrantes jamaicanos, caribenho e porto-riquenhos. Nesse espaço onde se reuniam jovens de diásporas distintas marginalizadas, que construíram e criaram o movimento a partir das conexões e das experiências de resistência compartilhada, a fim de serem sujeitos de fazerem parte, e narrarem a própria história. O *hip-hop* é um movimento sociocultural global, ele nasce no território fixo norte-americano, mas ocupa o território simbólico da diáspora afro-atlântica. Sendo um movimento que nasce pelas conexões que são estabelecidas nas diásporas, e pela experiência globalmente compartilhada pelos sujeitos racializados no mundo.

---

<sup>17</sup> SILVÉRIO, Valter Roberto. O programa Brasil-África na construção da ideia de diáspora Africana. Revista do PPGCS – UFRB – **Novos Olhares Sociais**- Vol.1 - n.1 - p. 131-162, 2018.

<sup>18</sup> O rap é o resultado de múltiplas experimentações culturais que, em meio a processos de incorporação e apropriação (no caso, de traços da cultura jamaicana, afro-americana e latino-americana, bem como de estilos tão variados como funk, jazz, soul, reggae, dub etc.), desembocaram em uma música nova, desenvolvida organicamente em clubes e festas, em atenção aos anseios de parcelas específicas da população. (Oliveira, 2015, p.23)

<sup>19</sup> Ibidem

<sup>20</sup> ROSE, Trícia. **Barulho de preto**: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. Tradução: Daniela Vieira; Jaqueline Lima Santos. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

Segundo as autoras, devido ao grande impacto do movimento globalmente, da posição de disputa com as narrativas hegemônicas sobre suas corporeidades marcadas pela “diferença”. Por conseguinte, o hip-hop se tornou uma área de interesse para diversas pesquisas pelo mundo, principalmente no mundo euro-americano, dentro das humanidades<sup>21</sup>.

Assim, Nova York foi o lócus do surgimento do hip-hop. Para a historiadora Kim Butler (2020)<sup>22</sup>, em seu estudo sobre diáspora, a cidade abrigou diversas eras do movimento da diáspora negra. Segundo a historiadora, Nova York é o estado que tem a maior comunidade negra dos Estados Unidos, por causa da “tradição” de segregação racial/social as diásporas negras e latinas se agrupam em bairros que são “concentrações residenciais “negras”, a maior delas Brooklyn, Queens e Harlem” (Butler; Domingues, 2020, p.79) Assim os movimentos diáspóricos nesses bairros convivem com o que a autora chama “desconexão conectada” (Butler; Domingues, 2020)

A diáspora como espaço de pertença rompe com o dogmatismo das narrativas nacionalistas, que muitas vezes deixaram de lado os sujeitos negros e negras. Nesse sentido a diáspora está no local e no global, nos apresentando uma noção mais ampla da história dos povos negros no Atlântico Negro.

Portanto, trazer a música para o centro do debate sobre a população negra é evidenciar o papel da música como linguagem da diáspora afro-atlântica. A música da diáspora constrói “subjetividade corporificada”, não apresentando figuras conceituais fixas, mas nos apresentando como essas corporeidades se formam. Portanto não existe uma unidade absoluta na diáspora negra, é mais um sistema complexo, por isso ela se dá na encruzilhada negra, ela é feita de atravessamentos sendo produzida de forma subjetiva por cada sujeito que à habita. A música negra é marcada por

---

<sup>21</sup> Chamados *Hip Hop Studies* (HHS), os quais emergem institucionalmente a partir dos anos 2000. Exemplo desse processo atesta-se pelo número de instituições e revistas acadêmicas, conferências, acervos de museus, projetos e assessorias que englobam o universo da cultura hip hop. Destacam-se como espaços de referência o “*Hiphop Archive Research Institute*”, localizado na Universidade Harvard, a “*Hip Hop Collection*”, na Universidade Cornell, a “*Hiphop Literacies Annual Conference*”, sediado na Universidade Estadual de Ohio (OSU), a “*Tupac Shakur Collection*”, disponível na biblioteca do Centro Universitário Atlanta (AUC), o “*CIPHER: Hip Hop Interpellation*” (Conselho Internacional para os Estudos de Hip Hop), localizado na Universidade College Cork (UCC), entre outros. (Rose, 2022)

<sup>22</sup> BUTLER, Kim D. & DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras**. 1a ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

rupturas, interrupções, fluxos desestabilizantes, sendo um marco ético e político para teorias sociais e raciais no mundo atlântico (Gilroy, 2001).<sup>23</sup>

Paul Gilroy (2001) destaca que esse lugar da música negra diaspórica, não deve ser reificada, mas ser utilizada para compreender a linguagem de comunicação na diáspora. É importante salientar que não existe uma autenticidade negra nas músicas da diáspora, mas uma linguagem com procedimentos e formas de escrita. Dessa forma o lugar da música negra, no caso o rap, é na encruzilhada diaspórica, pois ela perde a unidade de diferenciação, entre novo e velho, Oriente e Ocidente. O rap é um procedimento de escrita, uma linguagem, a comunicação pelas poesias do rap, vai além da língua, mas tem a ver com a forma de produção e dos procedimentos de construção, por isso a comunicação se dá para todos que ouvem a poesia e os ritmos, independente da língua (Gilroy, 2001).

Esse trabalho está sendo pensado por uma perspectiva interseccional a partir da raça, e do gênero. Mesmo sabendo que poderiam caber outras intersecções, estas não serão analisadas no momento. A análise se centrará em como a raça e o gênero se mobilizam na categoria histórica escravidão usado pelos rappers. A interseccionalidade é um conceito que hoje é bastante estudado no campo das humanidades, sendo criticado por muitos intelectuais negras que já pensam em um outro conceito como interseccionalidade crítica. Entretanto, ela nasceu dentro dos movimentos das feministas negras norte-americanas a partir das discussões de como gênero e a raça estavam interligados, e como essas opressões estão articuladas. Portanto por mais que existam opressões de gênero, e opressões de raça, há um carácter distinto de opressão entre a mulher branca e a mulher negra, mulher negra e o homem negro.

Segundo Paul Gilroy (2001, p.179)<sup>24</sup> “O gênero é a modalidade na qual a raça é vivida.” A intersecção se dá por aquilo que Grada Kilomba (2019)<sup>25</sup> nomeia de racismo genderizado, a raça e o gênero sendo inseparáveis. No acontecimento, no momento da experiência com os sujeitos racializados, o gênero se apresenta integrado à raça. Pode parecer analiticamente difícil de compreender, e assim a autora dá o seguinte exemplo: imagine uma cena e personagens, ao trocar o gênero ou a

---

<sup>23</sup> Ibidem

<sup>24</sup> Ibidem

<sup>25</sup> KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódio de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira . 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó,2019.

raça você modificaria o acontecimento. Mais que modificar os acontecimentos ao alterar o gênero e a raça dos personagens essa modificação, “alteraria profundamente o conjunto de relações de poder” (Kilomba, 2019, p.96). Alterando a forma como a historiadora apreende e compreende o acontecimento, pois gênero e raça não são meras “causalidades” mas estão integrados ao próprio acontecimento e existe antes dele.

As formas de opressões de raça e gênero interseccionadas não são formas sobrepostas, camadas de opressões, mas uma intersecção que tem um efeito específico. Não sendo singulares, atuando separadamente e de forma entrecruzadas (Kilomba, 2019). Elas se encontram em um corpo que é um só.

É importante e necessário deixarmos evidente que Lélia Gonzalez (2020)<sup>26</sup>, em seus trabalhos teóricos, já acionava uma intersecção de gênero e raça, antes do conceito ser formulado no norte global. Lélia Gonzalez (2020) dimensionava o racismo da América Latina, mas sempre diferenciando as experiências das mulheres negras e dos homens negros. Para a intelectual os signos de linguagem racista assumem um racismo permeado pelo gênero, a partir de uma masculinidade negra inventada, e por uma ideia de mulher negra inventada. Para a autora, a consciência tenta a todo momento expressar os discursos dominantes de supremacia branca, mas a memória fala com muitas astúcias e jogo de cintura. A memória desafia a consciência racional que diz que a escravidão acabou, ela é “um esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita” (Gonzalez, 2020, p.70)<sup>27</sup>

No presente trabalho o gênero será mobilizado para entendermos como a racialidade é mobilizada pelo conceito escravidão, uma vez que gênero e raça estão entrecruzados. Logo, como a categoria histórica escravidão é acionada também pelos diferentes sujeitos, com seu gênero, dentro dos versos do rap. Nesse sentido ao anunciar a opressão da violência antinegra pessoas localizadas diversamente pelo gênero mobilizam a escravidão. Portanto, se percebe que a raça é um dispositivo operacionalizado com o gênero, produzindo uma opressão e violência a determinadas corporeidades. A exemplo do trecho da rapper Monna Brutal, da música “11/11”, é possível observar nos versos que o corpo que enuncia é um corpo travesti preto, no percurso dos versos e das linhas a mesma recorre aos significantes da escravidão

---

<sup>26</sup> GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar, 2020.

<sup>27</sup> Ibidem

como “colonizadores” e “sinhás”, para denunciar e destruir a partir dos versos a violência antinegra sobre esse corpo.

Hey boy  
 Eu sei que essa porra te doi  
 Essa trava vem no sincretismo de hellboy  
 Foda se o seu flow gogoboy  
 Destruo babacas, igual as peças do tectoy  
 Seu rap é candie mas, o meu verso é Django  
 Essas lombriguinhas se comparando ao Rambo?  
 Colonizadores e sinhás chegam de bando  
 Isso tudo depois, da porra de uns 500 anos  
 Monna Brutal -11/11<sup>28</sup>



**Figura 1: MONNA BRUTAL<sup>29</sup>**

Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2022/06/monna-brutal-faz-1-show-em-festival-com-direcao-de-tassia-reis-muito-feliz.html>

É importante deixar demarcado que, por mais que usarmos a música para entendimento e elaboração do tempo da escravidão, não será interesse dessa pesquisa uma análise dos versos como canção e música, a partir da teoria da canção e análises da *world music*. Que seria em tese as análises feitas pelos pesquisadores de música e canção que analisam as canções brasileiras. Ao mesmo tempo, não interessa à pesquisa o debate vigente sobre o rap ser poesia e/ou música que acontece dentro dos estudos literários dentro da área de concentração do *hip-hop studies*. Será no percurso do texto usado o termo *música* quando estivermos

<sup>28</sup> Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inm3xOwytgM> Acessado em 15 de novembro de 2023

<sup>29</sup> Cf. “**Monna Brutal** é um corpo negro e dissidente que recolhe e retrabalha os signos inscritos no socius, nos levando a refletir e nos injetando indignação. Sua arte é sempre embebida de uma força inaudita de revide a todos os problemas e dificuldades que ela enfrenta pelo simples fato de existir, como mulher trans não binária e negra. Uma existência que em si mesma já é um problema aos padrões da nossa civilização judaico-cristã e todas as suas hipocrisias cruéis que nos são empurrados como dogmas.” Disponível em: <https://oganzpazan.com.br/monna-brutal-lanca-o-primeiro-grande-disco-do-ano-com-20-21/> Acesso em: 15 de novembro de 2023.

dialogando com o rap como música negra afro-diaspórica e será usada a palavra *poesia* quando formos citar especificamente os versos a serem apreciados no percurso do texto. Deixaremos essa discussão aos teóricos literários e teóricos da canção, estando a discussão posta por essa dissertação nos limites teóricos da história, abraçada com os limites e possibilidades de diálogos com outras áreas que construímos mais afinidades.

O corpo que diz, e fala poesia nos enuncia algo, uma vez que como afirma Franz Fanon (2008, p.33) “falar é existir absolutamente para o outro”, sendo a linguagem o lugar fundamental para pesquisa do sujeito moderno racializado. O lugar teórico desta pesquisa é partir da performance, se distanciando da teoria da canção, pois ao dizer o verso, esse verso produz uma corporeidade. O que a teórica da performance Leda Maria Martins (2021 p.146)<sup>30</sup> afirma que “falar, cantar é conceber, proferir, ativar”, o que no corpo se diz é também uma epistemologia. A palavra, para a autora, é capaz de fazer ser o que como som produzir materialidade, “ela é em si mesma o acontecimento” (Martins, 2021, p.93).

A palavra produz um corpo e o corpo produz palavra, o corpo negro é o que Leda Maria Martins (2021), nos enuncia corpo-episteme, o negro é o próprio vocábulo, sendo na performance da voz o processo de recriação de narrativas históricas e lugar de veiculação de saberes. Por isso “negro: uma episteme, um saber e não apenas uma epiderme”, é um território que tem um vocábulo mínimo, sendo ele o próprio arquivo (Martins, 2021, p.188). É um território que habita espaço/tempo em um conceito de passado segundo Saidyia Hartman (2021)<sup>31</sup>, “se o passado é outro país eu sou cidadã”.

Portanto quando sempre recorrem ao enunciado da escravidão os rappers como negros vocábulos, negros epistemes, nos enunciam que tempo histórico é esse da escravidão que não acabou. Logo, estão nas corporeidades dos negros, como afirma Saidyia Hartman (2021), os vestígios dos mortos que cruzaram o atlântico. Como nós, como historiadores, estamos cuidando desses mortos? Segundo a historiadora, “Eu sou o vestígio dos mortos. E a história é como o mundo secular cuida dos mortos” (Hartman, 2021, p.27).

---

<sup>30</sup> MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

<sup>31</sup> HARTMAN, Saidyia. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

Para Saidyia Hartman (2020)<sup>32</sup>, somos contemporâneas das mulheres mortas na escravidão, e nesse sentido, como o tempo da escravidão é experienciado em nosso corpo na diáspora, seria então a partir de um evento que ainda não acabou. Para autora uma das coisas que escravidão faz é enunciar a África como local originário. Saidyia Hartman (2020) localiza onde teoricamente se encontra seu entendimento sobre os enunciados escravidão e África. Desse modo ao dizer do “passado” da escravidão não há a intenção de recuperar uma autenticidade africana como local originário da diásporas afro-atlântidas. Também não procuraremos estabelecer referências na linguagem da diáspora da América verificável com África a fim de se traduzir em representações genuinamente “africanas”. O passado é campo de disputa, o entendimento dos passados negros nos territórios diáspóricos passa por uma disputa ideológica, é atravessada com a disputa pela construção da identidade nacional de cada país. “O passado interrompe o presente não em virtude da afinidade cultural ou do status de África como “origem cultural autêntica da diáspora”, mas por causa do legado vigente desse cativo e deslocamento” (Hartman, 2020, p.252).

Após essa localização teórica, nos perguntamos. Como inscrever o tempo da escravidão no percurso do tempo histórico? Que tempo é esse enunciado pelos poetas que se utiliza do enunciado histórico escravidão?

Nesse sentido então, como nós historiadoras vamos lidar com esse passado que não pode ser entendido como meros restos e camadas do passado escravista, nem pode ser inscrito em um tempo fixo que pode ser apreendido? As discussões sobre anacronismo não dão conta de entender esse passado que transborda, nessa ideia de presente, que se insere no acontecimento de existir como sujeito negro na contemporaneidade.

Para o historiador Rodrigo Turin (2022), o tempo na contemporaneidade é um tempo dessincronizado em que foi abandonada a ideia de progresso e o que se instala no momento é um tempo da crise. Não há mais possibilidades de os Estados sincronizarem o tempo histórico dos atores sociais. O estado-nação na contemporaneidade não apreende mais os sujeitos em narrativas de identidades nacionais únicas. É importante salientar a afirmação de Turin (2022) que esses outros tempos sempre estiveram presentes, mas não estavam dentro da semântica das

---

<sup>32</sup> HARTMAN, S. O Tempo da Escravidão. Revista Periódicus, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 242–262, 2021. DOI: 10.9771/peri.v1i14.42791. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/42791>. Acesso em: 13 fev. 2024.

construções teóricas e historiográficas, pois se inscreveu na modernidade uma ideia universalizada de temporalização (Turin, 2022).

O tempo é sempre uma grande questão para a pesquisa historiográfica, por isso como fazer um recorte temporal pensando historicamente em subjetividades negras é uma questão que sempre me persegue como historiadora. Quanto mais pensava, mais percebia que o que está inscrito nesse corpo preto diaspórico são temporalidades diversas. Nesse sentido epistemologicamente quais os recursos teóricos que estão postos para a apreensão desse tempo negro? De que forma epistemologicamente se pode apreender esse tempo? E como é que esse tempo é enunciado por esses corpos?

Para Paul Gilroy (2001) as linguagens nas diásporas, a música, por exemplo, também é um local de filosofia e história. Entretanto ao escrever da escravidão nos versos, os poetas não estão somente construindo um percurso gerativo de sentido para dizer algo. Mas, estão enunciando um outro sentido ao passado histórico da escravidão, dando significado e temporalidade para a categoria histórica.

Como afirma Denise Ferreira da Silva (2019)<sup>33</sup> a poética negra descreve o impossível, que é próprio acontecimento poético da escrita. A filósofa compreende que a experiência negra não pode ser compreendida a partir de uma localização, de um pensamento, que tem como ferramenta determinabilidade e sequencialidade. Desta forma a poética negra não está localizada nessa determinabilidade, a mesma se encontra em um não-lugar segundo a autora, o que ela compreende como não-localidade. Essa não-localidade da escrita poética negra não é a colocação da diferença no espaço do acontecimento, nem a colocação dos sujeitos em um espaço de experiência irresolúvel, mas a própria compreensão do acontecimento. Então, ao dizer da escravidão o poeta está nos trazendo, e explicando um outro sentido para o acontecimento. Ao mesmo tempo o poeta nos enuncia um tempo da escravidão e nos apresenta uma compreensão de como o enunciado está emaranhado e implicado na cena do acontecimento da sua existência. Portanto, invocando a autora pretendemos, através das poesias do raps “des-organizar, de-formar, des-pensar” o tempo histórico. Nesse sentido esse trabalho se empenha para imaginar uma nova política de tempo.

Esse trabalho se serve de várias categorias teóricas propositalmente em um exercício indisciplinar da escrita da história. Portanto ao caminhar e dialogar com

---

<sup>33</sup> FERREIRA da SILVA, Denise - A Dívida Impagável, (São Paulo: 2019). ISBN 978-85-7715-615-3

categorias diversas, mas convergentes constrói um exercício indisciplinar da escrita histórica, que não se deixa ser capturada por categorias que podem reduzir os acontecimentos dos versos.

Os versos foram selecionados de acordo com as músicas/poesias que já faziam parte das músicas que ouço no cotidiano. No percurso da pesquisa fui procurando e ouvindo músicas outras sempre percebendo algum enunciado sobre escravidão no verso. Em um primeiro momento fiz uma lista de músicas, posteriormente montei uma playlist no Spotify com todas as músicas usadas na pesquisa. Segue link das músicas/poesias usadas no percurso da pesquisa: [https://open.spotify.com/playlist/67URbL3wlvnuoK4XSv7cFv?si=CAYE-J\\_yQuqnModK32B-jQ](https://open.spotify.com/playlist/67URbL3wlvnuoK4XSv7cFv?si=CAYE-J_yQuqnModK32B-jQ)

Essa dissertação será dividida em três capítulos, um capítulo com título de “*Rappersando o conceito/tempo a partir do enunciado da escravidão*”, no qual iremos discutir como a teoria da linguagem está elaborando os discursos enunciados pelos sujeitos. A partir da teoria da performance desenharemos como a linguagem dos versos estão construindo as cenas, sendo assim a própria construção das corporeidades negras. Portanto como nessas cenas, nesses acontecimentos enunciados pelos versos está posto um outro tempo histórico. Contudo, sendo um outro tempo enunciado pelos/pelas poetas, vamos conceituar a partir das historiografias e teoria da história, o conceito de escravidão, como a filosofia do tempo está desenhando epistemologicamente o tempo histórico.

O capítulo em sequência será nomeado de “Os Usos da Intersecção e o Gênero no Campo em disputa da Teoria da História”, dialogamos como o gênero não está deslocado dessas performances negras, na cena do acontecimento do verso. Também tencionaremos como gramática moderna foi pensada para o sujeito hegemônico, como podemos deslocar dessas questões a partir das experiências dos sujeitos dissidentes. Discutiremos também como a interseccionalidade se encontra desenhada na pesquisa que não necessariamente precisa ser expressa no texto. No mesmo sentido dialogaremos sobre como gênero é uma área de concentração, um lugar teórico, filosófico onde está ancorada a pesquisa epistemologicamente, sendo esse lugar de deslocamento metodológico e conceituação, para uma outra produção dentro da teoria da história.

No último capítulo, que tem o título “A Montagem de Temporalidades Outras na Cena do Acontecimento Rap: Por uma Nova Política de Tempo”; dialogaremos como

o tempo do impossível da escravidão nos versos é o próprio acontecimento poético da escrita dos raps. Sendo assim elaboramos como essa forma de enlaçar o tempo apresenta para teoria da história, uma outra política de tempo. Tencionaremos como a fabulação crítica a partir dos experimentos dos versos montam outro tempo histórico. Os sujeitos racializados estão confabulando um outro tempo, o tempo do impossível.

Durante todo o texto sempre que possível dialogarei com algum verso da poesia rap, desde a introdução. O rap é meu fio condutor da narrativa da dissertação, é partir dele que epistemologicamente estarei mobilizando os conceitos apresentados. Portanto toda cadeia lógica de sentido da dissertação será desenhada por algum verso de rap, sendo o verso o lugar propulsor do que está sendo construído. Entretanto, como a teoria afropessimista, essa dissertação não teme, mas abraça as falhas e fissuras que podem ser evidenciadas nesse processo indisciplinar de escrita da história, estando no lugar da crítica radical ao estado moderno. Sendo assim é necessário inventar, fabular outros mundos, e os outras teorias.

## 2 **RAPPERSSANDO O CONCEITO/TEMPO A PARTIR DO ENUNCIADO DA ESCRAVIDÃO**

“Espero que cheguemos ao presente”  
Grada Kilomba<sup>34</sup>

Pensaremos então para além das minhas inquietações sobre o tempo histórico que me atravessam e das inquietações próprias do historiador disciplinar que lida a todo momento com a categoria conceitual tempo. Dialogaremos com as corporeidades negras que estão sempre incitando alguma discussão, que tenha como pano de fundo alguma noção sobre o tempo histórico experimentado pelo seu corpo. Como afirmou a artista multidisciplinar/transdisciplinar Grada Kilomba em uma entrevista ao Jornal português Expresso, ao dizer que ainda não chegamos ao presente. A frase da epígrafe do capítulo elabora a noção de tempo que sujeitos racializados estão expressando em seus corpos e suas falas. Logo, a arte, a música e as formas de expressões que compõem a linguagem da diáspora negra, estão apresentando a todo momento uma interpretação sobre o tempo histórico.

Entretanto o que experimentamos é passado e vivemos na atualidade do passado, dentro da diáspora Afro-atlântica, mas o anseio da artista é que “cheguemos ao presente”. Mas ao operar uma racialidade negra no texto da epígrafe, mesmo que a negritude não seja mencionada na frase, ela é operacionalizada e enunciada como ferramenta de tradução do texto. Portanto, percebemos que, ao trazer a negritude para o sentido da frase, ela nos enuncia as possibilidades outras sobre o sentido do texto e sobre tudo aquilo que ele diz. A grande questão enunciada é que, assim como o gênero, a racialidade quando acionada para ser operacionalizada dentro da linguagem, traz sentidos outros para o texto/fonte/frase/verso, sendo assim um lugar produtor de significantes.

A racialidade como *nomus* produtivo, (**rap em cena produzindo, o rap em cena como acontecimento**) é uma ferramenta eficaz precisamente devido à maneira pela qual seus dois principais significantes - o racial e o cultural - fornecem um relato sobre a diferença humana no qual a particularidade continua sendo irreduzível, insuprimível ou seja, ou seja uma particularidade que não sumiria com o desenvolvimento do espírito (Silva, 2022, p.64, grifo nosso).

---

<sup>34</sup> Cf. Disponível em: <https://expresso.pt/revista/2023-07-22-Grande-entrevista-a-Grada-Kilomba-Espero-que-cheguemos-ao-presente-4bf21fe8> Acessado em 18 de setembro de 2023.

“Um novo século havia começado, mas nada de essencial havia mudado”, afirma Frank B Wilderson III (2021, p.355), bem mais ao Sul no mapa, mas no mesmo Atlântico negro, o *rapper*, Funkero na *cypher*<sup>35</sup> Favela Vive 2 completa a afirmação ou a traduz/elabora “O futuro chegou e ainda usamos corrente, escravizados através do tráfico de entorpecente”. Em tese a escravidão é um passado histórico com data de fim, mas os versos, e a teoria crítica do Afropessimismo nos enuncia na cena do acontecimento do racismo, que a escravidão não pode ser mobilizada como passado. Portanto o que se apresenta nesse corpo negro é um outro tempo, o futuro, o presente e o passado não pode aqui ser mobilizado em uma linha linear, nem cíclica.



**FUNKERO, Victor Freitas<sup>36</sup>**

**Figura 2**

**Fonte:** <https://www.rexpeita.com.br/favela-vive-2>

<sup>35</sup> Cf. “A palavra cypher vem do alfabeto árabe (sifr ou صفر), e significa zero. No hip-hop, a cypher se originou na dança, mais especificamente no breakdance, com os b-boy e b-girls que dançavam no centro de círculos – daí a referência ao número zero -, formados pela galera que assistia. Outro pessoal diz que o termo cypher está ligado aos 5%ers, grupo formado por ativistas negros americanos, alguns deles também rappers. Essa galera têm seus códigos próprios, entre eles o cypher, que também é derivado da palavra zero em árabe e, dentro do “dialeto” dos 5%ers, se refere a junção entre sabedoria, conhecimento e entendimento, além da referência ao círculo pessoal de amigos, colegas, etc. Seja qual for sua origem, a cypher no rap tem como objetivo reunir MCs, sendo eles de grupos ou artistas solos, para rimas inéditas e com uma conexão de palavras mais complexas, com um DJ responsável pelo beat. É algo que se aproxima mais do freestyle do que do rap elaborado e construído sobre uma batida produzida em estúdio.” Disponível em: <https://kondzilla.com/explicando-em-detalhes-o-que-e-cypher/> acesso em 19 de junho de 2022.

<sup>36</sup> Cf. Victor Freitas, nascido em 12 de março de 1983 em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Membro do coletivo Damassaclan e integrante do grupo Cartel MC’s. O MC teve uma infância muito pobre, e entrou no crime na sua infância, mas ironicamente o mesmo não deixou a escola e tinha boas notas. Após ser recluso em uma unidade para menores infratores, foi obrigado a pagar trabalho comunitário em uma biblioteca pública, onde lia para cegos. Essa experiência desenvolveu uma paixão por literatura, em principal por Monteiro Lobato, e tal paixão o levou a ser um dos MC’s com melhores líricas e métrica da cena de rap nacional. Disponível em: <https://genius.com/artists/Funkero> Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

Partindo de Denise Ferreira da Silva (2019), essas poesias se encontram na não-localidade, uma vez que estamos dentro da impossibilidade narrativa, a nossa localização não pode ser apreendida. Não sendo a colocação do autor da poesia uma interpretação e determinação do que seria escravização, mas desvelamento do emaranhado do tempo histórico, futuro, o presente e o passado, que se apresenta para sua existência. Ao dizer no presente que o “futuro chegou” o poeta coloca a experiência da escravização no futuro, no presente, no passado, amarrado a um advérbio de tempo “ainda” usamos correntes” o que ele enuncia que já foi um passado, é um presente, e próprio futuro.

O tempo histórico está desorganizado no verso, uma vez que a história disciplinar não trabalha em tese com o futuro, e não opera no mesmo sentido a uma palavra no percurso do tempo. Mas o poeta nos apresenta uma experiência temporal deformada, a escravização negra que é uma categoria histórica do século XV, é deslocada na mesma frase para três tempos históricos, ela começa no futuro, vem para o presente, e é enunciada como passado. O percurso do tempo enunciado pelo poeta não cabe em nosso sistema pré-lógico de tempo, a base que organiza nosso pensamento de tempo é uma base linear, passado, presente, futuro. Mas o poeta apresenta um tempo que ele experimenta no corpo, um tempo que não cabe na lógica narrativa causal, que é comumente apreendido pelo historiador para construção da historiografia sobre a diferença racial.

Por isso Saidya Hartman (2020), nos afirma ao discorrer sobre o arquivo histórico, a mesma percebe que a história disciplinar se compromete a ser fiel aos fatos, em busca de um cientificismo, nesse sentido ela propõe que para pensar os sujeitos negros na história é necessário ter uma postura como historiadora indisciplinar. Quando estamos lidando com arquivos históricos racializados, esse cientificismo da história disciplinar, acaba esbarrando nas ausências e em outro sentido para o tempo histórico. Portanto o sentido dos conceitos, do tempo, se apresenta nas experiências cotidianas que os sujeitos racializados então apresentam em seus corpos.

Sendo assim, ao escrever sobre as histórias de vidas negras insurgentes é necessário pensar a partir do nada, segundo Saidiya Hartman (2019). É importante fazer uma tentativa de inscrição, na linguagem dos sujeitos racializados e a partir dessa linguagem tentar apreender como esses sujeitos estão sentindo e experimentando a cidade. Penetrar esse círculo íntimo montado por eles/elas é

adentrar a linguagem como arquivo. Ao me deslocar como historiadora para dentro do arquivo, formado pela linguagem, percebo que mulheres negras/homens negros/dissidentes negros, foram e são pensadores radicais que elaboram seus traumas construindo outras formas de viver. Tudo falta para aqueles sujeitos, mas a “experiência abundante” transborda na existência (Hartman, 2019, p.24).

Segundo a mesma autora, o gueto/favela/quebrada/comunidade, o lugar que se forma depois da *plantation*, o espaço onde as pessoas racializadas estão se construindo e experimentando a sua existência é um “laboratório social”. A historiadora Saidiya Hartman (2019) afirma que:

O distrito, a quebrada, o gueto – é um ambiente urbano comum onde pobres se reúnem, improvisam forma de vida, experimentam a liberdade e recusam a existência subalterna predefinida para eles. É uma zona de extrema privação e de um desperdício alarmante. Nas fileiras, nos cortiços, as pessoas descendentes vivem em paz com as devassas e imorais. O quarteirão negro é um lugar despojado de beleza extravagante na forma como exhibe isso (Hartman, 2019, p.24).

Entretanto os cientistas sociais vão a esses espaços para construir suas pesquisas como *voyeur* falhando em vê-los como pensadores que estão experimentando a existência. O *rap*<sup>37</sup> é uma forma de expressão insurgente que nasce e existe, nos guetos, nas quebradas de todo mundo afro-diaspórico, uma linguagem produzida experimentando pelos sujeitos do gueto. Assim sendo ele é um experimento poético de existência, uma tradução do cotidiano em linguagem e uma elaboração da existência, em verso/rima/*punch line*<sup>38</sup>, experimentada no território da quebrada, a partir dos bailes, das batalhas de rima e dos encontros proporcionados pela e para construção dessa linguagem poética.

Segundo o historiador Ethan Kleinberg (2020) existe uma fantasia dentro da história disciplinar de busca por uma ciência histórica. Essa fantasia tem aumentado

---

<sup>37</sup> Cf. A história vai ser escrita com sangue, com tinta vermelha de negro, favelado, sofredor, pobre da periferia. A música que veio em seguida, recebida com calorosos aplausos e gritos, mostrou quem tinha assumido essa tarefa de contar tal —história do Brasil. Afinal, a composição dissecava um triste acontecimento do passado recente (o massacre do Carandiru) articulando memórias, canto/fala e musicalidade, sustentando—com base no caso dos presidiários —a opinião de quem via irresponsabilidade e autoritarismo nas ações do governo do Estado de São Paulo. Isso se afina com o que Brown e outros rappers e grupos vêm fazendo por meio de suas canções: estabelecem um diálogo com o passado e escrevem, a seu modo, uma história do tempo presente em que a dureza de algumas experiências—segundo os rappers, negligenciadas nos relatos oficiais—é a principal matéria-prima. Gog, por exemplo, adverte que —caminhamos pelo Brasil, assim, de uma forma simples, mas com um texto forte, com.... tentando passara nossa verdade. Thaíde, na mesma linha, explica que —não sou dono da verdade, mas tenho minha história (Oliveira, 2018, p.81).

<sup>38</sup> Linhas pensada, linhas de soco, comum nas batalhas de rima, que são freestyle, é clímax da estrofe

na contemporaneidade entre os pesquisadores/historiadores, em razão da grande onda de negacionistas e da era da chamada pós-verdade. O historiador também nos aponta uma questão importante para o campo historiográfico, que a disputa por essa fantasia de ciência também é uma disputa financeira. Pois a ciência e o mercado são aliados e estão a todo momento estabelecendo o que é “ciência” o que pode ser reconhecido como ciência. Para que o dinheiro que deve ser da pesquisa seja direcionado, para o que, o mercado entenda como científico e rentável para capital financeiro. Sendo assim, as métricas das agências de financiamento privilegiam as ditas “ciências duras”, fazendo muitas vezes os historiadores que se fantasiam da história disciplinar devotos aos fatos. Nesse sentido essa devoção por um cientificismo alija as historiografias dos sujeitos subalternos uma vez que as fontes ditas oficiais quase sempre estão contando a história do sujeito/homem branco cis heterossexual moderno (Kleinberg, 2020).

Como afirma esse historiador:

O poder da história e das humanidades reside na nossa habilidade de providenciar uma intervenção crítica e, especificamente, determinar as formas e que metodologias aparentemente universais são de fato historicamente condicionadas. Isso é o que nos permite desafiar os paradigmas que são apresentados a nós como “naturais” e assim imutáveis – sejam eles evolutivos, biológicos, neuropsicológicos, ou econômicos – e mostrá-los como historicamente condicionados, contingentes, e sujeitos a crítica. E isso certamente incluiu a própria história enquanto disciplina. Jamais foram “somente os fatos”. (Kleinberg, 2020, p.32-33).

Portanto, como ser fiel aos fatos a partir de uma categoria histórica, como a escravidão negra, que se apresenta na cena do acontecimento das corporeidades racializadas desde o século XV até o século XXI? Como é possível contar uma história do impossível? Se não estamos no regime jurídico da escravidão, por que ela persiste na narrativa dos sujeitos negros na contemporaneidade?

Vamos nos envolver com o passado como a historiadora Saidya Hartman (2021), nos direciona. Desta forma a escravidão está na minha experiência no mundo e marcada no meu corpo, fazendo eu transformar todo esse excesso da violência antinegra em linguagem:

Eu queria me envolver com o passado, sabendo que seus riscos e perigos ainda nos ameaçavam e que ainda agora existem vidas por um triz. A escravidão estabeleceu uma medida humana e um ranking de vida e valor que ainda têm de ser desconstruídos. Se a escravidão persiste como uma questão na vida política dos afro-americanos, não é por causa de uma obsessão antiquada com o passado ou o peso de

uma memória muito longa, mas porque as vidas negras estão ainda sob perigo e ainda são desvalorizadas por um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrincheirados séculos atrás. Esta é a sobrevida da escravidão – oportunidades de vida incertas, acesso limitado à saúde e à educação, morte prematura, encarceramento e pobreza. Eu também sou a sobrevida da escravidão (Hartman, 2021, p.13).

Por consequência a negritude tem a capacidade de romper com o véu da transparência, construído pelo sujeito hegemônico<sup>39</sup> pós-iluminista, produzindo outras formas de interpretação para os conceitos, construindo narrativas dentro das artes, ou seja, produzindo uma outra linguagem. A música, os versos dos *rappers* ao trazerem o enunciado da escravidão colocam o tempo histórico em um lugar de confrontação, para desvelar assim a violência antinegra experimentada no cotidiano dos sujeitos negros, “para expor como a violência colonial permanece ativa no presente global” (Silva, 2017, p.8).

Para Denise Ferreira da Silva (2017), se colocarmos a negritude em uma equação de valor, entre a vida e o valor, o que nos apresenta é um resultado indeterminável, por causa da sobrevida da escravidão. Sendo assim, no cálculo da vida é impossível valorar a negritude. A produção artística desse sujeito negro diásporico é um conteúdo sem forma, sendo a produção do verso/poesia/arte o seu cálculo indeterminável.

Logo em relação ao tempo da história enunciado pelos poetas, não é colocação pelos *rappers* do tempo no lugar/espaço da diferença. Ou seja, não sendo a construção de um tempo oposto do vigente nas historiografias, não se pretendendo a fazer oposição, mas se construindo a partir de seu lugar no mundo. Mas como afirma Silva é se atentar “a negritude enquanto matéria aponta para o  $\infty$ , um outro mundo: a saber, aquele que existe sem tempo e fora do espaço, na plenitude” (Silva, 2017, p.24). Sendo assim o enlace do tempo apresentado pelos poetas não é a dicotomia entre tempo hegemônico da história e um tempo contraposto, mas a apresentação de um tempo fora do lugar, que não conhece referências. O procedimento de linguagem criado pelos *rappers* nos versos é o apontamento de um outro espaço, onde outras formas de saber são produzidas. Portanto não cabe aqui a construção de um referencial de elaboração dos raps que formata essa linguagem, pois o verso/frase é a própria forma (Silva, 2017).

---

<sup>39</sup> Homem branco heterossexual, eu hegemônico nomeado por Sueli Carneiro.

Entretanto, ao dizer da escravidão os *rappers* não estão narrando uma metanarrativa, nem pretendem pensar e elaborar uma história de longa duração (*longue durée*) ou *big history*. Os *rappers* também não têm uma obsessão com o passado, por sempre trazer à tona o enunciado da escravidão como afirma Hartman (2021). O que se transmuta no que convencionamos chamar de presente é uma montagem de um tempo histórico que está marcado em suas próprias corporeidades negras. Em vista disso no cálculo da existência se encontra a escravidão como um signo significante da própria linguagem. Como afirma o Sant, na poesia Sodoma<sup>40</sup>, o cálculo da sua existência acontece no verso ao afirmar que está “Vivendo em parcelas, em celas, há séculos”. Sendo evidente que Sant é um sujeito jovem, mas as parcelas de sua existência e o aprisionamento que cerca a sua existência, está há séculos o cercando. Como pode Sant existir há séculos, a escravidão existe antes do sujeito, sendo assim o ao nascer o cálculo e a formulação de sua negridade elaborado por signo que existe antes dele existir. Após calcular sua existência a partir desse significante o poeta afirma que “Tô cansado dessas rimas soarem reais, soarem iguais aos dos meus ancestrais, é o mesmo capataz”<sup>41</sup>.



**SANT, Sant'Clair Araújo Alves de Souza<sup>42</sup>**

**Figura 3. Fonte: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/7IIBcKrGUBJ0NKdndDde89>**

<sup>40</sup> Cf. “Sodoma é a primeira música a ser lançada pelo selo Favela Cria, criado pelos membros do Além da Loucura, Lord e Dk. A faixa conta com a participação dos rappers Sant e DoisT, grupo de rap do Rio de Janeiro”. Disponível em : <https://genius.com/Favela-cria-sodoma-lyrics> Acesso em 28 de junho de 2023.

<sup>41</sup> FAVELA CRIA, Sodoma ADL | Sant | DoisT (Prod. Yan Souza | Índio). Rio de Janeiro: Selo Favela Cria, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ATNhcOel6SU> . Acesso em 18 de agosto de 2023.

<sup>42</sup> Cf. Sant'Clair Araújo Alves de Souza (1994), natural de Pilares, Zona Norte do Rio de Janeiro, mais conhecido como MC Sant, rapper brasileiro integrante do selo “Mundo ao norte”. MC Sant apesar da pouca idade, é caracterizado por letras maduras e repletas de críticas sociais, que falam muito sobre adolescência conturbada e uma vida cheia de problemas familiares. Entrou para rapper em meados de

Segundo Frank B Wilderson III (2021) a violência contra as pessoas negras não coopera com a narrativa, uma vez que não possui uma lógica causal que seria o princípio básico da história. É evidente que se construirmos uma linha linear conseguiremos estabelecer e elencar causas que perpassam o acontecimento da escravidão negra nas américas. Contudo a violência antinegra que atinge as corporeidades racializadas não alcança uma lógica de causa e efeito. Se a narrativa sobre as violências contra as pessoas negras não possui uma causa e uma lógica, a narrativa se encontra então em uma dinâmica da “impossibilidade” de uma construção histórica no tempo disciplinar. A forma disciplinar da história nos ensina que precisamos de uma lógica causal que enlace um tempo histórico em uma construção historiográfica de uma narrativa, cabendo assim nessa construção um passado ou/e presente, independente se essa narrativa será linear, cíclica ou estratificada. O que fazer quando esse enlace se encontra fraturado pelo racismo?

O racismo coloca os sujeitos negros dentro de uma dinâmica da impossibilidade da narrativa histórica, com a persistência da violência sobre os corpos negros. Contudo vamos, junto com os versos, *Rappersar* o conceito, o sentido e tempo da escravidão a partir das corporeidades negras, que põem em crise as regras da narrativa histórica (Wilderson III, 2021, p.106).

Por que é muito importante para sujeitos que estão montando suas histórias o sentido de tempo? Porque o tempo bordeia a construção de nossa subjetividade, sendo a experiência dos sujeitos no mundo a elaboração e construção de sua “verdade” sobre o mundo, o seu mundo. Dessa forma é um mundo que é produzido na alteridade da sua existência.

## 2.1 Rap e linguagem

---

2011, inspirado em um improviso de 10 minutos do MC Marechal um dos seus mentores dentro do hip-hop e responsável pela criação do selo no qual Sant iniciou sua carreira e lançou “O que separa os homens dos meninos Vol.1”, seu primeiro trabalho de estúdio. Atualmente Sant é membro “D’ O mundo ao Norte”, coletivo de MC’s, produtores e DJ’s da Zona Norte do Rio de Janeiro, como Mc Kayuá, Tiago Mac, DJ LN e LP Beatzz, que buscam além de trazer visibilidade para sua área esquecida no rap (a maioria dos rappers é da Zona Sul e Centro), realizam eventos, oficinas, lançamentos de livros e outras atividades, incentivando a cultura hip hop local”. Disponível em: <https://genius.com/artists/Sant> Acesso em 28 de junho de 2023.

O tempo dentro dos versos se encontra enunciado pela categoria histórica escravidão, a palavra tem sua historicidade e representa um tempo histórico. Como afirma o teórico literário Eduardo Prado Coelho (1979, p.XIV) “Deslocar a palavra é fazer uma revolução”, os *rappers* estão deslocando o sentido do tempo histórico da escravidão, ao deslocar a palavra do seu tempo histórico disciplinar. Uma frase/verso é constituída de várias palavras que são signos ou/e significantes que podem ser enunciados, dentro de um eixo de palavras. Existe nos versos um eixo de sintagmas e paradigmas, que ao final da frase constrói a metáfora do verso. O poeta/rapper constrói as linhas dos versos, as linhas de soco, as *punchlines*, a partir do eixo sentido estabelecido pelas palavras/enunciados no parágrafo da música.

Dito isso, o verso do poeta produz um corpo, uma corporeidade negra que é outro enunciado além do verso. Segundo Jacques Lacan (1998, p.301), a linguagem não nos informa algo, mas nos coloca em reminiscência, e as reminiscências são as memórias construídas nos acontecimentos, daquilo que está além do dito, produzindo assim um corpo, não sendo esse corpo imaterial. De acordo com Judith Butler (2018), é através da interpelação na linguagem que determinados corpos ganham existência social possível.

Ao usar a escravidão, a/o poeta não está utilizando um sintagma para elaborar um paradigma e construir uma metáfora. O uso da escravidão é a própria produção de um outro sistema que muda o sentido enunciado nos signos dos versos, mudando o sentido metafórico final que o poeta pretendia enunciar. Ao dizer e produzir um outro sistema para escravidão, a/o poeta está construindo uma nova linguagem, transgredindo o tempo histórico disciplinar.

Entretanto estão enunciando uma outra coisa, que está sendo construída a partir de seus próprios sistemas, sintagmas e se produzindo a partir da experimentação de outra forma de existir. O teórico afropessimista Frank B Wildersson III (2021), nos apresenta uma situação de comunicação, evidenciando como os enunciados da escravidão (tudo e qualquer palavra que remonta a essa experiência), não são assimilados pela linguagem como metáforas, mas acaba por nos enunciar um sintagma, que tem uma outra rede de significantes, incluindo um outro tempo histórico, sendo esse lugar do tempo que interessa a pesquisa em questão. Segue:

Ninguém absolutamente, *ninguém*, falou, “ei, espere um minuto”, por exemplo, quando uma jovem disse que foi forçada a amamentar todos os brancos no trabalho como havia sido feito na *plantation*. Ninguém disse, “Você está falando metaforicamente, certo? ”. A sala disse

inteira simplesmente amém com certeza. O tempo da escravidão era o tempo de nossas vidas. E isso não era um problema, como alguns psicanalistas diriam, de fusão neurótica entre o imaginário e o simbólico. Em outras palavras, isso não era uma falha de nossas psiques coletivas para restaurar a violência do Estado à lógica relacional, isto é, para separar o tempo da escravidão do tempo da discriminação, ou para separar o espaço dos pelourinhos da cartografia do escritório. Era um reconhecimento coletivo de que o tempo e o espaço da escravidão compartilham aspectos essenciais com o tempo e o espaço de violência, de nossas vidas modernas (Wilderson III, 2021 p.234-235).

Portanto nas nossas vidas modernas existe um espaço coletivo em que tempo experimentado pelos sujeitos negros/negras, são o mesmo da escravidão. Dessa forma cabe para o poeta Emicida colocar em seu verso “E os camburão o que são? Negreiros a retraficar”<sup>43</sup>. Não existem na contemporaneidade navios de “tráficos negreiros”, e também não existia no tempo da escravidão o “camburão”, mas no verso do poeta os dois sintagmas estão no mesmo tempo histórico, pois as duas palavras não estão juntas para construção de uma metáfora. Estão juntas para produzir uma transgressão ao tempo histórico. Pois o sentido experimentado pelas corporeidades negras no tempo e da violência são os mesmos, e são transcritos na linguagem do poeta. Segundo Lacan (1998):

Eu me identifico na linguagem apenas ao me perder nela como abjeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que estou transformando (Lacan, 1998, p.301).

O enunciado da escravidão está no furo do não dito, uma vez que o poeta evoca o tempo da escravidão, nos dois tempos histórico no passado e no presente. O tempo histórico do furo do verso é um tempo do impossível, que é o indizível, que acontece ao tentarmos inscrever o próprio acontecimento da corporeidade negra na existência do agora. Segundo a psicanalista e teórica literária Flávia Cêra (2021, p.3), o indizível é um fazer que não é último do sujeito, mas “É bom lembrar que nunca haverá a palavra última, mas que é através da linguagem que se pode borderar o indizível. ”

Segundo Jacques Lacan (1998), falhamos se acharmos que o significante tende a atender o significado, o significante possuiu o próprio substrato topológico. Entretanto é necessário, escavar as palavras dos versos e seus significados para se atentar às significações, que não estarão necessariamente na letra do texto, mas na

---

<sup>43</sup> EMICIDA. Boa Esperança. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

letra da corporeidade enunciada pelo verso. Há um “deslizamento incessante do significado sob o significante” (1998, p.506), “o poeta produzirá um tecido resplandecente de metáforas” (1998, p.510). Logo o tempo enunciado no verso já citado pelo decorrer do texto, não é uma metáfora que se elabora no tecido do verso. Mas sim o uso do poeta das metáforas para enunciar uma temporalidade outra, o tempo do impossível que é o furo que desliza entre os significantes e significado não sendo passível de nomeação ou significação. “Como podemos inscrever o que não se escreve, e o que não cessa?” (Lacan, 1998)

Segue um matema<sup>44</sup> construído a partir de elaboração própria, respaldada com os teóricos da linguagem, sobre o verso específico da música “Boa Esperança”<sup>45</sup> do Emicida:



**EMICIDA, Leandro Roque de Oliveira.<sup>46</sup>**

**Figura 4.**

**Fonte:**

<https://www.playpremiosdamusicaportuguesa.pt/nomeados2021/emicida-2/>

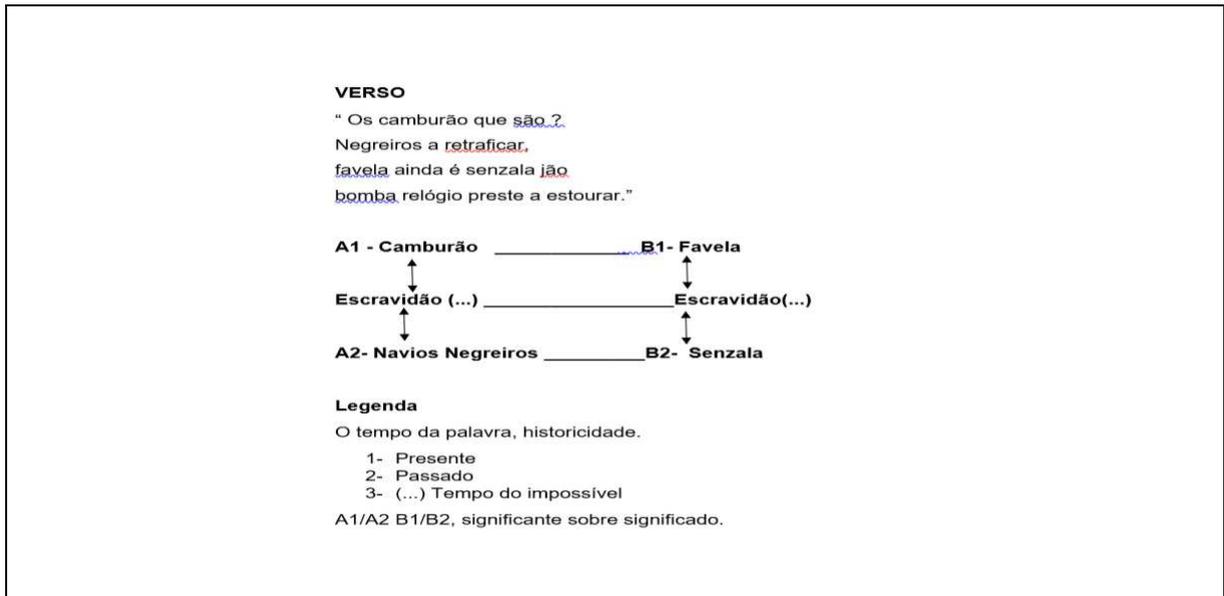
---

<sup>44</sup> Fórmula, um esquema, em que se representam simbolicamente as análises das ideias.

<sup>45</sup> EMICIDA. Boa Esperança. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

<sup>46</sup> Cf. “Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido por Emicida é um rapper, repórter e produtor musical brasileiro. É considerado uma das maiores revelações do hip-hop do Brasil nos últimos anos” Disponível em: <https://genius.com/artists/Emicida> Acesso em 28 de junho de 2023.

### QUADRO 1: O tempo no verso



A escravidão é enunciada no verso, faz parte da cadeia de significante do verso. O verso em si não carrega a palavra escravidão, mas a partir de signos (“navios negreiro” e “senzala”), ela é evocada. A evocação não é solta no verso, ela está desenhada na cadeia do discurso relacionando um signo contemporâneo, com um signo do passado, os dois remontam ao mesmo tempo, que convencionei chamar aqui de um tempo do impossível. Não sendo o presente, nem o passado propriamente, o tempo enunciado no verso é um tempo indizível, não sendo nomeado esse tempo é colocado no verso na forma da impossibilidade de inscrição no tempo. A subjetividade dessa corporeidade negra é produzida a partir da cadeia de significantes, e o procedimento de linguagem do poeta é a relação do sujeito com a cadeia do seu discurso. Esse procedimento de linguagem sutura o sujeito com a sua história, e como afirma o poeta “Feridas da escravidão não se cura com gaze”, somente na sutura do verso (Miller, 1979).

Feridas da escravidão já não se cura com gaze  
 Inútil como a opinião de quem não vive a fase  
**Guarde as suas frases de efeito, pois eu sou o efeito da frase**  
 Quem tem boca vai Roma (grifo nosso)<sup>47</sup>  
 Cesar MC

<sup>47</sup> Cf. Disponível em: <https://genius.com/Cesar-mc-quem-tem-boca-vaia-roma-lyrics> Acesso em 23 de novembro de 2023.



**CESAR MC, Cesar Resende Lemos<sup>48</sup>**

**Figura 5**

Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2021/10/cesar-mc-sobre-deixar-faculdade-para-viver-de-rap-musica-tem-chao-invisivel.html>

Estando esse tempo do poeta no verso, é possível percebê-lo pois ele é o próprio escape do discurso. Contudo não é o lugar da impossibilidade como tragédia, nem como uma nostalgia, mas como uma materialidade irrefreável de um tempo enunciado no texto/discurso do verso, o tempo do impossível. O verso não é uma mera metáfora e como afirma o poeta Cesar MC; “Guarde as suas frases de efeito, pois eu sou o efeito da frase”. O verso cria, produz, corporifica o poeta.

## **2.2 Na quebra do tempo a performance negra no verso**

O corpo é a própria linguagem, e a linguagem é a própria enunciação de um corpo. É importante destacar que o que interessa a essa pesquisadora é perceber como os sujeitos dentro da linguagem estão nomeando e dando sentido a categorias históricas. O diálogo com a performance e em certa medida a psicanálise é para deslocar o sentido dos conceitos do texto teórico, e trazer para o corpo dos sujeitos.

---

<sup>48</sup> Cf. Cesar Resende Lemos, ou Cesar MC é um rapper capixaba do Morro do Quadro – Vitória/ES. Começou a se interessar em ser rapper a partir das batalhas que acontecem na praça do SESC em Vitória. Em 2017 ganhou o Duelo de MCs Nacional – A grande final (uma competição que reúne os melhores MCs de cada estado. O primeiro trabalho autoral colocou o álbum entre os assuntos mais comentado do twitter no dia da estreia. Segundo o rapper “ a música é vivida antes de ser cantada”. Chegou a cursar matemática na Universidade Federal do Espírito Santo, “falo que não larguei a faculdade mas troquei de curso”. Ele afirma que “ o rap me proporcionou o questionamento. Muitas coisas que não tinha refletido sobre mim mesmo, o rap me inspirou a conhecer. Essa foi a maior contribuição. Esse não é só um movimento que pode fazer alguém mudar de vida, mas de aprofundar convicções e dar direcionamento. A partir daí a pessoa pode ser o que quiser, independente da profissão que seguir”. Disponível em: <https://genius.com/artists/Cesar-mc> Acesso em 23 de novembro de 2023.

Essa linguagem desse sujeito racializado não é descolada da materialidade do corpo, nesse sentido nenhum conceito é mera abstração:

A teoria em si costuma ser considerada abstrata: algo é mais teórico quanto mais é abstrato, quanto mais abstraído da vida cotidiana. Abstrair é arrastar, separar, apartar ou desviar. Talvez seja necessário arrastá-la de volta, trazer a teoria de volta à vida (AHMED, 2022, p.25).

A experiência vivenciada em sociedade e a sociabilidade desse sujeito é enunciada em seu próprio discurso transcrito em sua linguagem. Como estão essas pessoas, os *rappers*, acionando categorias históricas para se entender no mundo, ao mesmo tempo dando sentido tecendo a cadeia de seus discursos, produzindo assim as suas corporeidades? Como estão esses sujeitos na quebra de sentido do tempo, enunciando outro tempo histórico? A fala negra segundo Fred Moten (2023, p.41) “rompe com as oposições entre fala e escrita espírito e matéria”, a própria estrutura para palavra é suturada pela pessoa negra a partir de uma cadeia de significante própria. A “sutura é a relação do sujeito com a cadeia de seu discurso”. (Miller, 1979, p.212). O Sujeito que diz e fala, corta os significados, derruba os sentidos e costura o próprio significante. Sendo assim o próprio:

...acontecimento contínuo de uma antiorigem e uma anteorigem, repetição e reverberação de uma ocasião natal impossível, a performance do nascimento e renascimento de uma nova ciência, uma fantasia filogenética que (des)institui a gênese, a reprodução da pretitude em e como (a) reprodução da(s) performance(s) preta(s). São a compensação e a reescrita, o irromper fônico e o rebobinar, da minha última carta, minha última data de registro, meu primeiro inverno projeção de efeito e afeto no mais amplo ângulo de dispersão possível (Moten, 2023, p.41).

Segundo a teórica da linguagem da performance negra Leda Maria Martins (1997), o texto da história e das narrativas mitopoéticas, são traçadas pela dicção da fala e da letra do texto. Como a apreender no texto, na construção histórica de uma comunidade as “fabulações da memória que habitam as narrativas (...) e complexidade de toda representação simbólica de que pereniza no tempo de geração em geração? ” (Martins, 1997,18-19). Existe uma fabulação dentro das narrativas contadas pelos sujeitos racializados dentro da sociedade brasileira, essas fabulações<sup>49</sup> se juntam com algo que dura historicamente, que transforma essas

---

<sup>49</sup> Fabulações para Leda Maria Martins, são as histórias ficcionadas pelos sujeitos na diáspora afro-brasileira, para assim narrar suas histórias por meio de cantigas popular, sendo o livro em que a pensadora trabalha com esse conceito é o 1997, “Afrografias da memória”. No Cap.4 trabalharei com

narrativas em complexas narrativas, que são de difícil apreensão para pesquisador dentro de um tempo linear ou de uma mera lógica de causalidade na construção narrativa do texto pesquisado (Martins, 1997).

De acordo com Fred Moten (2023) existe necessariamente uma visualidade na performance preta, sendo enunciado pela fala, pelo som, enunciando uma cena de objeção. Segundo ele, diferente de Saidiya Hartman, a decisão de não reproduzir cenas de violência, cenas de objeção, em certa medida é ilusória. Nesse sentido a escravidão e a violência antinegra são enunciadas mesmo quando são recusadas. Os versos de poetas quebram a linguagem texto, e montam uma cena, na cena do acontecimento de uma existência negra. A exemplo do verso do rapper Sant<sup>50</sup>, na música “Vivências”:

“Viver não é dizer,  
 Lp beatzz, lp beatzz, lp beatz,  
 Imagine você puxando o celular no,  
 Meio de uma blitz  
 Quase dá para sentir a alegria do  
 Porco depois do fim triste  
 Até peço perdão porque só de pensar,  
 já passei dos limites  
 Tem a ver com a história e com a  
 geografia o porquê de resistir”  
 Sant

O verso em questão remonta cenas de violência, sem narrar as cenas de violência, a fala enunciada no verso é a própria performance da vivência negra narrada pelo poeta. Portanto ao dizer “imagine você puxando o celular no meio de uma blitz”, a cena e performance já está montada no acontecimento do dito, ao mesmo tempo o autor associa a resistência à história, a um passado de resistência sobre a violência antinegra. Ao dizer “tem a ver com a história, e com a geografia o porquê de resistir”, ele evoca a resistência a uma territorialidade além do Brasil, remontando assim um tempo que vai além, do presente e enunciando o tempo da resistência da escravização na *plantation* ou no *Engenho*.

Segundo Leda Maria Martins (1997) a identidade afro-brasileira é tecida por meio de uma grande encruzilhada suturada por várias formas de organização e formas de simbolização do real. Portanto é uma identidade móvel que deve ser pensada a partir de uma sutura, uma costura de fala e gestos que estão a todo momento

---

o conceito de “fabulação crítica” da historiadora Saidiya Hartman, que estava conceituando fabulação no norte-global, mas na mesma diáspora afro-atlântica.

dialogando com a memória e a rememoração de sua história. Esse processo é um acontecimento, que nasce a partir da interação entre os sujeitos racializados que se transforma e se reatualiza continuamente, como coreografias de linguagens singulares, construindo “alteridades negras”. No percurso da história preta/negra brasileira ou da diáspora afro-atlântica, formas e rituais de linguagem estão sendo produzidos, elaborando formas de veridicção, construindo operações plurais de restauração de significantes e significados. (Martins, 1997, p.26)

A fala do sujeito negro, seja no jazz, seja na congada, seja no rap, “funda um sujeito em movimento”, “esculpe um saber”, é fala revestida de passado e ancestralidade. A palavra proferida é falada para inscrever e colocar o sujeito que diz, no “ciclo de expressão e poder”. Segundo Martins (1997) a palavra é o próprio acontecimento, sendo também um saber, “esse saber se torna acontecimento não porque se cristalizou nos arquivos da memória, mas por ser reeditada na performance do cantador/narrador e na resposta coletiva” (Martins, 1997, p.146)

### **2.3 A escravidão enunciada pelos poetas, como elaboração dos racismos cotidianos**

A escravidão enunciada pelos poetas tem fundamentalmente relação com o acontecimento racismo na vida dos rappers. Segundo a historiadora Ynaê Lopes dos Santos (2022), “não há história do Brasil sem racismos”, entendo que não há história da modernidade sem racismo. Portanto há uma ideia sobre o que é o humano, que nasce a partir da invenção da modernidade, essa construção de humano moderna inventa fundamentalmente o outro racial. O sujeito racial não está alijado da construção do homem moderno (sujeito hegemônico), mas fundamentalmente sua alteridade é utilizada para sua invenção. A escravidão moderna, que cria o sujeito negro da diáspora afro-atlântica nasce dessa base, sendo um processo de desumanização de determinados corpos e uma forma de dominação extrema. Existe assim uma dimensão singularizada de poder entre o senhor e o escravo moderno. A escravidão aparece, nessa relação com o seu caráter de formação, alicerce da modernidade, que funda o caráter generalizador ao inventar o sujeito racial, ou seja, a escravidão negra moderna tem uma perspectiva global (Patterson, 2008).

A escravidão não é um construto histórico inventado na modernidade, ela fez parte de todas sociedades estratificadas antes da modernidade e não é prentensão

desse trabalho historicizar todas as formas que a escravidão tomou nas variadas sociedades no mundo, pois já existem trabalhos substanciais sobre a temática. Mas ao dizer que esse construto histórico existiu em várias sociedades é possível perceber o caráter relacional na forma de constituição do regime dentro das sociedades. De acordo com a cultura, com a religião, a escravidão era instituída de uma forma na sociedade. Segundo Patterson (2008), o escravo era para a modernidade uma existência amorfa, sem sua própria razão, um instrumento, uma ferramenta, sendo o senhor a alma desse corpo, razão e lugar de vida (Patterson, 2008).

A escravidão racializada é uma categoria inventada com a modernidade, que estabelece primordialmente a forma como o poder será distribuído e redistribuído na sociedade moderna. Quando se inventou o sujeito hegemônico na modernidade, este não foi dissociado da invenção do negro, ou seja, o hegemônico se inventou a partir do alijamento de sujeitos raciais. Segundo Denise Ferreira da Silva (2017), a violência racial foi autorizada pelas formas jurídicas modernas, a partir das constituições de saberes, colonialismo e escravização. Portanto a poética negra contida nos versos do rap é capaz de “driblar a hegemonia do sujeito kantiano” (Silva, 2017, p.19), do homem moderno (sujeito hegemônico) (Silva, 2017).

A modernidade inaugurada pelos e para os europeus no século trouxe consigo as bases do racismo. É no XV desenrolar dessa modernidade globalizada que ele se constitui como engrenagem central. Mas esse foi, como já dito, um processo longo e complexo. (Santos, 2022, p.24)

Segundo Frank B. Wilderson III, para algumas pessoas é impossível apreender uma escravidão em pleno século XXI, imaginar uma *plantation* na contemporaneidade é descabido. Entretanto segundo o autor a “negritude é limítrofe com a escravidão”, “a negritude é a morte social”. Partindo da perspectiva da morte social, não existe um momento desde a sua invenção que a escravidão não tenha existido. A negritude para o autor é um conjunto e equipamento antropológico e de práticas culturais que elabora e se constrói por meio da escravidão. Dialogando com Hortense Spillers, Wilderson afirma que há uma linha reta na narrativa da história do negro no mundo moderno que a autora chama de “imobilidade histórica”. Existe uma duração de uma escravidão, que não é persistência histórica de um acontecimento, mas o congelamento de uma experiência no tempo (Wilderson III, 2021, p.119).

Para a manutenção desse congelamento histórico da categoria escravidão é necessário tirar a humanidade dos sujeitos raciais e os desconsiderar socialmente. Deste modo para Frank B Wilderson III (2021) existe uma diferença entre o negro e o

humano, para ele os sujeitos negros são não humanos<sup>51</sup>, mas suportes e ferramentas para a realização da fantasia do branco. Os sujeitos escravizados são consumidos como ferramentas, não sendo trabalhadores explorados. Segundo o autor:

a violência contra o negro não é uma forma de ódio racista, e sim o genoma da renovação humana; um balsamo terapêutico de que a espécie humana precisa para se conhecer e se curar? Porque o mundo precisa reproduzir essa violência, essa morte social, para que a vida social possa regenerar humanos e impedir que eles sofram a catástrofe da incoerência (ausência) psíquica? Por que o mundo precisa se alimentar de carne negra? (Wilderson III, 2021, p.26-27).

Entretanto “essa renovação” da ideia de humano moderno elaborada por Wilderson III (2021), a partir da violência, também é percebida pelo poeta Borges na música “Lei Aurea”, ao dizer em seu verso “Favela alimenta a sua fome de sangue”, se referindo ao Estado, como forma de digressão diria o Estado Moderno. Como afirma o poeta Choice “nossa dor que alimenta as reportagens da imprensa”. E enlaçando o poeta Major RD na cypher Favela Vive afirma que “ preto se fudendo é atrativo, querem te matar sem ter motivo”. Portanto é evidenciado no texto do verso, a elaboração do regime de violência que vivem esses corpos ao dizerem da falta de causalidade com que se dão as mortes e o genocídio de pessoas pretas nas periferias do Brasil.



**BORGES, Luiz Felipe Borges**<sup>52</sup>

**Figura 6. Fonte:**

<https://www.deezer.com/br/artist/5700769>

<sup>51</sup> O humano desenhado pelo autor é o homem moderno inventado na modernidade pelos filósofos.

<sup>52</sup> Luiz Felipe Borges, *rapper* carioca conhecido profissionalmente como Borges, começou a carreira juntamente com o grupo Young Fire Gang, que veio terminar em janeiro de 2020. Surgiu na cena nas batalhas de rima da Pavuna, de onde vem, sua área Zona Norte do Rio de Janeiro. Sendo músico da Mainstreet Records, selo carioca e independente de *rapper*. Em junho de 2023, quando morreram os bilionários no submarino, viralizou nas redes sociais e virou notícia ao dizer que não se importava com milionários, em um dos seus posts no twitter afirmou “ Eu tô digitando e tem alguém morrendo mano. Por que eu vou me importar com esses bilionários malucos?” Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rapper-borges-viraliza-ao-dizer-que-nao-se-importa-com->

**MAJOR RD, Rodrigo Freitas  
Fernandes Morais<sup>53</sup>**

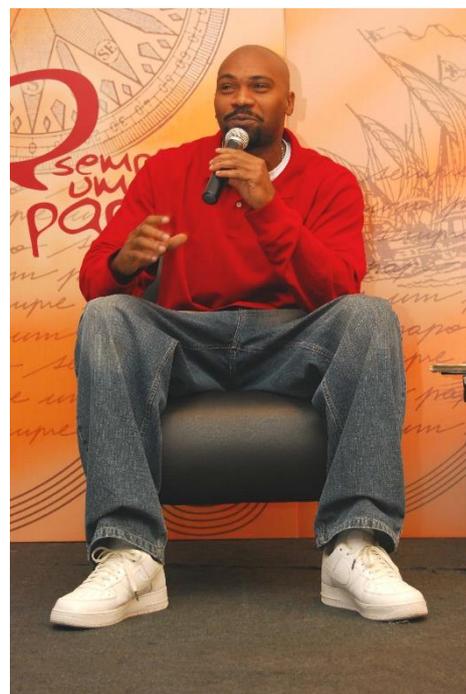
**Figura 7**

Fonte:



<https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/major-rd-e-ameacado-de-processo-por-banco-digital>

**MV BILL, Alex Pereira Barbosa<sup>54</sup>**



[milionarios-em-submarino,804d5b75bbc2a704db160f7d2bc2c8dftzfdrmkc.html](https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/major-rd-e-ameacado-de-processo-por-banco-digital) Acesso em 10 de janeiro de 2024

<sup>53</sup> Rodrigo Freitas Fernandes Morais nascido em Campo Grande bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, *rapper* carioca conhecido como Major RD, tem esse nome artístico inspirado no personagem Major do filme *Green Street Hooligans*. Aos poucos Major, foi ganhando espaço na cena do rap nacional por conta da sua lírica incomparável e seu flow agressivo. Se tornando assim um dos principais nomes da cena atual. Aos seus 17 anos conheceu Xamã, uma das principais responsáveis por sua inserção no rap, na mesma época era auxiliar de açougueiro de um mercado local, ao mesmo tempo começou a participar em algumas batalhas de rap. E foi em 2017 que Major RD começou a ganhar reconhecimento. Ele participou de projetos em canais de produtoras conhecidas nacionalmente na cena do rap. Em 2021, o rapper lançou disco de estreia "Troféu", desde então coleciona parcerias e hits. Atualmente movimento o cenário do rap com sua própria gravadora independente, a Rock Danger. Disponível em: <https://genius.com/artists/Major-rd> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

<sup>54</sup> Cf. Alex Pereira Barbosa (Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1974), mais conhecido pelo nome artístico MV Bill, é um rapper, escritor, ator, cineasta e ativista brasileiro. Iniciou a carreira na música em 1988, quando começou a escrever sambas-enredo para seu pai, sendo que em 1993 fez sua primeira participação em um disco oficial. Seu primeiro álbum foi lançado em 1998 sob o título de Traficando Informação, que contou com a faixa "Soldado do Morro". Nesta época MV Bill foi acusado de apologia

**Figura 8. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/MV\\_Bill](https://pt.wikipedia.org/wiki/MV_Bill)**

Tática inimiga, bota a bala pra comer e menos um nigga  
 Atiram na nuca primeiro derrubam certo para perguntar depois  
 A mídia não cala nossa voz, favela vive parte 2  
 MV Bill- Favela Vive 2

No procedimento de linguagem dos poetas eles elaboram como a violência antinegra nas periferias, nos guetos, nos territórios negros é alimento para uma fantasia existencial do branco. Portanto os versos contêm uma força disruptiva de romper com o engodo que permeia a elaboração da violência antinegra e evidenciando as fantasias do branco que permeia a violência antinegra no presente global. Os rappers expõem com os versos o excesso da violência que marca os sujeitos negros dentro dessa forma de existência moderna. Quando o poeta não procura uma lógica causal para a violência na favela, ao dizer que o Estado se alimenta do sangue da morte dos sujeitos racializados, eles rompem assim com o pensamento especulativo moderno, expondo o excesso indefensável da violência antinegra. Elaboram um pensamento sem sequencialidade e “determinalidade”, assim o procedimento de linguagem do poeta trabalha para expor as permanências e permanente violência antinegra no presente.

Como afirma Denise Ferreira da Silva (2017), existe uma moralidade, comum e pública, que opera na elaboração dos elementos do pensamento moderno, construindo assim, uma indiferença ética com a violência racial. Essa indiferença está sustentada na operação da moralidade moderna. Quando os poetas afirmam que não existe motivo para violência, e que estão utilizando o sangue e corpos negros como alimento, eles desvelam a indiferença ética do Estado, o desarranjo da ética moderna. (Silva, 2017).

Para Orlando Patterson (2008), a escravidão é um signo de dominação altamente simbólico, com ritos de passagem que estabelecem a morte social. A primeira passagem é de-socializar os sujeitos, os tirando de seu espaço/território, a segunda passagem é a despersonalização dos escravizados, ao introduzirem eles na

---

ao crime. MV Bill também atua como ativista social, tendo criado junto com Celso Athayde a organização não-governamental Central Única das Favelas (CUFA), presente em todos os estados do Brasil. Acompanhada da CUFA, veio o Festival Hutúz e conseqüentemente o Prêmio Hutúz, que enquanto existiu, foi considerado o maior do gênero na América Latina. Em 2009 participou das filmagens do filme *Sonhos Roubados* e, no ano seguinte, passou a integrar o elenco da 18ª temporada da telenovela *Malhação*, exibida pela Rede Globo, como o personagem Antônio. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/MV\\_Bill](https://pt.wikipedia.org/wiki/MV_Bill) Acesso em 10 de janeiro de 2024.

sociedade do senhor, como um outro/não-ser. As pessoas escravizadas são sujeitas sem direito à genealogia, sem uma herança genealógica, mas não sem um passado. A escravidão como um processo histórico existiu em diversas sociedades, sendo originada como uma alternativa à morte. (Patterson, 2008).

Para Patterson (2008), existe um sentido de domínio da liberdade, que obscurece qualquer definição sobre escravidão. Uma vez que, se pensarmos na forma jurídica, os sujeitos racializados possuem liberdade, cidadania, mas sendo a existência jurídica dessas pessoas interdita pela violência. É importante demarcar que o sujeito racializado não é interdito em sua fala, ele fala, produz linguagem, formas de existências e procedimentos de escrita. Portanto, ao dizer que a morte social do sujeito é evidenciada por um domínio de liberdade do senhor branco, é possível entender que o sujeito branco tem um regime de violência à sua disposição podendo a qualquer momento fazer uso dele. O sujeito racializado não tem controle sobre esse regime de violência, vide o genocídio em curso da população negra no Brasil e o encarceramento em massa nos Estados Unidos, e no Brasil também. Entretanto, como afirma Frank B Wilderson III (2008, p.240) “o que as pessoas brancas vão fazer com a minha carne? E a resposta é a mesma: o que elas quiserem”, e como afirma o poeta Borges “Quem disse que o mundo vai mudar? ” (Patterson, 2008)

Segundo Wilderson III (2021), o tempo da narrativa sempre terá uma historicidade, o tempo histórico está e é montado pelo sujeito escravizado, não na instituição que o fez escravo. Portanto “para o escravo o ‘tempo’ histórico não é possível”, a lógica do tempo é impossível de conceber, de ter um lugar de nascimento e ser coerente. Os elementos que elaboram a escravidão são, segundo o autor; “violência crua (ou gratuita), ofensa universal e alienação natural” (Wilderson III, 2021, p.258). O racismo não é uma circunscrição, possuindo um limite passível de delimitação, dentro da história e narrativa do sujeito racializado. Ele está intrinsecamente ligado ao meu modo de existir, e elaborar a negritude (Wilderson III, 2021, p.258).

A escravidão é uma dinâmica relacional - não um evento e, certamente não um lugar no espaço como Sul; assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional – e essa dinâmica relacional pode continuar a existir uma vez que o governador tenha cedido o poder governamental. E essas duas relações são asseguradas por um contexto radicalmente diferentes de violência (Wilderson III, 2021, p.259).

Segundo Wilderson III (2021), existe escravidão sem negritude, mas não existe negritude sem escravidão, portanto na cena do acontecimento do racismo o sujeito é racializado e se torna negro, sendo assim a escravidão enunciada pelos poetas, uma dinâmica relacional. O sujeito sabe que é preto, porque alguém assim o nomeia, mas é na cena do acontecimento, na dinâmica da relação do racismo que a negritude é elaborada por meio da escravidão. Como afirma Franz Fanon (2008) ao descrever uma cena de subjetivação:

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias. Onde me esconder? Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno (Fanon, 2008, p.106).

Os autores, tanto Franz Fanon (2008), quanto Frank B Wilderson III (2021), por meio de narrativas de si, vão elaborando como se tornaram negros, em um ano específico, e como foi atravessado pelo racismo cotidiano, assim as cenas dos acontecimentos cotidianos desvelavam a sua negritude, e sua elaboração por meio dos signos da escravidão.

## **2.4 Considerações da teoria da história sobre o tempo histórico**

O que é tempo? O tempo aparece sob o signo do paradoxo, o tempo do impossível, o tempo da corporeidade negra aparece principalmente a partir da falta de nexos e lógica. É importante salientar que essa lógica enunciada é lógica hegemônica do tempo histórico, linear, passado, presente, futuro. Segundo o historiador Allan Kaderc Pereira (2022), o tempo histórico para os sujeitos racializados é um tema central e que está diretamente enlaçado com a cena da luta política por emancipação racial.

Portanto é importante entender que por mais que o tempo linear se estabeleça no senso comum, como um tempo universal, na teoria da história e na filosofia já se convencionou pensar em tempos históricos, ou seja, se produzem na história regimes de historicidades diversos. As temporalidades são diversas e produzem teorias diversas dentro dos estudos filosóficos e teóricos. Nesse sentido essa dissertação caminha no para entender um campo dentro da teoria já consolidado que são os estudos das temporalidades, mas trazendo uma nova perspectiva. O tempo pode ser

trabalhado como algo exterior ao sujeito, como uma categoria subjetiva ou um tempo relacional, o tempo histórico é um tempo inventado por historiadores na operação historiográfica.

O tempo é uma categoria elementar para se pensar dentro da história, mas, como campo de estudo dentro da teoria da história, começa a ganhar uma importância significativa na década de 90. O campo de “estudos do tempo”<sup>55</sup> empenha-se a partir

---

<sup>55</sup> Os estudos do tempo dentro da teoria da história são separados por esferas epistêmicas diversas e partir de contextos diversos. Segundo o historiador Hélio Rebello C. Jr. (2023) os estudos do tempo podem ser divididos em metafísica do tempo natural, metafísica do tempo histórico, regimes de historicidade, regimes historiográficos. Sendo essas áreas lugares teóricos que estão em constante movimento de elaboração da categoria tempo histórico. (Cardoso Jr, Mudrovcic, Landwehr, 2023).

A metafísica do tempo histórico é entendida por uma perspectiva Whiteheadiana, que entende um pensamento e reflete sobre os “significados dos usos conceituais”. Essa subárea é dividida entre a “metafísica clássica” e a “nova metafísica do tempo”, as duas abordagens se preocupam com a fronteira do tempo histórico e a ordem do tempo natural. A metafísica do tempo clássica é uma abordagem ocupada pelos filósofos clássicos dos cânones moderno, que estão preocupados com um determinado “sentido da história”, a exemplo de Hegel. A “nova metafísica do tempo histórico” tem como principais teóricos desde da década de 80 Hans U. Gumbrecht, Reinhart Koselleck Frank Ankersmit (Cardoso Jr, Mudrovcic, Landwehr, 2023). Todos homens brancos europeus. Certamente os estudos decoloniais podem apontar para outras maneiras de compreensão do tempo histórico.

Diferente da metafísica clássica não interessa a esses historiadores o sentido da história produzido pela relação temporal. Portanto na “nova metafísica do tempo” a elaboração de um significado que interessa ao historiador ou historiadora do tempo é de que maneira o passado está chegando no presente, e como esse presente está construindo um futuro, mudando assim a história. Sendo assim ela é abordagem que se preocupa e tem um compromisso ontológico que são; “desprendimento do tempo natural”, “relação entre passado, presente e futuro” e “mudança temporal”. São então classificadas em três padrões epistemológicos: “presença, temporalidades múltiplas e tempo histórico analítico” (Cardoso Jr, Mudrovcic, Landwehr, 2023, p.5).

O “paradigma da presença” está procurando elaborar e compreender como os passados estão presentes, nos documentos, objetos e memoriais, ao mesmo perdido uma vez que não se alcança mais esse passado. Sendo assim “o ponto de ausência-presença do passado, segundo o paradigma temporal da presença, situa-se no contato sem espessura entre o passado e o presente” (Cardoso Jr, Mudrovcic, Landwehr, 2023, p.5).

O outro padrão epistemológico é o das “temporalidades múltiplas” é uma linha de pensamento que decorre das teorias temporais de Reinhart Koselleck. Para a teoria de Koselleck existem temporalidades sobrepostas às outras, usando uma “metáfora geológica”, o passado é formado por sedimentos, camadas, estratos, formando uma estrutura temporal. Sendo assim segundo o teórico

de questionamentos transdisciplinares. O tempo não é um agente histórico nem os acontecimentos que ocorrem no percurso do tempo histórico, o tempo é/e pode ser uma categoria hermenêutica, ontológica, produzida por diversas posições teóricas dentro dos “estudos do tempo” (Mudrovic, Cardoso Jr, Landwehr, 2023).

O tempo é um tema central dentro da história, por conseguinte alguns historiadores, teóricos da história se atentaram para essa categoria. Sendo assim, construindo formas de interpretar, pensar o tempo. Assim operacionalizando como apreender esse tempo que podemos pretendemos pesquisar como historiadores. Observando também os problemas de uma apreensão “errada” do tempo na operação historiográfica a exemplo dos anacronismos.

Segundo o historiador José Assunção Barros (2017), o historiador está em relação dialógica com seu objeto. Ao assumirmos uma postura disciplinar da história, pensaremos que o historiador está suspenso em duas temporalidades históricas: a temporalidade histórica do seu objeto e a temporalidade histórica que vive, uma vez que é impossível para ele está apartado do texto historiográfico que escreve. Portanto como eu, a historiadora poderei operacionalizar os versos dos rappers, que reatualizam o tempo histórico da escravidão? O que acontece quando a temporalidade do objeto não é fixa, desdobra na existência da historiadora que vos escreve?

Deste modo Barros (2017, p.) afirma que; “é necessário, é preciso decifrar a linguagem da fonte quase como se fosse, metaforicamente, uma língua estrangeira.”

---

Jhordheim, Koselleck desenvolve uma metateoria dos tempos históricos construindo uma teoria geral dentro dos “estudos do tempo”. Com desenvolvimento da abordagem de múltiplas temporalidades alguns teóricos discordando de Reinhart Koselleck pois debate necessitada de uma revisão a partir dos estudos pós-coloniais e decoloniais. O precursor da revisão discussões é Stefan Helgesson, para autor é necessário se livrar da “força homogeneizadora da modernidade”, e entender a heterocronia do tempo histórico. Segundo Achim Landwehr, a teoria de Koselleck tende a criar uma cronorefência e tende a reforçar uma estabilização do tempo histórico. A teoria mais recente dentro das múltiplas temporalidades é a teoria do “futuros histórico” futuro, “na crise da modernidade, acaba por ser disruptivo em vez de um tempo contínuo em relação ao passado” (Cardoso Jr, Mudrovic, Landwehr, 2023, p.7).

Outra perspectiva é do “tempo histórico analítico” é uma abordagem que se preocupa com forma linguística das pessoas e dos historiadores. Partindo dessa perspectiva estão todos presos na linguagem alijados da experiência histórica, sendo assim “explicação histórica não pode transcender a linguagem”. Portanto para essa perspectiva somente ocorre a mudança histórica, quando um pressuposto substituir o a anterior (Cardoso Jr, Mudrovic, Landwehr, 2023, p.8).

Os conceitos na história vêm da vida comum do cotidiano expresso nas fontes analisadas, sendo a fonte um lócus que enuncia ao historiador possibilidades conceituais e/ou problematizações dos conceitos históricos a serem mobilizados pelo historiador. Como afirma o autor “A discussão sobre um conceito, seja qual for a origem de seus materiais, é sempre histórica, e deve se atualizar permanentemente” (Barros, 2017, p.175).

Seria então anacronismo dizer que escravidão acabou? O que seria então anacronismo? A história disciplinar devota de uma ideia de verdade, compreende que o anacronismo é um pecado mortal. Que seria situar um fato, ou um sujeito em uma época diferente a que ele pertence. Portanto, repensar os anacronismos é colocar discussões nos regimes de verdades que perpassam a história disciplinar. Segundo Jacques Rancière (2011) os anacronismos não podem ser pensados como uma confusão de datas, mas como uma confusão de épocas. Entretanto trata-se de abolir o tempo da sucessão e construir uma história em que o tempo tenha uma heterogeneidade de partes sucessivas (Rancière, 2011).

O que faz o historiador disciplinar dizer que a escravidão acabou, é o fato histórico do fim de seu regime jurídico em 1888. Portanto uma vez que o que estabelece seu fim não está nos versos analisados, mas no fato histórico, o sentido de fim da escravidão será imputado pelo historiador disciplinar de fora do verso. A atribuição do sentido de tempo da escravidão encontra-se deslocada da vida cotidiana dos sujeitos racializados. Seria então essa atribuição de tempo uma atribuição anacrônica? É necessário decifrar a linguagem do poeta, os signos e significantes para estabelecer um sentido. Seria então um erro anacrônico considerar a escravidão um enunciado histórico datado, considerando que ela é uma categoria relacional como afirma Frank B. Wilderson III (2021). Portanto, o historiador possui o “potencial generalizador diacrônico” (Barros, 2017).

Para o historiador Reinhart Koselleck (2006) o tempo não é dado natural, mas uma construção histórica cultural de cada tempo histórico. Em cada tempo histórico os sujeitos estão elaborando o tempo histórico de uma forma. As contribuições teóricas de Koselleck são imprescindíveis para a história em todo mundo, mas é importante demarcar que os processos históricos que ele lança mão para suas construções conceituais ainda são a história do homem hegemônico.

Segundo Reinhart Koselleck (2006):

Ao investigar o que é manifesto pela linguagem, pretendeu compreender os modos pelos quais o mundo moderno tomou consciência da sua própria modernidade (s), orientando a pesquisa histórica para o pensamento do mundo contemporâneo e indagando em que medida estamos ou não, ainda hoje, experimentando o mesmo universo de significados (Koselleck, 2006, p.10).

A evocação a Reinhart Koselleck, se dá porque o mesmo foi um historiador que se debruçou durante a vida, a pensar o tempo e os espaços, e ele o estudava a fim de romper com as perspectivas lineares e progressistas do estudo da história. Segundo alguns historiadores e historiadoras ele é um filósofo do tempo. Assim sendo, como afirma François Hartog (2013, p.167) “Desde Reinhart Koselleck, o tempo não é mais somente o quadro do que acontece, as coisas não se dão mais no tempo, mas pelo tempo, ele se transforma em ator.” O próprio tempo nos enuncia, os fenômenos que estamos sendo atravessados no agora, e como a história se faz no hoje, saturado de passados e futuros que são o agora manifestado nos acontecimentos.

Entretanto, como afirma Reinhart Koselleck (2014, p.9) “A história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente.” Isto é, para ele os tempos históricos eram os *estratos do tempo*, em um mesmo tempo a exemplo a contemporaneidade existiam vários tempos de durações diferentes, “muitas coisas acontecem ao mesmo tempo sendo em diacronia ou em sincronia” (Koselleck, 2014, p.9). A longa duração de fenômenos históricos, não é uma constituição cíclica de eterno retorno, mas uma repetição que se atualiza no presente, é um estrato do passado que precipita produzindo um presente.

Nesse sentido Koselleck (2014) pretende estratificar o tempo para “solapar a oposição” entre o tempo linear e o tempo circular. “Os estratos temporais são as camadas de tempo com diferentes durações e diferentes “origens” que coabitam um espaço” (Koselleck, 2021, p.34). Entretanto, o tempo é subjetivamente produzido na singularidade do acontecimento, que nos esgotam nos acontecimentos, uma vez que qualquer acontecimento, tem fenômenos sociais, geográficos e históricos que antecedem o presente. Dessa forma a grande questão dos estratos do tempo de Koselleck é conseguir medir, diferentes temporalidades, que se passam com velocidades diferentes, apresentando uma grande complexidade temporal que é tempo histórico na contemporaneidade (Koselleck,2014).

Logo, o tempo, “não é organizado por uma linha evolutiva, processual e cronológica, mas pelo encruzamento das presentificações e obscurecimentos de passados e futuros em determinado presente” (Koselleck, 2021, p.48). Ademais, como o tempo é uma disputa epistemológica, ele não é neutro, assim como a escrita da história, ele passa por escolha de objetos e uma escolha epistemológica pelos historiadores e historiadoras (essa perspectiva já deveria ser óbvia para historiadores).

Segundo o filósofo Walter Benjamin (1992) o passado é algo que se recupera no presente, a fim de que se tenha um futuro ético. Por isso é necessário disputar os passados no presente, para Walter Benjamin (1992) é primordial construir uma história a contrapelo e voltar nos passados e disputar por eles, uma vez que os mortos também estão em disputa na construção historiográfica no presente.

Para Walter Benjamin (1992), não existe imagem autêntica do passado e qualquer movimento teórico que se propõe a dizer isso esbarra no fascismo. Nesse sentido o passado só pode ser acessado a partir do presente, o passado nos apresenta acontecimentos que interessam ao nosso futuro como humanidade. “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-agora” (Benjamin, 1992, p.166).

O W. Benjamin estava, nessa tese XIV, propondo romper com essa ideia de tempo contínuo da história, pois os acontecimentos têm os seus próprios tempos. Dessa forma, para ele o tempo histórico não é o tempo do calendário, mas o tempo inseparável do objeto e do acontecimento. Por isso é necessário para Benjamin interromper esse curso das horas e do tempo da forma como ele está instituído, é necessário explodir essa continuidade histórica.

Um exemplo latino-americano recente traduz, de maneira extraordinária, essa aspiração no terreno simbólico - contestatório mais do que revolucionário. Durante as manifestações populares de protesto - por iniciativa de organizações sindicais operárias e camponesas, e de movimentos negros e indígenas contra as comemorações oficiais (governamentais) dos 500 anos, aniversário da "descoberta" o Brasil pelos navegantes portugueses em 1500, um grupo de índios atirou flechas contra o relógio (patrocinado pela Rede Globo de Televisão) que marcava os dias e as horas do centenário... (LOWY, 2005, p.126/127)

Desse modo, indo nessa perspectiva de pensar o tempo, para François Hartog (2013), existem diversos regimes de historicidades, que é como se articulam o tempo

passado, presente, futuro. Portanto a ordem do tempo não é a mesma em cada acontecimento e fenômeno histórico. O tempo é articulado e inventado, construído no acontecimento, e só é apreendido quando entendemos o percurso gerativo de sentido do tempo no acontecimento. “O regime de historicidade não é uma realidade pronta, mas um instrumento heurístico ” (Hartog, 2013, p.166).

Portanto o tempo como campo de estudos, assume várias visões e perspectivas, é importante salientar que o mesmo não é só um problema teórico mas assume implicações sociais e políticas. Isso acontece pela existência de tempos históricos múltiplos, essa multiplicidade se transpõe a uma multiplicidade teórico e epistemológica. Mesmo assim o eurocentrismo atua nas construções epistemológicas do tempo sincronizando os tempos múltiplos, que podem desconsiderar a homogeneidade do tempo colonial que cerca nos sujeitos mais ao sul e aliados do projeto epistêmico moderno (Oliveira, 2022).

Os “estudos do tempo” é um lugar teórico e epistemológico onde cabe a transdisciplinariedade, pois envolve a categoria fundamental da história que é o tempo. Sendo assim um lugar possível para construção de novas formas de se construir a narrativa historiográfica. A historiadora Maria da Gloria de Oliveira (2022) partindo dos silêncios historiográficos nos atenta que no presente o historiador não deve apenas identifica os novos regimes de historicidade, mas perceber que, o que marca a posição do historiador hoje é que ele faz com isso. Portanto segundo a historiadora:

As reflexões a seguir tomam, como ponto de partida, não apenas as variáveis e persistentes formas com que a narrativa histórica é constituída por múltiplos silêncios, mas sobretudo os modos como pode reiterar uma relação paradoxal com os sujeitos silenciados. O paradoxo consiste no fato de que, mesmo tendo adquirido notória visibilidade na historiografia contemporânea, determinados grupos de indivíduos não ultrapassam o estatuto de *objetos* da operação historiográfica pois, não obstante o reconhecimento de sua condição de subalternidade como “excluídos da história”, permanecem sem lugar e sem parte (Rancière, 2005, p. 15-16) na distribuição de posições de *sujeitos* dessa mesma operação e, por conseguinte, destituídos de um *locus* próprio de enunciação e de autoridade epistêmica para a elaboração de suas experiências singulares (OLIVEIRA, 2022,p.60).

Descrevemos acima todo um campo teórico de estudos do tempo além de estudos do tempo das formas como os historiadores estão repensando essas

questões dentro do campo. Portanto dialogando Saidyia Hartman, Maria da Gloria de Oliveira (2022) as discussões sobre a temporalidade, os “estudos do tempo” é um campo teórico possível de discussões transdisciplinares. Nesse sentido é necessário trazer o sujeito, a mulher, o contra hegemônico para ser sujeito dessa operação historiográfica. Sendo assim os versos dos poetas são uma elaboração um lócus de enunciação dessa forma epistêmica a partir do experimento de pensando dos versos (Oliveira, 2022).

Concluindo podemos perceber que cada um desses historiadores e teóricos está pensando e escrevendo sobre tempo de uma forma, de acordo com sua interpretação e construção teórica do que eles entendem como tempo histórico. Koselleck, por exemplo, está apreendendo o tempo como estratos de tempo, para W. Benjamin o tempo não está deslocado do objeto do acontecimento. Mas, voltando a nosso objeto, qual seria então tempo experimentado pelos poetas/rappers nos versos? Ao usar o passado, através das categorias históricas da escravidão, que experimento de pensamento eles fazem ao ficcionar o tempo histórico?

### 3 OS USOS DA INTERSECÇÃO E O GÊNERO NO CAMPO EM DISPUTA DA TEORIA DA HISTÓRIA

Rap sujo, América Latina, **cada verso é uma guilhotina**  
Os desinformados não tem respeito, **eu vou te lembrar: Hip-hop é preto**  
**500 anos de opressão, tacam fogo na nossa cultura**

Esquecidos pela educação, mas nunca pela viatura  
**Mulheres pretas são lindas, protagonistas da própria história**

E pros comédia que dúvida 'cês vão lembrar da minha trajetória  
Chama a preta de rainha depois trai a preta com uma branquinha

Com essa postura nem vou competir meritocracia entre os MC

Peitando os porcos fardados, corto tua cabeça e a do Bolsonaro

Vou te mostrar a fraquejada, morte à burguesia, lá vem rajada

Guilhotina (grifo nosso)<sup>56</sup>

Nic Dias



**Figura 9**

**NIC DIAS, Nicole da Silva Dias<sup>57</sup>**

Fonte: <https://rapmalado.com/10-artistas-que-vo-chamar-atencao-em-2023/>

Como afirma Lélia Gonzales (1984, p.223) “Cumé que a gente fica?”, como ficamos como sujeitas negras dissidentes da norma escrevendo sobre si dentro dessa matriz epistemológica colonial, que marca a nossa formação como historiadoras? As produções epistemológicas que dissidente da norma sempre existiram, então pensar outra gramática epistemológica é recuperar lugares teóricos contra hegemônicos.

<sup>56</sup> Cf. Disponível em: <https://genius.com/Nic-dias-guilhotina-lyrics> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

<sup>57</sup> “Nascida em Icoaraci, periferia de Belém, Nicole da Silva Dias tem 23 anos e se define como uma mulher afroindígena de raízes no norte e no nordeste do Brasil. “Nós vivemos um apagamento da população negra e indígena do Norte, mas estamos aqui e acho que nossos ancestrais dão cada vez mais força para gente seguir com o nosso trabalho. A literatura, o cinema e as artes visuais sempre estiveram presentes na vida de Nic, mas foi por volta dos 12 anos que ela teve o primeiro contato com a música. Foi na igreja, onde tocava violão. Muito curiosa, passou a fazer teatro e a participar de rodas de capoeira. A rapper chegou a cursar Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará, mas acabou escolhendo o caminho da arte. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/eu-nasci-para-isso-diz-a-dj-nic-dias-que-esteve-no-festival-a-amazonia-e-agora/> Acesso em: 10 de janeiro de 2024”

Como afirmou Grada Kilomba (2019) a ciência é um campo políticos que reproduz as relações de poder raciais e de gênero, essa relação que dita o que pode ser considerado verdade. Portanto existe um sujeito hegemônico que enuncia quais as matrizes epistemológicas do conhecimento devem ser consideradas na hora da operação historiográfica. Segundo Grada Kilomba (2019):

Os temas, paradigmas e metodologia do academicismo tradicional –a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas si os interesses políticos específicos da sociedade branca (Collins, 2000; Nkweto Simmonds, 1997). A epistemologia, derivada da palavra grega *episteme*, que significa conhecimento, e logos, significa ciência da aquisição do conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir o conhecimento (métodos), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define as perguntas que merecem ser feitas? Quem as está explicando? E para quem essas perguntas são direcionadas? (Kilomba, 2019, p.54)

“Cada verso é guilhotina”, afirma Nic Dias, cada verso mata e aniquila um lugar, uma teoria, que desconsidera a sua corporeidade. Sendo assim o que ela diz em cada verso não só constrói outra narrativa sobre si, mas também nasce com intenção de fazer morrer as narrativas que cooperam com sua morte. Uma vez que tem 500 anos que estamos lutando contra a modernidade, na figura o sujeito hegemônico, que faz morrer desde muito tempo a cultura preta.

Apesar de todo alijamento social nós mulheres negras estamos em nome próprio construindo nossas histórias. Como guilhotinar a nossa matriz epistemológica que nos forma, enquanto sujeitos modernos? Portanto sendo, o tempo um lugar um teórico e epistemológico, pensaremos quais as bases do conhecimento moderno sustentam essas discussões. Quais as possibilidades de saída para uma outra gramática epistêmica que leve em conta uma outra matriz epistemológica que privilegie o “lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero” dos sujeitos racializados.

Para construir uma teoria longe da gramática racista e misógina da modernidade é necessária entendermos que narrativas sobre si os sujeitos contra hegemônicos estão produzindo. Mais do que narrativas outras, como estão construindo, e de que forma estão se produzindo na sociedade. A presente pesquisa estuda os versos para entender essa contra história, narrada em nome próprio pelas mulheres negras e homens negros na sociedade brasileira.

Assim como as matrizes epistemológicas e/ou os modelos cognitivos de pensamento possuem uma forma de expressar a raça e o gênero, esses signos estão também impregnados nos discursos e nas epistemes. Sendo esse sujeito da epistemologia moderna o “caro sujeito hegemônico”, ele é o que baliza e está nas matrizes dos conceitos modernos. Essa forma de produzir conhecimento coloca alija os sujeitos dissidentes como outros a norma, os “outros europeus”, tendo como referencial o padrão hegemônico. Portanto o verso da poeta nos convida a guilhotinar os desinformados sobre cultura preta, porque o que se produz a partir de seus discursos (versos) é uma narrativa que não cabe referência ao padrão hegemônico.

É importante salientar que os versos da poeta, assim como toda matriz epistêmica enuncia um gênero e uma raça, ao ler e/ouvir a narrativa feita pela poeta podemos entender e perceber que o corpo que diz é de uma mulher negra latina. Portanto é relevante perceber as intersecções gênero e raça vão dizer como esses sujeitos vão viver as experiências no mundo moderno/contemporâneo. Como afirma Grada Kilomba (2019) não é possível separar gênero e raça:

A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero tem impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo. O mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher muçulmana oprimida, o homem muçulmano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco liberal são exemplos de como a construção de gênero e de “raça” se interagem (Kilomba, 2019, p.94).

O sentido da mulheridade negra nasce no sistema escravista e como afirma poeta tem 500 anos que vocês queimam nossa cultura, queimam os signos que as compõe, os estereótipos de gênero das mulheres negras têm vestígio na escravidão. Segundo Bell Hooks (2020) o sexismo (ou seja, patriarcado) formou a estrutura social moderna junto com racismo estrutural que forjou a modernidade a partir da escravidão. É importante demarcar que no período da escravidão as mulheres negras e homens negros eram severamente e igualmente espancados. Portanto as violências sexistas sobre o corpo das mulheres negras diferenciavam as opressões vivenciadas pelos sujeitos que foram escravizados.

A exploração racista de mulheres negras como trabalhadoras, tanto no campo quanto no ambiente doméstico, era tão desumana e desmoralizante quanto a exploração sexual. O sexismo dos patriarcas brancos do período colonial poupou homens negros escravizados da humilhação do estupro homossexual e de outras formas de assédio sexual. Enquanto o sexismo institucionalizado era um sistema social

que protegia a sexualidade de homens negros, ele legitimava (socialmente) a exploração de mulheres negras. A mulher escravizada vivia sempre atenta a sua vulnerabilidade sexual e em permanente medo de qualquer homem fosse ele branco ou negro, pudesse escolhê-la para assediá-la e vitimizá-la (Hooks, 2020, p.51).

O racismo e sexismos foram institucionalizados no período colonial nos corpos das mulheres negras com o objetivo de desumanizar seus corpos. Portanto os vestígios da escravidão da corporeidade nas mulheres continuam fazendo efeito. O impacto da opressão sobre as mulheres negras no regime da escravidão não se reserva a um contexto limitado, a desvalorização da mulher negra foi estruturada no regime colonial, permeia a psique e molda o status social dessas mulheres dentro da sociedade moderna/contemporânea (Hooks, 2020).

Como afirma Bell Hooks (2020, p.35):

A minha experiência de vida me mostrou que as duas questões eram inseparáveis, que, no momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino, o fato de eu ter nascido negra e o fato de eu ter nascido mulher.

Sendo assim a opressão que permeia as mulheres negras, é para Grada Kilomba (2019), o racismo genderizado uma violência racial que tem uma expressão de gênero específica. Dentro da mobilização teórica é possível operacionalizar o método da interseccionalidade para dar conta das intersecções, de raça, gênero, localidade enunciada a exemplo no verso. Entretanto para Lélia Gonzáles (1984) existe um duplo fenômeno racismo e sexismo, o racismo quando articulado ao sexismo provoca violência racial a mulher negra, uma violência específica segundo a autora. De acordo com ela existe um aparato na cultura brasileira que remonta e constrói estereótipos da mulher negra, esses estereótipos reduzem a existências das mulheres negras em signos específicos, causando assim violência sobre esses corpos. A fim de romper com esses padrões hegemônicos e violentos sobre os corpos das mulheres negras é necessário que as mulheres negras falem sobre si (Gonzales, 1984).

Assim esse cotidiano permeado das experiências das mulheres negras, de formas dissidentes de existência, é um local possível de propulsão teórica contra hegemônica. Segundo Charles W. Mills (2018) as questões de trabalho teórico epistemológico de forma presumida ficaram a cargo da filosofia e questões descritivas

dos cotidianos ficaram a cargo da sociologia. Para autor/filosofo quando desconsideramos essas experiências como lugar produtor teórico, eu diria como local de experimento de pensamento na própria existência. Poderemos incorrer no que Mills (2018) convencionou chamar de “ignorância branca” que é possível perceber em muitos trabalhos clássicos sobre a população negra. Portanto seria “visões típicas de brancos sobre negros e visões típicas de negros sobre brancos” a primeira formulação incorre em um problema epistêmico da má representação, má fé. Sendo então em relações a visão negra sobre o branco ocorre uma percepção mais verídica sobre o outro. Uma vez que as pessoas negras para sua própria sobrevivência necessitam entender a cultura e costumes da “tribo branca” (Mills, 2018).

Segundo Charles W. Mills, a “ignorância branca” tem local de nascimento deve ser historicizada ela nasce junto com modernidade. Anteriormente o sujeito racial moderno não existia, portanto, essa ideia de “branco” e “negro” não produzia efeitos nas interpretações epistemológicas produzidas. Entretanto Charles W. Mills (2018, p.424) afirma “em muitos casos os conceitos não serão neutros, mas orientados em direção a um certo entendimento, inseridos em subteorias e teorias mais amplas de como as coisas funcionam.” Portanto é necessário que o social, que a experiência dos sujeitos direcione a produção teórica, se partimos do conceito para sujeito tenderemos a reduzir o sujeito para encaixar em certo entendimento, assim fazendo, nos desfazemos dele construindo uma má representação social dentro por exemplo da operação historiográfica. Então segundo Mills (2018):

Na tradição da esquerda ortodoxa, esses conjuntos de questões é tratado através da categoria “ideologia”; e na teoria radical mais recente, através do que Foucault chamou de “discursos”. Mas quaisquer que sejam as nossas simpatias metateóricas mais amplas, qualquer que seja a abordagem que pensamos ser melhor para investigar essas questões ideacionais, tais preocupações obviamente precisam fazer parte de uma epistemologia social. Porque se a sociedade é estruturada por relações de dominação e subordinação (como, é claro, a maioria das sociedades na história humana tem sido), então em certas áreas esse aparato conceitual provavelmente será moldado e modulado de várias formas pelos vieses dos grupos dominantes. Desse modo, conceitos cruciais podem muito bem ser enganadores na sua forma e na sua relação externa com uma arquitetura doxática mais ampla. Além do mais, o que a psicologia cognitiva tem revelado é que em vez de desafiar continuamente a adequação conceitual através do teste de desconfirmção de dados empíricos, nós tendemos a fazer o oposto – a interpretar os dados através da rede de conceitos de tal modo que percepções aparentemente desconfirmantes, ou pelo menos problemáticas, são

filtradas ou marginalizadas. Em outras palavras, tendemos a encontrar a confirmação no mundo, ela estando lá ou não (Mills, 2018, p.425).

A partir dessa ideia central de confirmar o conceito sem necessariamente ele existir no mundo material, que se inventou a raça e o sujeito hegemônico como ser universal. Se na produção acadêmica não nos atentarmos, a materialidade dos conceitos, cometeremos a ignorância de moldar os sujeitos operacionalizando-os por nossa pesquisa a partir de uma matriz colonial. A “ignorância branca” de Mills, não refere a identidade de quem operacionaliza, podendo assim um sujeito negro operacionalizar essa “ignorância”. Portanto diz mais sobre quais modelos cognitivos os historiadores estão mobilizando dentro operação historiográfica na produção historiográfica por exemplo (Mills, 2018).

Portanto a “ignorância branca” se mantém desde modernidade e se mantém porque se ampara em uma epistemologia, em um modelo cognitivo que a sustenta. Somente no caminho para quebrar essas metateorias e regras poderemos romper com “escuridão branca”, esse caminho é um lugar multirracial, com várias expressões de gêneros. Sendo assim poderemos como diz a poeta na epígrafe, “guilhotinar” esse modelo cognitivo branco, lembrando que a cultura é preta, que a mulheres negras estão narrando a sua contra história, peitando os poderosos, “peitando” a “ignorância branca” (Mills, 2028).

### **3.1 A gramática moderna de pensamento**

É importante demarcar e trazer ao texto, as tensões entre os tempos da escrita do texto e a experiência que marca a sujeita mulher negra que escreve o texto. Já adiantarei aos devotos da história disciplinar e aos métodos, que possivelmente poderão anunciar em alto e bom som dentro de seus “clubes de fazendeiros europeus” que o está sendo construindo nesse texto não é história. Eu diria já de antemão para eles que o privilégio de ser o primeiro a dizer isso a mim ou sobre algum texto que escrevo não são seus, desde os cânones da filosofia moderna os meus antepassados sujeitos negros e negras não teriam história.

Os sujeitos negros desde a colonização estão se inventando para além das categorias universais de identidade humana branca criada pelos europeus. Sendo assim seu grito enunciando “isso não é história” é a afirmação de que mulheres,

mulheres negras, estão se inventando longe da delimitação da racionalidade e da ideia do que é humano, do que é história hegemônica inventada pela modernidade. Então caro sujeito hegemônico se “isso não é história” é porque possivelmente não é a sua.

Assim considerando a História como uma produção da razão humana, Hegel relega a África à condição de um continente onde as pessoas não são capazes de fazer história. Para ele: “A África não é parte da história do mundo [...] não tem movimento ou desenvolvimento exibir”. A justificativa da África não figurar no tempo é que entre as pessoas negras não haveria qualquer “intuição” daquilo que ele tomava como expressão máxima da civilização e do próprio desenvolvimento histórico: o Estado na forma de um sistema racional de leis (Andrade, 2023, p.62).

Portanto é importante salientar que o alijamento dos sujeitos e sujeitas negros e negras na modernidade é um processo despojamento ontológico, que se manteve e se mantém até hoje a partir das bases ontoepistemológicas que sustentarem e construíram a modernidade e o pensamento moderno. É dentro da modernidade que se inventa o sujeito racial, que se mantêm e se sustenta até a hoje dentro da vida cotidiana e epistêmica da sociedade contemporânea. Como afirma Achille Mbembe (2018):

Seria errôneo pensar que saímos definitivamente desse regime que teve o comércio negreiro e em seguida a colônia de plantation ou simplesmente extrativista como cenas originárias. Nessas pias batismais da nossa modernidade, pela primeira vez na história humana, o princípio racial e o sujeito de mesma matriz foram operados sob o signo do capital, e é justamente isso que distingue o tráfico negreiro e suas instituições das formas autóctones de servidão. Com efeito, entre os séculos XIV e XIX, o horizonte espacial da Europa alargou-se consideravelmente. O Atlântico foi-se tornando o epicentro de uma nova concatenação de mundos, o lugar de onde emergiu uma nova consciência planetária (Mbembe, 2018, p.32-33).

A exemplo de como afirma Achille Mbembe (2018, p.31) “É verdade que nem todos os negros são africanos e nem todos africanos são negros”, mesmo assim a realidade dos fatos pouco importa uma vez que o discurso construído na modernidade, inventou, a partir de signos de dominação, o sujeito racial, causando assim uma crise na teoria de nomenclatura. Houve um signo que produziu efeito na realidade e se automatizou no mundo das palavras, sendo a produção do sujeito racial um exemplo dessa automatização. É por isso que a linguagem é um lugar possível para desarticular esses signos, os rappers ao dizerem da escravidão dentro das palavras dos versos trazem memória para essas palavras. O verso do poeta é um lugar de desautomatização do sujeito racial da lógica epistêmica moderna de definição e

nomeação. Por isso Sagax viaja no campo semântico “de rolê com os manos no Atlântico”.

Eu tô trocando de âmbito, pra não ficar preso no trânsito  
Viajando no campo semântico  
Nexus<sup>58</sup>  
Sagax

**SAGAZ<sup>59</sup>**



**Figura 10. Fonte: <https://portalrapmais.com/ecologyk-se-une-a-sagax-na-musica-aura-assista-ao-clipe-agora/>**

É importante perceber que a epistemologia moderna não é a construção de uma definição e/ou separação entre as epistemologias hegemônicas e epistemologias dissidentes. É necessário entender que no Atlântico negro nasce uma nova consciência epistêmica, como afirma Mbembe (2018), é perceber que o tecido que costura a modernidade é sujeito racial. Para se estabelecer e formar outras construções teóricas é necessário romper e rasgar a costura desse tecido chamado modernidade.

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu funcionamento é uma **civilização decadente**. Uma civilização que escolhe fechar os olhos antes seus problemas mais cruciais é uma civilização ferida. Uma civilização que engana seus próprios princípios é uma civilização moribunda. O fato é que a civilização chamada “europeia” a civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois problemas principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial. Esta Europa, citada ante o tribunal da “razão” e ante o tribunal da “consciência”, não pode

<sup>58</sup> Cf. Disponível em: <https://genius.com/Sagax-nexus-lyrics> Acessado em 10 de janeiro de 2024.

<sup>59</sup> Cf. “Sagax é MC, produtor e beatmaker. Natural de Belo Horizonte, é um dos talentosos MC’s da nova safra de artistas mineiros. Fazia parte do coletivo GE. ” Disponível em: <https://genius.com/artists/Sagax> Acessado em 10 de janeiro de 2024.

justificar-se; e se refugia cada vez mais em uma hipocrisia ainda mais odiosa porque tem cada vez menos probabilidades de enganar. A Europa é indefensável (Césaire, 2020, p.3-4)

O sujeito hegemônico decadente, como define Lewis Gordon (2017) e devoto aos métodos, é o sujeito identitário<sup>60</sup>, para o filósofo brasileiro Érico Andrade (2023). A modernidade constrói um sujeito (branco, homem, europeu) e a partir dele começa a demarcar a sociedade, “trata-se, portanto da instituição de certo sujeito como padrão identitário do que é humano” (2023. p.38). Segundo Lewis Gordon (2017), esse conhecimento singular e universalizante é um conhecimento estranho antes da modernidade.

Como mulher negra, sendo uma sujeita que experimenta a racialização cotidianamente já experimento, desde de antes de nascer, essa condição de ser um sujeito sem história. Essa história seria então a história dos homens no tempo, como afirma Frank B Wilderson III (2021 p.), “o humano nem é algo que você deva aspirar” o “O humano é sempre a personificação da capacidade e a capacidade é uma ofensa” (Sharpe, 2023, p.374). Portanto como romper a categoria universal de humano criada pela modernidade que constituiu uma identidade branca hegemônica eurocêntrica? Como sair da dicotomia que somos lançados ao ser definidos como sujeitos raciais, como mulher? Portanto como se construir em um outro lugar epistêmico para além de incluir a dissidência na norma, como afirma Gordon (2017):

Qualquer disciplina ou sistema gerado para a organização da realidade enfrenta o problema de ter que exceder o alcance de seu objeto de investigação, também deve fazer parte desse objeto (se deve ser algo tão grande quanto à realidade), deve conter-se em uma relação lógica com tudo o que está tentando conter, o que expande o problema inicial da inclusão. Em outras palavras, há sempre mais para e da realidade (Gordon, 2017, p.117).

Segundo Lewis Gordon (2017), a centralidade epistêmica da Europa, tem um momento de invenção, e a ideia de universalismos e de um sujeito universal é localizada na criação da modernidade. É importante salientar que a centralidade epistêmica dos teóricos europeus na história não é um dado a-histórico muito menos apolítico. Segundo o filósofo Érico Andrade (2023, p.59) “A modernidade não é um

---

<sup>60</sup> Para o filósofo Erico Andrade (2023), sujeito identitário é sujeito o hegemônico mesmo que ele desconsidere o caráter político, historicizável, da constituição de universalidade europeia. O sujeito hegemônico é um sujeito identitário uma vez que não é invisível mas tem uma identidade (homem branco heterossexual) e considera toda matriz epistêmica que foge dessa identidade como outro, se colocando como regra e se posicionando a partir de uma ideia de universalidade, em defesa da sua identidade.

momento na História, mas a própria forma pela qual a História ganha sentido de narrativa do universal”. Sendo assim a História é um projeto de supremacia branca para o autor, por considerar nesse momento a criação da identidade do homem branco como norma hegemônica, e, para além da criação, essa identidade é a constituição de um padrão de humanidade.

Segundo Charles W. Mills (2023):

Supremacia branca é um sistema político não nomeado que fez do mundo moderno o que ele é hoje. Você não encontrará esse termo em textos introdutórios, ou mesmo avançados, de teoria política. Um curso-padrão de graduação em filosofia começará por Platão e Aristóteles, talvez diga algo de agostinho, Tomas de Aquino, Maquiavel, passará por Hobbes, Locke, John Stuart Mill e Marx, e então terminará em John Rawls e Robert Nozick. Irá apresentar a você noções de aristocracia, democracia, absolutismo, liberalismo, governo representativo, socialismo, capitalismo de bem-estar social e liberalismo. Mas, embora cubra mais de 2 mil anos de pensamento político ocidental e percorra uma gama ostensiva de sistemas político básicos que moldou o mundo nas últimas centenas de anos. E essa omissão não é acidental. Em vez disso reflete o fato de que os livros e cursos-padrão foram em sua maioria, escritos e elaborados por brancos, que tacitamente assumiram seu privilégio racial a tal ponto que nem sequer o veem como *político*, como uma forma de dominação (Mills, 2023, p.33).

De acordo Sylvia Winter (2021) o nosso sistema global universitário é construído e governado pela indústria de livros didáticos, escolhas editoriais de traduções. Esse sistema possuiu mecanismos institucionais que produzem as categorias epistemológicas descritivas construindo, a partir disso, o modelo cognitivo da sociedade atual. Sendo assim, é função do intelectual trabalhar e retrabalhar esses modelos cognitivos a fim de “assegurar um arcabouço teórico” no qual concentra seu olhar. Para a autora, a questão central para intelectuais negres dentro da universidade é questionar “a natureza sistêmica das regras” sendo fundamental entender quais regras epistemológicas inventaram o sujeito negro como outro racial/sujeito racial. Nesse sentido os intelectuais negres, ao adentrar nos espaços acadêmicos, não devem simplesmente absorver as categorias epistemológicas já existentes, mas questionar como são produzidas essas categorias, a fim de construir um outro modelo cognitivo de pensamento (Wynter, 2021, p.85).

Entretanto uma das principais questões produzida pela modernidade é uma ideia universal de tempo e uma noção de uma História verdadeira. Qual temporalidade me serve para fazer uma intervenção crítica na história e enunciar que as formulações epistêmicas carregam uma raça, um gênero e uma disputa de sentido?

Uma categoria epistemológica, um método, que se distancie das experiências dos sujeitos dissidentes e “escuirecidos” se torna uma categoria que reduz esse sujeito. Ou obriga o historiador na operação historiográfica, a reduzir o sujeito dissidente à referência do sujeito hegemônico, e a categorias descritivas universais.

Portanto como afirma Christina Sharpe (2023) o vestígio da escravidão não está só no corpo de sujeitos negres<sup>61</sup>, mas dentro do pensamento, não sendo esse vestígio um problema da existência negra, mas um problema do próprio pensamento europeu moderno. Todavia afirma a autora o que é pessoal para a pessoa negra conecta com o social pelo vestígio da escravidão. “No vestígio, o passado que não passou reaparece, sempre, para romper o presente”, segundo a autora a escravidão é o passado que reaparece sendo ela o próprio vestígio (Sharpe, 2023, p.25).

Segundo Christina Sharpe (2023):

A escravidão transatlântica foi e é um desastre. O desastre da sujeição Negra foi e é planejado; o terror é o desastre, e “o terror tem uma história” e é profundamente a atemporal. A história do capital inextricável da história da escravização de pessoas como bens móveis no Atlântico. O desastre e a escrita do desastre, nunca estão presentes, sempre são o presente (Sharpe, 2023, p.18).

Me mataram de novo e eu nem senti as bala  
 O corpo de mais um preto jogado na vala  
 Camburão mundo moderno me lembra a senzala  
 Roubaram minha humanidade e ainda me pedem calma?  
 Geladeira vazia, céu sangrou naquele dia  
 Eu e ela no mundo, as lágrima escorria  
 O peso de uma vida que só nós sabia  
 Ombros com dores demais, só ela sentia<sup>62</sup>  
 Nic Dias

É importante perceber também como o gênero não está deslocado dessas performances negras, na cena do acontecimento do verso. O exercício do experimento de pensamento do verso, é colocar versos de corpos diversos operacionalizando os questionamentos em questão. O corpo preto da mulher tem como afirma a poeta “o peso de uma vida que só nós sabia”. Como afirma a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (1994) para historiadores entenderem as questões de gênero dentro da historiografia é necessário enfrentar as questões

<sup>61</sup> O texto da dissertação não está em linguagem não-binária, a linguagem não-binária será usada sempre que formos citar a autora Christina Sharpe, porque assim a mesma faz em seu livro, “ No vestígio”.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://genius.com/Victor-xama-calor-lyrics> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

teóricas e epistemológicas e principalmente metodológicas que uma nova forma de pensar e escrever história nos coloca. A historiadora estava nesse momento pensando como a escrita feminista pode propor para a história um novo lugar metodológico para construção de uma história contra-hegemônica. Segundo a autora “Na epistemologia feminista sujeito e objeto estão diluídos um no outro” (Dias,1994, p.373).

Portanto as epistemologias feministas têm construído por muitos anos dentro das ciências humanas um novo olhar sobre métodos, entendendo a experiência vivida como lugar definidor epistemológico para produção da pesquisa. Sendo assim, é necessário localizar as discussões sobre o tempo histórico e pensar uma outra política do tempo. Como afirma a autora o “saber teórico implica também em um sistema de dominação” (Dias,1994, p.375). Escrever uma outra história ou uma contra história passa por necessariamente questionar, repensar os parâmetros teórico e epistemológicos da disciplina, a partir da experiência das pessoas dissidentes. Segundo Sylvia Wynter (2021):

O cara faminto (ou N.I.H desempregados dos guetos das cidades, novos pobres globais ou lés damnés), já disse Fanon, não precisa investigar a Verdade. Ele é, eles são a verdade. Somos nós que instauramos essa “Verdade”. Devemos agora desfazer a narrativa que os aprisiona em condenação (Wynter, 2021, p.100).

E continua Nic Dias:

Eu sou a porra da sobrevivência  
Foda-se sua referência  
Tu se emociona com quem fala muito (Visão)  
Mas esqueceu da vivência (Uh)<sup>63</sup>

Sendo assim Lewis Gordon (2017) e Maria Odila Leite da Silva Dias (1994), um pensando o sujeito negro, e a outra pensando as mulheres dentro da ciência humanas, questionando o que modernidade está intitulado como razão, e como essa racionalidade alija as mulheres e os sujeitos negros dentro das epistemologias. Como afirma a poeta no verso acima, não é possível se emocionar com quem tem visão, não sendo possível se emocionar com os discursos hegemônicos, se esquece como sujeitos estão existindo dentro da sociedade racista e misógina. Portanto os dois

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://genius.com/Nic-dias-remedio-para-racista-e-bala-lyrics> Acessado em 10 de janeiro de 2024.

teóricos em tempos diferentes estão questionando os cânones modernos e o padrão universalizante da modernidade. Entendo que a principal crítica dos dois autores é que o empenho do pesquisador das ciências humanas deva ser de criar uma outra matriz epistemológica, longe da racionalidade moderna.

É importante salientar que, quando colocamos esses dois autores para conversar como um experimento teórico, isso traduz o que é a intersecção de gênero e raça. Portanto dizer que trabalho é interseccional não é somente conceituar a categoria construída pelas feministas negras, mas compreender como articular gênero e raça. A historiadora não racializa suas questões, como Lewis Gordon não genericiza suas questões. É necessário um empenho teórico para as novas construções epistemológicas não funde um sujeito universal dentro da própria “diferença”.

A saída possível para não cair nesse enrosco teórico é entender, como afirma a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (1994), que seu objeto, da historiadora, deverá balizar a forma e o método de condução teórica da pesquisa e/ou nesse caso da operação historiográfica. Segundo a autora é uma tarefa hermenêutica do historiador diante da operação historiográfica, construir e estabelecer um vínculo do objeto com a teoria, não da teoria com objeto.

Ao delinear temas, ao configurar assuntos relativos às experiências de vida em sociedade, nos defrontamos, antes de mais nada, com o problema das possibilidades do conhecimento, que se nos oferecem estes temas por construir. Formas, categorias, sistemas, regras, valores, limites da linguagem, modos de inteligência de conceitos, múltiplas temporalidades a coexistirem, níveis de indagações, de interpretação são possibilidades do conhecimento que vêm sendo percorridas por historiadores desde há muito e que procuramos apreender a partir de nossa perspectiva contemporânea enquanto mudança no tempo, mais do que como permanências estruturais (Dias, 1994, p.377).

Nesse sentido como gênero é uma área de concentração de pesquisa nas humanidades, é um lugar teórico, metodológico, e filosófico onde está ancorada a pesquisa epistemologicamente. Sendo esse lugar de deslocamento metodológico e conceituação, para uma outra produção dentro da teoria da história. Portanto defendo que dentro de uma pesquisa historiográfica é necessária uma diluição entre sujeito o objeto da pesquisa, a perceber como esse local teórico diluído permite a reelaboração de vários conceitos, métodos (Dias, 1994).

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às

nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm. Nas categorias filosóficas tradicionais, talvez a questão seja ética e política mais do que epistemológica (Haraway, 1995, p.9).

Segundo Hortense J. Spillers (2021) é no corpo que possuiu o “nomus produtivo” racial. Sendo então carregado de etnicidade, que essencialmente a autora afirma ser o corpo feminino e negro/indígena, é esse corpo que é rejeitado pelos sujeitos hegemônicos na América. Portanto é na cena de violência em que esse corpo é execrado que se produz uma práxis e uma teoria. Uma teoria que mata os sujeitos e movimenta as mulheres negras para sair desse lugar de violação e violência generificada. Como afirma a poeta no verso acima “Roubaram minha humanidade e ainda me pedem calma”.

Segundo Hortense J. Spillers (2021), o corpo da mulher, mulher negra e do homem negro desde o processo de colonização carrega um “texto cultural”. Para autora, esse texto cultural é o que a história tenta esquecer. Sendo o “corpo feminino na cultura ocidental” corpo feminino africano, marcado por uma objeção, uma violação da mente e do corpo. Reconhecer, portanto, esse contexto cultural, perceber o vestígio da escravidão hoje na violência racial e gênero permanente, não recupera a memória do que foi apagado ou esquecido. É necessário perceber que mesmo com todo esforço teórico e epistemológico de repensar outros lugares teóricos a fim recuperar outras histórias. Spillers afirma que “Em um sentido muito real cada escrita como revisão faz a descoberta mais uma vez” (Spillers, 2021, p.38).

O gênero está no campo da história ou é a teoria da história que pode estar no campo do gênero? É necessário tensionar o gênero como um campo e área de concentração onde efetivamente dentro da história se pode dialogar com os vários caminhos teóricos. O que se pretende fazer neste trabalho é um esforço epistemológico, de colocar o gênero não somente como uma modalidade a ser articulada dentro das relações postas nas discussões, mas como um lugar teórico e epistemológico, produtor de categorias que podem ser articuladas e produzir pesquisas nos campos desde as ciências humanas, e até nas chamadas ciências duras.

Portanto é necessário pensar que as categorias epistemológicas que compõe o conhecimento moderno contêm gênero e raça. A interseccionalidade não deve ser meramente conceituada como um texto teórico, mas mobilizada metodologicamente na forma como a pesquisadora está operacionalizando seu objeto de pesquisa. A

interseccionalidade é uma categoria analítica. Segundo Patrícia Hill Collins (2020), a interseccionalidade como método não é uma estrutura pronta. Primordialmente é uma ferramenta analítica crítica, que questiona as bases metodológicas dos modelos e formas de pesquisas que desconsideram gênero e raça, desafiando assim o conhecimento hegemônico moderno (Collins, 2020).

A perspectiva teórica e metodológica está desenhando e construindo e pensando a vida prática das mulheres negras dentro da sociedade, que está atenta também as relações de poder que permeiam as relações cotidianas. O conceito é um exemplo prático de como o engajamento político na práxis, pode construir, epistemologias e formas outras metodológicas para outras construções historiográficas. Entender a interseccionalidade é entender um ponto de vista prático. Nesse sentido a pesquisadora, ao mobilizar um conceito ou uma operação historiográfica deverá levar em conta nesse movimento, as relações de poder que envolvem, gênero, raça e classe do objeto/sujeito. Portanto não se trata só de perceber as relações, mas de explorar as dinâmicas que permeiam essas relações (Collins, 2020).

Dialogar entre o gênero e raça, é perceber que os conceitos não são deslocados, pensar uma contra-história é se perceber explorando, na medida do possível, as relações que envolvem as questões de gênero e raça. Trabalhar formas outras de pensar a história, é insistir na vida, na vida íntima, na vida cotidiana. Como afirma Patrícia Hill Collins (2020, p.60):

A primeira característica de quem trabalha nas interseções consiste em usar as experiências e as lutas de grupos privados de direitos para ampliar e aprofundar o entendimento da vida e do comportamento humano.

É nas experiências dos sujeitos que novas formas metodológicas podem emergir dentro dos estudos. Romper com a gramática hegemônica e criar novas gramáticas de pensamentos, a partir dos sujeitos que vivenciam a experiência de ser no mundo, apesar da violência.

O conceito não é deslocado do corpo, sendo nesse corpo o local da experiência e também o local de produção epistêmica. É assim que o corpo de uma travesti, de uma mulher preta, um homem negro, pode denunciar a violência antinegra a partir dos signos de linguagem que permeiam a escravidão. Tendo então esse lugar epistêmico um gênero e raça que produz efeito, significado e sentido nos versos e naquilo que os versos enunciam. Esse tempo que aparece no verso e se transpõe para o corpo pode

ser remontado quando o historiador, na operação historiográfica, usar a práxis da experiência desses sujeitos, entendendo como ela acontece na própria existência. Nesse sentido, a partir do deslizamento entre sujeito e objeto, da diluição entre os dois podemos construir ou ousar tentar deslocar as construções teóricas epistemológicas, para além das categorias cognitivas hegemônicas. Pois nenhum tempo enunciado pelos versos é um tempo deslocado do corpo.

#### **4 A MONTAGEM DE TEMPORALIDADES OUTRAS NA CENA DO ACONTECIMENTO RAP: POR UMA NOVA POLÍTICA DE TEMPO**

“Tem algo de errado em mim? Tem algo de errado em meu corpo? Eu estou suja?”, foram essas frases que minha amiga, uma mulher negra, foi me falando repetidas vezes, ao receber um olhar dentro do supermercado. Na cena narrada a racialização está acontecendo pelo olhar do branco, como enuncia Franz Fanon (2008), alteridade do branco e preto é construída pelo acontecimento de um olhar branco sobre um corpo preto. E como afirma Franz Fanon (2008):

Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto! (Fanon, 2008, p.108)

Os Olhares dos brancos dissecam e fixam as pessoas negras em um único momento histórico, o momento de invenção do sujeito racial pela modernidade. Esse processo de nomeação dos sujeitos negros acontece desde o encontro do sujeito branco, com sujeito negro, quando os europeus invadiram e sequestraram as pessoas em África. Nesse momento em que europeus constituíram esse ato de nomear esses corpos, os “outros da Europa”. Segundo Denise Ferreira da Silva (2018), os eventos raciais marcam as pessoas negras desde o processo da escravização afro-atlântica, esses eventos são eventos que acontecem sem um tempo definido.

Entrando assim, temos uma impossibilidade dentro das temporalidades a disposição de ser operacionalizada na teoria dos tempos. Como a Vênus<sup>64</sup> negra de Saidiyia Hartman (2021), o tempo da escravidão, o tempo dos corpos negros nos versos é um tempo fabulado que beira o indizível. A poeta no verso diz o indizível em um tempo impossível, ao dizer que entende a violência, ao dizer que a perene

---

<sup>64</sup> Vênus Negra é mulher que estava a bordo de um navio negreiro no tempo da colonização e foi morta por açoitamento, a historiadora encontrou vestígio sobre a existência em documentos do julgamento do capitão do navio que foi absolvido de um outro crime de açoitamento a bordo do navio, nesses documentos a historiadora encontrou vestígio da existência de Vênus, tendo no arquivo somente que Vênus é a outra garota morta. Sendo assim autora constrói a fabulação crítica. O que fazer com esse registro, escolher não contar a história de Vênus é ignorar a sua existência, mas contá-la é enfrentar o vácuo do arquivo, sendo assim impossível um processo de narração da sua existência, qual o limite do arquivo e o limite da existência de Vênus (Hartman, 2021).

colonização tem dívida com a escravidão, a poeta está rompendo e construindo um tempo histórico indizível, ao dizer de uma colonização que continua. Estabelece assim um vínculo com o processo de escravização das corporeidades negres com o tempo presente.

O entreposto de escravos, o porão do navio negreiro, o leprosário, o bordel, a jaula, o laboratório do cirurgião, a prisão, o canavial, a cozinha, o quarto do senhor de escravos acaba por se revelar o mesmo lugar, e em todos eles ela é chamada de vênus (Hartman, 2021, p106)

A vênus negra é uma figura que transpõe o arquivo e vive no tempo do impossível, ela é o vestígio que está em todo lugar da escravidão. Como afirma Saidiyia Hartman (2021):

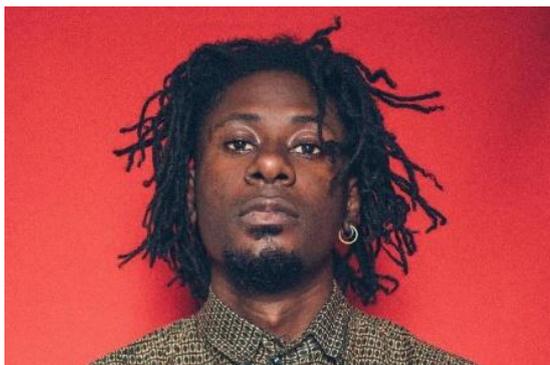
Não se pode perguntar quem é Vênus? Porque seria impossível responder a essa pergunta. Há centenas de milhares de outras garotas que compartilham suas circunstâncias, e essas circunstâncias geraram poucas histórias. E as histórias que existem não são sobre elas, mas antes sobre a violência, o excesso, a falsidade e a razão que se apoderam de suas vidas, transformaram-nas em mercadorias e cadáveres e identificaram-nas com nomes lançados como insultos e piadas grosseiras. O arquivo nesse caso, é uma sentença de morte, um tumulto, uma exibição do corpo violado, um inventário de propriedade, um tratado médico sobre gonorreia, umas poucas linhas sobre a vida de uma prostituta, um asterisco na grande narrativa da história (Hartman, 2021, p.107)

Como nos ensina Hartman, quem pode nos dizer qual o tempo histórico vive Vênus, como afirma Zudizilla:

“O que é meu é seu e o que é seu é meu,  
Como zumbi, somos imortais  
Caminhando séculos pelos canaviais  
Contra o militar ou capataz<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Cf. Disponível em: <https://genius.com/Zudizilla-tempo-interludio-lyrics> Acesso em 10 de janeiro de 2024.



Zudizilla, Júlio Cesar Correa Farias <sup>66</sup>

Figura 11.

Fonte: <https://dicionariompb.com.br/artista/zudizilla/>

Como afirma o poeta, Vênus é imortal, igual Zumbi, igual a nós, compartilhamos as mesmas circunstâncias de existência no mundo, vivemos o excesso da violência racial sobre os nossos corpos. O tempo fabulado pelo poeta é também o tempo da vênus que ao ser encerrada como arquivo histórico pouco se sabe ou sobra nas linhas da história dessa vida. Compartilhamos os mesmos processos de cadeverização de nossos corpos desde o “militar ao capataz”. A grande narrativa histórica, aquela que separa o tempo e o acontecimento não consegue descrever o tempo fabulado pela poeta versos. Uma vez que beira ao indizível o tempo do impossível, é um tempo “que é meu e que é seu”.

Narrando sobre sua existência:

Da selva sou residente  
 Não vivo abrindo os dentes  
 Consequentemente usando minha mente  
**Me recordo dos meus entes**  
**Não contabilizados**  
**Estatística inexistente**  
 E o rabo burguês só se mexe  
 Quando o tiro acerta sua própria gente  
 Esses rabos brancos nunca entenderão  
**Que colonização**  
**Tem dívida atual com a escravidão**

<sup>66</sup> Cf. Rapper, designer e artista plástico da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 2013 lançou o disco #LUZ (Mixtape) que o colocou entre os 60 melhores do mesmo ano (13º) em uma pesquisa feita por um dos mais importantes portais de música do centro do país. Em 2015, Zudizilla foi apontado como um dos pioneiros do trap nacional. No mesmo ano, no mês de Dezembro, lançou seu primeiro álbum de estúdio, Faça a Coisa Certa, inspirado no filme homônimo do diretor Spike Lee, e que resgata a estética e sonoridade do rap de rua dos anos 90 com uma lírica e flows muito próprios, e rico vocabulário de referências. Em 2019, já em São Paulo, lançou seu segundo álbum, Zulu, Vol .1: De Onde Eu Possa Alcançar o Céu Sem Deixar o Chão, com faixas produzidas por 7 produtores diferentes, inclusive produtores conhecidos no cenário nacional, como WillsBife e Coyote, e contando com a participação do DJ Nyack e da cantora Manoela Fortuna. O álbum, muito bem recebido e elogiado pela crítica, é a primeira parte de uma trilogia, definida pelo próprio artista como uma “ópera preta”, na qual narra sua trajetória e busca por um lugar no mundo enquanto artista e negro diaspórico.” Disponível em: <https://genius.com/artists/Zudizilla> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

Preferindo impor  
 O seu princípio cristão  
 Cê achou mesmo que a cobrança não ia vir  
 Né não?!  
 Monna Brutal (grifo nosso)<sup>67</sup>

Monna Brutal sendo um corpo travesti e preto, nos versos acima narra sua vida a partir do procedimento poético do rap, ela recorda Vênus. Nós percebemos Vênus em seus versos, quando ela recorda daqueles entes sem contabilização. Ao dizer desses entes que não consegue nomear ela rompe o arquivo histórico. Sendo assim resiste e insiste na existência sendo ela a própria Vênus negra de Saidiya Hartman (2021) existindo na temporalidade do impossível. É importante perceber que a poeta não representa os esquecidos nos versos, mas respeita os limites da opacidade da possibilidade de nomeação.

Os versos das poetisas fabulam um outro tempo, e ao fazer isso recuperam o que antes estava adormecido. Sendo assim o que estava adormecido não é somente a memória da escravidão, mas como esse excesso de violência racial se transpõe na vida sujeitos racializadas no presente. Como história vênus narrada por Hartman (2021), o tempo é um tempo da impossibilidade, sendo esse mesmo tempo, o tempo da poeta.

Saidiyia Hartman (2021) afirma que:

Como narrativa pode encarnar a vida em palavras, e ao mesmo tempo respeitar o que não podemos conhecer? Como alguém ouve os gemidos e os gritos, as canções indecifráveis, o crepitar do fogo nos canaviais, os lamentos pelos mortos e os brados de vitória, e então atribuir palavra a tudo isso? É possível construir um relato a partir do “locus da fala do impossível” ou ressuscitar vidas a partir de ruínas? (Hartman, 2021, p.108)

A montagem do tempo histórico acontece no corpo do sujeito negro, pois é em seu corpo que ele carrega signos e os significantes que no processo de racialização desde ao momento da escravização. Nesse sentido é como se esse tempo estivesse em suspensão, e não fosse uma longa duração, mas um tempo histórico que aparece na cena, na experiência dos racismos cotidianos dos sujeitos e sujeitas negros/negras. Portanto na cena do acontecimento da violência racial sujeitos e sujeitas de temporalidade diversas se levarmos em conta o tempo linear, estão vivendo a mesma experiência.

<sup>67</sup> Cf. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/monna-brutal/carta-aberta/> Acessado em 10 de janeiro de 2024.

Nesse sentido os rappers ao elaborarem a própria existência no mundo acionam o momento da escravização, na produção de sentido da violência racial cotidiana. Monna Bruttal, avisou “Esses rabos brancos nunca entenderão que a colonização tem dívida atual com a escravidão”. Sendo assim narrar a contra história da escravidão está impreterivelmente relacionado com a história do presente e isso é a enunciação de uma outra forma de temporalização histórica, uma temporalização fabulada pelo verso, uma temporalização indizível, o tempo impossível (Hartman, 2021).

O que fazer com o indizível? Com o excesso que nos cerca? Com o tempo histórico que se encontra fora do passado, presente e futuro. Aquele que acontece no verso, que é vácuo do arquivo, que é o emaranhado que liga e dá sentido de uma palavra a outra. Sendo ele também o próprio sentido enunciado pelo poeta, um sentido que se encontra suspenso e acontece no verso. Estou ousando convencená-la e chamá-lo de tempo do impossível. Como afirma Saidiyia Hartman (2021, p.117) “É tentador preencher as lacunas e oferecer um fechamento onde não há nenhum”.

O experimento de pensamento dos versos e a própria análise dos versos são processos de imaginação radical e de recriação do tempo histórico, descrevendo como o tempo é um experimento nos olhos das/dos poetas. A fabulação crítica é um método construído por Saidiyia Hartman (2021), que se dá por acontecimento que é experimentado por atores sociais que agem dentro desse acontecimento, causam e vivenciam o próprio acontecimento narrado. Ouso dizer que as formas como os/as poetas constroem o verso é um processo de experimento de pensamento a partir da fabulação crítica de outro tempo, o tempo do impossível. Como afirma Saidiya Hartman (2022):

Quem se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas, se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e a autoridade de agente histórico (Hartman, 2022, p.6).

Minha cultura não cabe na sua compreensão,  
em mim se tocar perde a mão Projeto Preto em ação,  
além da expressão, é auto-afirmação de vida a cada batida  
O beat é atabaque, traz o conhaque, salve ao santo!  
As quizilas eu espanto

Minhas prece vem em canto.  
 Caio, levanto, me adianto! Respeite, portanto!  
 Para cada referência morta, nasce um gueto incendiário, subvertendo estereótipo  
 E sendo preto visionário.  
 Cê tenta apagar, mas nossa história tá no sangue  
 Os ancestral ilumina e faz com que os caminho deslanche  
 Anarka  
 Psicopretas

PSICOPRETAS<sup>68</sup>

Figura 12



fonte:<https://www.amplificamusic.com/post/psicopretas-e-a-visibilidade-feminina-no-rap>

Como afirma a poeta, a cultura que envolve e constrói esses versos não cabe na compreensão a partir de um sistema cognitivo moderno eurocêntrico. Rompendo com a ideia de arquivo, a poeta afirma que a história dela está no corpo dela que é a nossa, “está no sangue”. E mesmo que a violência racial atue apagando os corpos dissidentes, a partir do aniquilamento dos corpos mesmo, ao nascer um preto na favela, nasce outra história, que é também nossa história, uma contra história. Portanto o tempo é esse tempo que está no futuro, uma temporalidade do acontecimento que é indizível, mas acontece na fabulação do poeta.

Portando como afirma Saidiya Hartman (2022), essa multidão de pessoas subalternas está fazendo do viver uma arte e algumas elaborando a suas existências a partir da poética do rap. Sendo assim, o procedimento de linguagem construído pelo poeta elabora uma vida em arte e uma arte em vida. Por isso autora constrói um método de uma contra narrativa histórica, a fabulação crítica, em que a historiadora

<sup>68</sup> Cf. “Projeto independente idealizado pela cantora e compositora Sistah Chilli, o Psicopretas visa reunir cantoras negras da cena do rap nacional, da velha e nova escola, com o objetivo de dar mais visibilidade e explorar temas considerados urgentes. Além de Sistah Chilli, o grupo reúne as vozes de Izalú, Gabi Nyarai, AliNega, Meg Pedrozzo e Monna Brutal. A luta negra feminina, colorismo, intolerância religiosa, machismo, apropriação cultural e autoafirmação” Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/12/11/sesc-de-bauru-recebe-show-com-o-rap-engajado-do-psicopretas.ghtml> Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

foge das classificações, mas se concentra em como existência negra está experimentando a vida no mundo. A virada teórica da fabulação crítica não é a construção de uma utopia, mas perceber do não-lugar dos sujeitos racializados como eles estão escrevendo e narrando a contra história da sua existência.

É importante deixar demarcado que o presente trabalho não pretende ignorar a existência do passado, mas perceber como ele atua em nosso presente. O passado como lugar não deve ser dispensado, pensar uma outra política do tempo é perceber qual o lugar do passado na contemporaneidade. Ao mesmo tempo entender quais as condições teóricas e epistemológicas que estão localizando e determinando acontecimentos como um evento social do passado. Quais são as implicações políticas sociais para os corpos atravessados por tal evento histórico, ao demarcarem determinados acontecimentos como um evento social do passado ?

Jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma (Hartman, 2022, p.11).

Ao passo que a existência negra é uma existência no vestígio, no vestígio da escravidão, de acordo com Christina Sharpe (2023):

E, ao passo que o vestígio produz morte e trauma Negros- “ a violência [...] precede e excede os Negros” – nós, povo preto, em todo e qualquer lugar em que estejamos, ainda produzimos no, para o e através do vestígio uma insistência na existência: ecoando a vida Negra no vestígio (Sharpe, 2023, p.29).

Sendo assim narrar uma história a partir da contra narrativa da fabulação crítica é perceber que, dizer de dissidências negras, não deve ser uma mera narração do que a história disciplinar pressupõe ser um fato histórico diverso. Mas principalmente conseguir fabular a partir dos olhos desses sujeitos, de como eles elaboram a própria existência nas ruas, percebendo como a vida íntima desses sujeitos é uma experiência abundante (Hartman, 2022).

**E cada alma assassinada num navio negreiro  
É ressuscitada por cada rapper negro brasileiro**  
Quando o rap canta, parceiro, quem canta primeiro  
É João Candido, Chico Mendes e Antônio Conselheiro  
E quando as mina canta  
É por Ágatha, Maria, Marielle e outras tantas

**FABIO BRAZZA<sup>70</sup>**  
**Figura 13**



Fonte: <https://jovempan.com.br/programas/panico/fabio-brazza-revela-preconceito-no-rap-aos-poucos-quebrei-barreiras.html>

Saidiyia Hartman (2021) pergunta como se conta uma história do impossível. Ao dizer que cada rapper, ressuscita uma alma do um navio negreiro o poeta está excedendo os limites dos arquivos, rompendo com a temporalidade histórica. A vida do poeta é pelo vestígio e para além do vestígio é uma vida que ecoa vidas que não deixaram nada além de um vestígio sem história, como Vênus de Hartman.

É nesse sentido que Jota Mombaça (2020), em diálogo com Denise Ferreira da Silva (2019), qualificou os corpos negros e indígenas como “máquinas do tempo”, uma vez em que eles não cabem na sequencialidade da temporalidade moderna nacional, ao mesmo tempo em que a possibilitam. O tempo da promessa, para esses outros hierarquizados, é a temporalidade de uma “dívida impagável”, que se reproduz como modo de expropriação e forma de produção de valor, ligando – tal qual em uma fita de Moebius – o passado da plantation ao presente das dívidas financeiras dos precarizados do neoliberalismo (Turin, 2022, p.87).

O passado como afirma o historiador Rodrigo Turin (2022), está montado no próprio corpo, ao cantar de si em uma temporalidade fora da sequencialidade moderna de tempo. É importante perceber que no verso ele menciona figuras históricas negras,

<sup>69</sup> Cf. Disponível em: <https://genius.com/Fabio-brazza-pedro-lotto-and-wey-queima-de-arquivo-lyrics> Acesso em 15 de novembro de 2023.

<sup>70</sup> Cf. Fabio Brazza faz hip-hop popular brasileiro. Música brasileira e hip-hop numa fusão perfeita com as melhores letras do rap nacional da atualidade, crítica social, alegria, ritmo e poesia enchendo os olhos e o coração. Mas seu talento, inteligência e dom de improvisar rimas já fizeram com que ele dividisse o microfone com grandes nomes do gênero, como Gabriel o Pensador, Edi Rock do Racionais MC's e Chali 2na do Jurassic 5. Em abril de 2014 lançou seu primeiro álbum, Filho da Pátria, e já foi parar na lista dos 10 artistas que estão reinventando a música brasileira do site americano Wondering Sound. Disponível em: <https://genius.com/artists/Fabio-brazza> Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

de diversos tempos históricos diferentes, pois o tempo histórico montado pelo poeta para todos é o mesmo, sendo o tempo do impossível.

“Sinto ódio por dentro, trago conhecimento  
Sou empoderamento, eu mantenho a postura  
Eu me lembro de várias, que vocês esqueceram, é  
Noiz no fio da navalha, desde o navio negreiro”  
Rimas e Melodias

### RIMAS E MELODIAS<sup>71</sup>

Figura 14



Fonte: <https://www.letras.mus.br/rimas-e-melodias/cypher/>

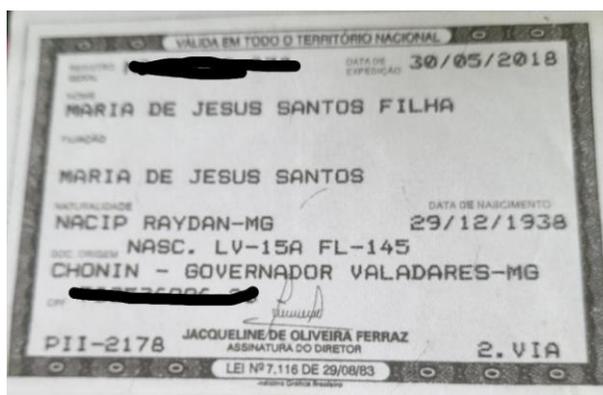
A contra história das mulheres negras, segundo a poeta no verso está na lembrança dela, mesmo que vários a esqueceram. Sendo assim é importante perceber que a poeta a todo momento entende e compreende que o que ela traz no verso é conhecimento, e esse conhecimento está entranhado na memória, pelo “fio da navalha” desde o processo de colonização, espoliação dos navios negreiros.

Sendo assim as escritas das poetas e dos poetas fabulações críticas, é importante perceber que sempre sobram e restam lacunas, a poeta afirma que lembra de várias, mas não afirma quantas. Acima Monna Brutal também lembra dos entes queridos, mas não diz quais são, sendo essa opacidade a própria impossibilidade de dar fechamento a essa história. Sendo o a impossibilidade a temporalidade possível experimentada pelos poetas nos versos.

<sup>71</sup> Cf. Alt Niss, Drik Barbosa, Karol de Souza, Stefanie MC, Tássia Reis, Tatiana Bispo e DJ Mayra Maldjian formaram o Rimas & Melodias no final de 2015, com a proposta de desconstruir moldes e fortalecer a presença feminina, sobretudo a negra, no hip hop, na música e na sociedade como um todo. Hoje, elas promovem um diálogo potente entre rap, r&b e neo soul. Disponível em: <https://genius.com/artists/Rimas-and-melodias> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de liberdade e paz  
 Recuar? Jamais  
**Acredite em mim, estamos vencendo**  
**Pergunte ao Orixá chamado tempo**  
 Zudzilla (grifo nosso)



**Figura 15: Documento Identidade da minha Vó**  
**Fonte: Arquivo Pessoal**

Como pergunta a historiadora Beatriz Nascimento (2021, p.37) como podemos entender, retomar o tempo da história, uma história do negro por ele mesmo. “Como fazer, como escrever a história sem se deixar escravizar pela sua abordagem e fragmentariamente? ” Segundo a historiadora o tempo está na corporeidade negra porque a história do negro no Brasil é a história viva no corpo preto (Nascimento, 2021).

Portanto a afirmação e questionamento de Beatriz Nascimento (2021), poderia ser a mesma afirmação e questionamento da historiadora mulher negra que sou hoje. Porque temporalidade do impossível não atravessa só o verso, mas minha existência na escrita dessa dissertação. A historiadora afirma que: “as coisas que reflito neste momento já existiam no ventre de minha mãe, num quilombo qualquer no Nordeste, na África, aonde já não quero e não posso voltar”. As questões com as quais reflito passa por questionar a temporalidade histórica que permeia a corporeidade negra na modernidade, desde da invenção do sujeito racial (Nascimento, 2021, p.46).

O tempo que permeia corporeidade negra é o tempo do impossível do meu corpo, quando mais eu escrevia e eu experimentava junto aos versos essa

temporalidade indizível, eu recuperava a minha memória sobre minha família. Esse documento de identidade acima é da minha Vó materna e ele só tem nome dela os sobrenomes foram inventados, acredito que até o primeiro nome porque ninguém a conhece pelo primeiro nome. Existe dentro da Afro diáspora um lugar de opacidade que é impossível nomear, o tempo que permeia o impossível, é o vácuo, é local indizível que permeia a experiências dos sujeitos negros/negras. Portanto como construir uma contra narrativa, como recuperar uma memória em um tempo que não é possível de se apreender, mas possível de se experimentado no corpo, no cotidiano. Seria então possível fabulando contra narrativas através dos versos? Experimentando construir narrativas sobre si longe da definição ocidental sobre a corporeidade negra?

Em vez de imputar um tempo aos versos, transpomos a pergunta, e perguntamos aos versos. Qual o tempo enunciado em seus procedimentos poéticos de escritas nos versos? Ao acionar os enunciados da escravidão que tempo é enunciado nesse experimento? Pensar uma narrativa contra hegemônica fora da gramática ocidental longe dos modelos cognitivos modernos, requer o esforço de construção de outras bases epistêmicas.

Portanto a pesquisa se encaminhou para perceber como os poetas/*rappers* estão experimentando a temporalidade históricas nos seus versos. A partir de versos diversos como estão trabalhando os enunciados da escravidão, dando assim uma temporalidade diversa da historiografia disciplinar para esse enunciado histórico. Sendo assim o experimento de pensamento construído pelos poetas a partir dos versos são uma forma de ficcionar o tempo histórico. Pois estão enunciando como as corporeidades negras experimentam o tempo em suas vivências cotidianas.

A presente pesquisa se encaminhou perguntar os versos sobre essa temporalidade outra é experimentada pelos poetas. Podendo assim se encaminhar a uma pesquisa futura outras perguntas possíveis que permeiam essa discussão. Sendo assim é necessário ainda se perguntar quais os regimes de historicidades produzidos nessa temporalidade do impossível? É possível produzir e pensar um método desse tempo do impossível ou resta para ele só a opacidade e a fabulação crítica? Se o passado é enunciado de certa forma no presente ele enuncia um futuro? Se o *rap* é uma produção da diáspora negra como os outros sujeitos estão experimentando esse tempo histórico

Nesse ano que celebra cinquenta (50) anos do movimento hip-hop no mundo, marcada pela luta para aprovação do decreto que irá considerar o rap como patrimônio

imaterial do Brasil<sup>72</sup>. É importante demarca como esse movimento da afro-diáspora representa uma contra história da população negra periférica no mundo no atlântico negro e para além do atlântico negro. A cultura da diáspora Afro atlântica, principalmente a música foi o lugar onde sujeitos negros e negras estão experimentando a própria experiência no mundo, se inventando e construindo uma contra história em nome próprio. Por isso vencemos sempre porque o tempo de nossa corporeidade é tempo fabulado por nossos mitos, nossas invenções, é um tempo que não cabe dentro de uma matriz colonial de temporalidade. Do hip-hop ao samba, do samba ao jazz.

Os versos são algo que é música, não é mais música, que corre profundamente até-os-ossos, que ergue um navio fantasma, algo que interrompe o desconexo, “desmarca e marca no corte”. É na quebra de sentido em questão do tempo histórico que se inventa, que se compõe e que se revela outras possibilidades. Sendo necessário descer nas profundezas da música e se demorar lá (Moten, 2023)

O vácuo do arquivo da escravidão é um vácuo que permeia a minha existência como mulher negra das mulheres negras no Brasil, minha vó a quem eu dedico essa dissertação, uma mulher negra afroindígena, não possuía nenhum outro nome a não ser o dela para se registrar documentalmente. Sendo assim a sua história e de sua vida é uma fabulação que não cabe nos arquivos e não tem nenhum lastro documental, o seu sobrenome foi inventado para registro oficiais e o seu passado e sua a história, fabulado e inventada por sua memória.

Como afirma Fred Moten (2023), invisibilidade, o vácuo é uma marca racial visível. A modernidade ao colocar certos sujeitos como invisíveis, irreconhecíveis, sem lastro documental da existência, é reconhecimento da própria modernidade como determinados corpos são irreconhecíveis. Como se esse ser irreconhecível, fosse abjeto e fora de consciência. Os versos transgridem o tempo histórico, desconstruindo a estrutura linear das temporalidades e reconfigura a própria representação do tempo (Moten, 2023).

---

<sup>72</sup> Cf. No dia 20 de novembro de 2023, o atual presidente em exercício Luís Inácio Lula, na cerimônia de celebração do dia da consciência negra no Palácio do Planalto assinou o decreto de Valorização e Fomento da Cultura Hip-hop e o Projeto de Lei (PL) que prevê a criação do Dia Nacional do Hip-hop em 11 de agosto. A atual ministra da cultura Margareth Menezes participou desse momento. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/em-ato-historico-presidente-lula-assina-decreto-de-valorizacao-e-fomento-a-cultura-hip-hop-no-pais> Acesso em 10 de janeiro de 2023.

É necessário nós como pesquisadores e historiadores insistimos na vida e nas existências de sujeitas e sujeitos negras e negros que estão em nome próprio construindo o seu presente, passado e futuro. Construindo então a partir de uma experiência de um tempo histórico do impossível, porque insistir na existência em um mundo que inventou a escravidão é narrar uma contra história, sua história, que é um lugar onde os documentos históricos não são capazes de apreender. A fabulação e a invenção para historiador disciplinar são um crime aos métodos e as regras disciplinares da história, mas para o sujeito que vive a opacidade talvez será a única saída possível.



**Figura 16: Dona Quinha pintando seu muro**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Sara Ahmed; traduzido por Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. – São Paulo: Ubu Editora, 2022

ANDRADE, Érico. **Negritude sem identidade**: sobre as narrativas singulares das pessoas negras. - São Paulo: n-1 edições, 2023.

BARROS, José d' Assunção. Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. **Ler História**, 71, 2017, 155-180.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o Conceito de História. In: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. (Trad. Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto; Prefácio de Theodor Adorno); Lisboa: Antropos, 1992.

BORGES. Lei Áurea (Prod. L3ozin). Youtube, 28 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oZ5cXFJPXDA>

BUTLER, Kim D. & DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras**. 1a ed. São Paulo: Perspectiva, 2020

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

BRUTAL, Monna. MONNA BRUTAL - 11:11 (PROD. Z-ROCK). Youtube, 28 de mai. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inm3xOwytgM>

CARDOSO JR, Hélio Rebello. MUDROVCIC, María Inés. LANDWEHR, Achim. TEMPOS DA HISTÓRIA: Uma Visão Geral dos Estudos acerca do Tempo Relacionados à Teoria da História (Conceitos, Questões e Tendências). **História** (São Paulo), v.42, e2023043, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2023043.pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/bSxkWh4JH6xtHKXDWKbdtqM/?lang=pt#> Acesso em 10 de janeiro de 2024.

CESAR MC - Quem tem boca vaia Roma (Prod. Giffoni). Youtube, 13 de jul. de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=or43G\\_BMPc4](https://www.youtube.com/watch?v=or43G_BMPc4)

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Aimé Césaire, tradução; Anísio Garcez Homem. (Impresso no Brasil, 2020). ISBN 978-85-7662-057-0.

CÊRA, Flavia. Dizer o indizível: um fazer. In: XXIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, *on-line*, 2021.

COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismo. In: Estruturalismo – Antologia de textos teóricos. São Paulo: 1979. p. III-LXXV.

COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade** / Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CONRAD, Sebastian. **Abordagens concorrentes & História Global: uma abordagem distinta**. In: \_\_\_\_\_. O que é a História Global? Lisboa: Edições 70, 2019, p. 53-110.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: Uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**. N.2 V.2. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16219> Acessado em 10 de janeiro de 2024.

EMICIDA. Boa Esperança. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

FABIO BRAZZA. Queima de Arquivo (Prod. Lotto & WEY). Youtube, 2 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QD-czGenT8U>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FAVELA CRIA, Sodoma ADL | Sant | DoisT (Prod. Yan Souza | Índio). Rio de Janeiro: Selo Favela Cria, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ATNhcOel6SU>. Acesso em 18 de agosto de 2023

FAVELA VIVE 2, (Cypher) – ADL, BK, Funkero e MV Bill (Prod. Índio). 23 de dez. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYvrvwZmjXJY>

FAVELA VIVE 3. ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa & Negra Li (Prod. Índio & Mortão). Youtube, 9 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>

FAVELA VIVE 5. ADL | Major RD | Mc Hariel | Mc Marechal | Leci Brandão (Prod. Índio). Youtube, 26 de jan. de 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=R\\_4Clufmtq8](https://www.youtube.com/watch?v=R_4Clufmtq8)

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2010

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar, 2020

GORDON, Lewis R. Decadência Disciplinar e a De(S)Colonização do Conhecimento. Tradução: Marcos de Jesus Oliveira, Elzahra Mohamed Radwan Omar Osman. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), 110-126, 2017.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 28 set. 2023.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão. *Periódicus*, Salvador, n. 14, v.1, nov.2020-abr.2021 – **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Publicação periódica vinculada ao Núcleo de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN:2358-0844. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acessada em 13 de setembro de 2023.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: **Pensamento Negro Radical**. Trad: Allan K. Perreira [ et al. ]. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais / Saidiya Hartman; tradução Floresta. - São Paulo: Fósforo, 2022.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismos/ bell hooks; tradução Bhuvi Libanio. – 2º ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódio de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEINBERG, Ethan. **Historicidade espectral**: teoria da história em tempos digitais. Tradução e apresentação: André da Silva Ramos. Coleção Fronteiras da Teoria, volume 5. Vitória: Editora Milfontes, 2020. E-book Kindle.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica a dos tempos s históricos / Reinhart Koselleck; tradução do original do alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo** / Reinhart Koselleck; organizado por Hans Ulrich Gumbrecht e Thamara de Oliveira Rodrigues; traduzido por Luiz Costa Lima - São Paulo: Editora Unesp, 2021.

KOSELLEK, Reinhart. **“Espaços de experiência” e “horizontes de expectativas”**. IN: Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma

Patrícia Mass, Carlo Almeida Pereira. 3. Edição. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 2012, 305-327.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (1953) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente. (1957) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 496-533.

LÖWY, Michael, 1938 **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história" / Michael Löwy; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. - São Paulo: Boitempo, 2005

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: O Reinado do Rosário no jatobá/ Leda Maria Martins. São Paulo. Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra** / Achille Mbembe; traduzido por Sebastião Nascimento - São Paulo: n- 1 edições, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. A sutura (Elementos da lógica do significante). In: Estruturalismo – Antologia de textos teóricos. São Paulo: 1979. p. 211-224.

MILLS, Charles W. Ignorância Branca. **Griot**: Revista de Filosofia, Amargosa. Tradução: Breno Santos, N. 1, Vol. 17, pp. 413-438, 2018.

MILLS, Charles W. **O Contrato Racial**: Edição comemorativa de 25 anos / Charles W. Mills; tradução Teófilo Reis, Breno Santos. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MONNA BRUTAL. CARTA ABERTA - PROD Rodrigues997 (LYRIC VIDEO). Youtube, 5 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wTjprVGHE9E>

MONNA BRUTAL. 11/11. Youtube, 28 de mai. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inm3xOwytgM>

MOTEN, Fred. **Na quebra**: a estética da tradição radical preta / Fred Moten; traduzido por Matheus Araujo dos Santos. – São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos / Beatriz Nascimento; organização Alex Ratts. – 1º ed- Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NIC DIAS. Remédio pra Racista É Bala. Youtube, 16 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ca4sVKA6Os>

NIC DIAS. Guilhotina. Youtube, 11 de out. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzPWERclwec>

NJERI, AZA. **Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra**. Ítaca n.º 36 – Especial Filosofia Africana, p.164- 226, 2020

OLIVEIRA, Maria da Gloria de. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo: When will the decolonial be? Coloniality, historical repair and politicization of time. **Caminhos da História**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 58–78, 2022. DOI: 10.46551/issn.2317-0875v27n2p.58-78. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/5438>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

OLIVEIRA, Roberto Camargos. “Se a história é nossa, deixa que nós escreve”: os rappers como historiadores. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 77-92, jan.-jun. 2018.

OLIVEIRA, Roberto Camargos. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira/ Roberto Camargos de Oliveira. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2015.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**: Um estudo comparativo/ Orlando Patterson: Tradução: Fabio Duarte Joly. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

PEREIRA, Allan Kardec. Impróprios para a História: Rebelião, Tempo e Antinegitude em Ferguson (2014-) / Allan Kardec Pereira. -- 2022. 249 f. Orientador: Arthur Ávila. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

PSICOPRETAS vol.1 - Sistah Chilli | Danna Lisboa | Bia Doxum | Anarka | Dory de Oliveira | Cris SNJ. Youtube, 24 de mar. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bxqhlctLIZY>

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). História, verdade e tempo. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-49.

RIMAS E MELODIAS. Origens (videoclipe oficial). Youtube, 29 de jul. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jBTUZC0j1ug>

ROSE, Trícia. **Barulho de preto**: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. Tradução: Daniela Vieira; Jaqueline Lima Santos. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SAGAZ, part. Djonga - Nexus (prod. KVSH) [VIDEOCLÍPE OFICIAL]. Youtube, 11 de jan. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1qmBlSowDUY>

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: Uma história da formação do país / Ynaê Lopes dos Santos. — 1. ed. — São Paulo: Todavia, 2022.

SANT & LP BEATZZ — Pertence ao Crime. Youtube, 14 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HufVoUv9wJ4>

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negridade e existência/ Christina Sharpe; Título original: In the Wake: On Blackness and Being; traduzido por Jess Oliveira. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. **A Dívida Impagável** (São Paulo: 2019). ISBN 978-85-7715-615-3

SILVA, Denise Ferreira da. “O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo”. Histórias afro-atlânticas. V. 2. São Paulo: MASP, 2018: 407-411.

SILVA, Denise Ferreira da. 1 (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor. Denise Ferreira da Silva; tradução Almícar Parcker, revisão Daniel Luhman, 2017.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homus modernus** – Por uma ideia global de raça / Denise Ferreira da Silva; tradução Jess Oliveira, Pedro Daher. 1 Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SILVA E SOUSA, Fernanda. (2023). "Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos": uma entrevista com Saidiya Hartman. **ODEERE**, 8(1), 1-23. <https://doi.org/10.22481/odeere.v8i1.12538>

SILVÉRIO, Valter Roberto. O programa Brasil-África na construção da ideia de diáspora Africana. **Revista do PPGCS** – UFRB – Novos Olhares Sociais- Vol.1 - n.1 - p. 131-162, 2018

SPILLERS, Hortense J. Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book. **Diacritics**, Baltimore, v. 17, n. 2, p. 64-81, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/464747>. Acesso em: 02 jul. 2023.

TURIN, Rodrigo. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. Bicentenário da Independência • **Estud. Av.** 36 (105) • May-Aug 2022 DOI: • <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XRmFjLvCRmXVHbfLswv93Wp/?lang=pt#> Acessado em: 15 de novembro de 2023.

VICTOR XAMÃ - Calor part. Nic Dias (prod. l v k s). Youtube, 26 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4uMGEGdoPA>

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismos: Frank B. Wilderson III**. Título original: *Afropessimism*. Tradução: Rogerio W Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia, 1º ed. 2021

WYNTER, Sylvia. Nenhum Humano Envolvido: carta aberta aos colegas. In: *Pensamento Negro Radical*. Trad: Allan k. Perreira [ et al. ]. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021.

ZELEZA, Paul Tiyambe. "African Diasporas: Toward a Global History." *African Studies Review*, vol. 53, no. 1, 2010, p. 1–19. **JSTOR**. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40863100>. Acessado 5 de Maio de 2023.

ZUDIZILLA - Tempo (Interlúdio) feat. Galo de Luta (Visualizer Oficial). Youtube, 7 de jul. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxRWDw1wVww>

**ANEXO A****Fontes****Busca “navio negreiro”, site Genius.com**

<b>Título da musica</b>	<b>Rappers</b>	<b>Fonte</b>
Sem Memória	DK 47	<a href="https://genius.com/Dk47-sem-memoria-lyrics">https://genius.com/Dk47-sem-memoria-lyrics</a>
Afro Rep	Rincon Sapiência	<a href="https://genius.com/Rincon-sapiencia-afro-rep-lyrics">https://genius.com/Rincon-sapiencia-afro-rep-lyrics</a>
Manifesto/Pule	Garota	<a href="https://genius.com/Rimas-and-melodias-manifesto-pule-garota-lyrics">https://genius.com/Rimas-and-melodias-manifesto-pule-garota-lyrics</a>
O Homem Estragou Tudo	Facção Central	<a href="https://genius.com/Facao-central-o-homem-estragou-tudo-lyrics">https://genius.com/Facao-central-o-homem-estragou-tudo-lyrics</a>
Queima de Arquivo	Fabio Brazza, Pedro Lotto & WEY	<a href="https://genius.com/Fabio-brazza-pedro-lotto-and-wey-queima-de-arquivo-lyrics">https://genius.com/Fabio-brazza-pedro-lotto-and-wey-queima-de-arquivo-lyrics</a>
Discurso ou Revólver	Facção Central	<a href="https://genius.com/Facao-central-discurso-ou-revolver-lyrics">https://genius.com/Facao-central-discurso-ou-revolver-lyrics</a>
Visões	TheGusT MC's	<a href="https://genius.com/Thegust-mcs-visoes-lyrics">https://genius.com/Thegust-mcs-visoes-lyrics</a>
Olha o Menino	Helião & Negra Li	<a href="https://genius.com/Heliao-and-negra-li-olha-o-menino-lyrics">https://genius.com/Heliao-and-negra-li-olha-o-menino-lyrics</a>
Cypher Santa Cruz #1	Afrika Kidz Crew	<a href="https://genius.com/Afrika-kidz-crew-cypher-santa-cruz-1-lyrics">https://genius.com/Afrika-kidz-crew-cypher-santa-cruz-1-lyrics</a>
Sinal de Fumaça	Damassaclan	<a href="https://genius.com/Damassaclan-sinal-de-fumaca-lyrics">https://genius.com/Damassaclan-sinal-de-fumaca-lyrics</a>
Navio Negreiro	Slim Rimografia	<a href="https://genius.com/Slim-rimografia-navio-negreiro-lyrics">https://genius.com/Slim-rimografia-navio-negreiro-lyrics</a>
Jeira\$u Cósmica	Matéria Escura	<a href="https://genius.com/Materia-escura-jeira-u-cosmica-lyrics">https://genius.com/Materia-escura-jeira-u-cosmica-lyrics</a>
Sou Neguinho	Pelé do Manifesto	<a href="https://genius.com/Pele-do-manifesto-sou-neguinho-lyrics">https://genius.com/Pele-do-manifesto-sou-neguinho-lyrics</a>
Babilônia	Virax	<a href="https://genius.com/Virax-babilonia-lyrics">https://genius.com/Virax-babilonia-lyrics</a>
Máscaras	Aori	<a href="https://genius.com/Aori-mascaras-lyrics">https://genius.com/Aori-mascaras-lyrics</a>
Nessa Rota, Mó Cota...	Jovem Esco	<a href="https://genius.com/Jovem-esco-nessa-rotamo-cota-lyrics">https://genius.com/Jovem-esco-nessa-rotamo-cota-lyrics</a>
menor da zn 2	Young Axe	<a href="https://genius.com/Young-axe-menor-da-zn-2-lyrics">https://genius.com/Young-axe-menor-da-zn-2-lyrics</a>
Sopa	GOG	<a href="https://genius.com/Gog-sopa-lyrics">https://genius.com/Gog-sopa-lyrics</a>
Realidad	Grödash	<a href="https://genius.com/Grodash-realidad-lyrics">https://genius.com/Grodash-realidad-lyrics</a>
Camburão Negreiro	Realidade Cruel	<a href="https://genius.com/Realidade-cruel-camburao-negreiro-lyrics">https://genius.com/Realidade-cruel-camburao-negreiro-lyrics</a>
Só Deus	Edi Rock	<a href="https://genius.com/Edi-rock-so-deus-lyrics">https://genius.com/Edi-rock-so-deus-lyrics</a>
Tabuleiro da Cor	Banda Black Rio	<a href="https://genius.com/Banda-black-rio-tabuleiro-da-cor-lyrics">https://genius.com/Banda-black-rio-tabuleiro-da-cor-lyrics</a>

Tempo (Interlúdio)	Zudzilla	<a href="https://genius.com/Zudzilla-tempo-interludio-lyrics">https://genius.com/Zudzilla-tempo-interludio-lyrics</a>
Mãe África	Consciência Humana	<a href="https://genius.com/Consciencia-humana-mae-africa-lyrics">https://genius.com/Consciencia-humana-mae-africa-lyrics</a>
Quanto	Projota	<a href="https://genius.com/Projota-quanto-lyrics">https://genius.com/Projota-quanto-lyrics</a>
Legado	Ares, O Alef	<a href="https://genius.com/Ares-o-alef-legado-lyrics">https://genius.com/Ares-o-alef-legado-lyrics</a>

Busca “senhor de engenho”

A Saga	Rudah Zion	<a href="https://genius.com/Rudah-zion-a-saga-lyrics">https://genius.com/Rudah-zion-a-saga-lyrics</a>
Negro Drama	Racionais MC's	<a href="https://genius.com/Racionais-mcs-negro-drama-lyrics">https://genius.com/Racionais-mcs-negro-drama-lyrics</a>
CORRA	Djonga	<a href="https://genius.com/Djonga-corra-lyrics">https://genius.com/Djonga-corra-lyrics</a>
Backstage	Costa Gold	<a href="https://genius.com/Costa-gold-backstage-lyrics">https://genius.com/Costa-gold-backstage-lyrics</a>
Disscanse em Paz	Diomedes Chinaski	<a href="https://genius.com/Diomedes-chinaski-disscanse-em-paz-lyrics">https://genius.com/Diomedes-chinaski-disscanse-em-paz-lyrics</a>
Lupa	Djonga	<a href="https://genius.com/Djonga-lupa-lyrics">https://genius.com/Djonga-lupa-lyrics</a>
Medusa	Nectar Gang	<a href="https://genius.com/Nectar-gang-medusa-lyrics">https://genius.com/Nectar-gang-medusa-lyrics</a>
Passando a Limpo	Coruja BC1	<a href="https://genius.com/Coruja-bc1-passando-a-limpo-lyrics">https://genius.com/Coruja-bc1-passando-a-limpo-lyrics</a>
Nexus	Sagaz	<a href="https://genius.com/Sagaz-nexus-lyrics">https://genius.com/Sagaz-nexus-lyrics</a>
A Burguesia Fede	Funkero	<a href="https://genius.com/Funkero-a-burguesia-fede-lyrics">https://genius.com/Funkero-a-burguesia-fede-lyrics</a>
Crime Bárbaro	Rincon Sapiência	<a href="https://genius.com/Rincon-sapiencia-crime-barbaro-lyrics">https://genius.com/Rincon-sapiencia-crime-barbaro-lyrics</a>
Sem Revólver	Favela Cria	<a href="https://genius.com/Favela-cria-sem-revolver-lyrics">https://genius.com/Favela-cria-sem-revolver-lyrics</a>
Coroação	Rimas & Melodias	<a href="https://genius.com/Rimas-and-melodias-coroacao-lyrics">https://genius.com/Rimas-and-melodias-coroacao-lyrics</a>
Democracia Racial de Sangue	Eduardo Taddeo	<a href="https://genius.com/Eduardo-taddeo-democracia-racial-de-sangue-lyrics">https://genius.com/Eduardo-taddeo-democracia-racial-de-sangue-lyrics</a>
Papel, Caneta e Coração	Emicida	<a href="https://genius.com/Emicida-papel-caneta-e-coroacao-lyrics">https://genius.com/Emicida-papel-caneta-e-coroacao-lyrics</a>
Foice, Facão e Peixera	Vírus	<a href="https://genius.com/Virus-bra-foice-facao-e-peixera-lyrics">https://genius.com/Virus-bra-foice-facao-e-peixera-lyrics</a>
Impé(Rio)	<a href="#">NAAN</a>	<a href="https://genius.com/Naan-imperio-lyrics">https://genius.com/Naan-imperio-lyrics</a>
Thiago Elniño	Bença!	<a href="https://genius.com/Thiago-elnino-benca-lyrics">https://genius.com/Thiago-elnino-benca-lyrics</a>
Mara Sarva Truta	Moderna Escravidão	<a href="https://genius.com/Mara-sarva-truta-moderna-escravidao-lyrics">https://genius.com/Mara-sarva-truta-moderna-escravidao-lyrics</a>
Por Um Triz	Negus	<a href="https://genius.com/Negus-por-um-triz-lyrics">https://genius.com/Negus-por-um-triz-lyrics</a>
Não É Desenho	Rashid	<a href="https://genius.com/Rashid-nao-e-desenho-lyrics">https://genius.com/Rashid-nao-e-desenho-lyrics</a>
Revoilusão (Dívida)	Rashid	<a href="https://genius.com/Rashid-revoilusao-divida-lyrics">https://genius.com/Rashid-revoilusao-divida-lyrics</a>

Who Dat Boy (Verso Livre)	Hórus Beatz	<a href="https://genius.com/Horus-beatz-who-dat-boy-verso-livre-lyrics">https://genius.com/Horus-beatz-who-dat-boy-verso-livre-lyrics</a>
Era Primata	Pete Mcee	<a href="https://genius.com/Pete-mcee-era-primata-lyrics">https://genius.com/Pete-mcee-era-primata-lyrics</a>
Sob Os Olhos da Gárgula	Templo Negro	<a href="https://genius.com/Templo-negro-sob-os-olhos-da-gargula-lyrics">https://genius.com/Templo-negro-sob-os-olhos-da-gargula-lyrics</a>
BXNG	Black Money	<a href="https://genius.com/Black-money-bxng-lyrics">https://genius.com/Black-money-bxng-lyrics</a>
Fúria	Rafa Nunes	<a href="https://genius.com/Rafa-nunes-furia-lyrics">https://genius.com/Rafa-nunes-furia-lyrics</a>
Inter.roga.sound	Brow Louco	<a href="https://genius.com/Brow-louco-interrogasound-lyrics">https://genius.com/Brow-louco-interrogasound-lyrics</a>
W.D.D	Nic Dias	<a href="https://genius.com/Nic-dias-wdd-lyrics">https://genius.com/Nic-dias-wdd-lyrics</a>
Bota a Mão Pra Cima	MC Marechal	<a href="https://genius.com/Mc-marechal-bota-a-mao-pra-cima-lyrics">https://genius.com/Mc-marechal-bota-a-mao-pra-cima-lyrics</a>

### Busca “senzala”

Boa Esperança	Emicida	<a href="https://genius.com/Emicida-boa-esperanca-lyrics">https://genius.com/Emicida-boa-esperanca-lyrics</a>
Primavera Fascista	Setor Proibido	<a href="https://genius.com/Setor-proibido-primavera-fascista-lyrics">https://genius.com/Setor-proibido-primavera-fascista-lyrics</a>
Poetas da Babilônia	Nocivo Shomon	<a href="https://genius.com/Nocivo-shomon-poetas-da-babilonia-lyrics">https://genius.com/Nocivo-shomon-poetas-da-babilonia-lyrics</a>
Mãe	Emicida	<a href="https://genius.com/Emicida-mae-lyrics">https://genius.com/Emicida-mae-lyrics</a>
Ponto de Força	O mundo ao Norte	<a href="https://genius.com/O-mundo-ao-norte-ponto-de-forca-lyrics">https://genius.com/O-mundo-ao-norte-ponto-de-forca-lyrics</a>
bingo	Don L	<a href="https://genius.com/Don-l-bingo-lyrics">https://genius.com/Don-l-bingo-lyrics</a>
Opinião	PrimeiraMente & Ingles	<a href="https://genius.com/Primeiramente-and-ingles-opiniao-lyrics">https://genius.com/Primeiramente-and-ingles-opiniao-lyrics</a>
Tatuagens Cicatrizes & Diamantes	NGA	<a href="https://genius.com/Nga-tatuagens-cicatrizes-and-diamantes-lyrics">https://genius.com/Nga-tatuagens-cicatrizes-and-diamantes-lyrics</a>
Passando a Limpo	Coruja BC1	<a href="https://genius.com/Coruja-bc1-passando-a-limpo-lyrics">https://genius.com/Coruja-bc1-passando-a-limpo-lyrics</a>

Busca ativa, versos que fazem referência ao procedimento poético da escrita do verso, uma vez que entendo o verso experimento de pensamento.

Remédio pra Racista É Bala	Nic Dias	<a href="https://genius.com/Nic-dias-remedio-pra-racista-e-bala-lyrics">https://genius.com/Nic-dias-remedio-pra-racista-e-bala-lyrics</a>
Psicopretas Vol. 1	Psicopretas	<a href="https://genius.com/Narceja-producoes-psicopretas-vol-1-lyrics">https://genius.com/Narceja-producoes-psicopretas-vol-1-lyrics</a>
Guilhotina	Nic Dias	<a href="https://genius.com/Nic-dias-guilhotina-lyrics">https://genius.com/Nic-dias-guilhotina-lyrics</a>